



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

MILTON MARTINS RIBEIRO

**SÃO DOMINGOS
TRADIÇÕES E CONFLITOS**

**Goiânia - Goiás
2008**

MILTON MARTINS RIBEIRO

**SÃO DOMINGOS
TRADIÇÕES E CONFLITOS**

Dissertação apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação *Strito Sensu* em História da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do Título de Mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Poder.

Orientadora: Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante

**Goiânia - Goiás
2008**

Dissertação de autoria de Milton Martins Ribeiro, intitulada “São Domingos: Tradições e Conflitos”, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História, Cultura e Poder, defendida e aprovada, em 18 de dezembro de 2008, pela banca examinadora constituída por:

Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
Orientadora

Dra. Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira (UFG)

Dra. Gercinair Silvério Gandara (UFG/UNIP)

Em memória de meu pai Mito Martins Ribeiro

A este homem que tanto admirei, com suas virtudes e seus defeitos.

O mestre de olhar austero, que sempre me mostrou o caminho da vida.

Meigo, generoso e amigo, me ensinou a caminhar com esperança, certezas e confiança em um futuro sempre melhor.

Ilimitado, seu coração ultrapassou as fronteiras da família, da cidade, do país. Foi agraciado com o prêmio Nobel da Paz de 1988, em reconhecimento à sua luta em favor dos Direitos Humanos.

Teve seu nome imortalizado na história. Tornou-se um Mito de esperança que trago em meu coração, com tantas lembranças e memórias,

O meu velho, meu amigo, meu pai. Dedico a ti *in* memória este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Quando me deparo com a dissertação concluída e lembro desses dois últimos anos de trabalho, tenho a comprovação de que o ser humano é um ser social, que precisa viver cooperativamente e que nada que produz deve-se apenas a seu mérito individual.

Tive a felicidade de contar com a colaboração de inúmeras pessoas para a realização dessa pesquisa. Algumas me ajudaram com ações concretas e profissionais; outras com apoio logístico e emocional, outras com o simples ato de me amarem e acreditarem em mim.

A todas essas pessoas deixo meus sinceros agradecimentos. Não poderia deixar de registrar o quanto devo à minha orientadora, Maria do Espírito Santo, que me apoiou e incentivou desde o momento em que manifestei o desejo de realizar este trabalho. Ela soube ser orientadora no sentido exato do termo, guiando a pesquisa para rumos inusitados e bem mais fecundos do que o proposto originalmente.

Agradeço imensamente à equipe de funcionários do Departamento de História da Universidade Católica de Goiás que sempre me ajudou nos momentos de maior urgência.

À população de São Domingos e Terra Ronca os meus agradecimentos sinceros, pois me permitiu que participasse de sua privacidade com perguntas intermináveis, me presenteando com narrativas, testemunhos, fotos e documentos de suas famílias.

A escritora e poetista Stella Rodopoulos, pelo seu grande coração e gentileza em me permitir incluir seus belos versos em meu trabalho.

Um agradecimento especial a minha mãe Therezinha, que sempre acreditou em mim em todos os momentos de minha vida. Devo-lhe mais essa conquista.

A minha irmã Deise, pelo apoio incondicional e pelas sábias palavras que me fizeram querer ir sempre adiante.

Por último, mas não nessa ordem de importância, quero agradecer minha família e meus amigos que estiveram ao meu lado nesses anos de curso. A minha esposa Jeanette e minhas filhas Synthia e Cristina, pela compreensão e estímulo diante da minha ausência devido a tantas horas de dedicação à pesquisa.

RESUMO

O presente estudo retrata a situação do Município de São Domingos, onde está inserido o Parque Estadual de Terra Ronca, não pela vertente ambientalista, mas especialmente sob o viés da história oral dos seus mitos, lendas e tradições. O objetivo da pesquisa foi registrar e documentar a diversidade das expressões culturais do município e identificar as razões da redução e desaparecimento de várias manifestações. Assim, optou-se por uma pesquisa de natureza exploratória, fundamentada na abordagem qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram definidos em função de suas finalidades. Foram utilizadas entrevistas, observações de campo e análise de documentos. O Parque de Terra Ronca foi criado em 1989 para proteger um valioso complexo espeleológico no qual são encontradas sete das trinta maiores cavernas do Brasil. Nesse município, situado no nordeste goiano, surgido no período do ciclo do ouro, hoje está inserido em uma região considerada como o corredor da miséria do Estado de Goiás. O município possui um patrimônio cultural e religioso bastante rico e diversificado, como a Romaria do Bom Jesus da Lapa, que tem sua representação cultural com missas, batizados e festas, desenvolvidas dentro da gruta. Das mais de trezentas cavernas que compõem o Parque, a gruta Terra Ronca é a mais conhecida e a mais cheia de mistérios e lendas, entre elas, a de que serviu de esconderijo para a população da cidade, quando da passagem da Coluna Prestes por São Domingos. Nos dias atuais, a população vive problemas de redução ou de desaparecimento de algumas de suas expressões culturais, característica marcante de sua identidade regional. Os resultados indicaram que a implantação da Unidade de Conservação do Parque Estadual de Terra Ronca foi o grande motivador de diversos conflitos, que puderam ser percebidos nas questões fundiárias, que não considerou conciliar ocupação humana com preservação ambiental, provocando um forte sentimento de rejeição, insegurança e insatisfação nos proprietários de terras daquela localidade. Esse conflito sócio-ambiental proporcionou sérios reflexos sobre a manutenção dos aspectos culturais, particularmente, sobre seus mitos, lendas e tradições.

Palavras-chave: São Domingos. Mitos. Lendas. Tradições

ABSTRACT

The present study portrays the situation of São Domingos, a district where the “Terra Ronca” State Park is situated, not due to its environmental aspects, but especially, because of the oral history bias of its myths, legends and traditions. The objective of the research was to register and to document the diversity of the cultural expressions of the municipal district and to identify reasons for the reduction and disappearance of several manifestations. Therefore, the study opted for an exploratory nature based research, grounded on a qualitative approach. Data collection instruments were defined due to their purposes. Semi-structured interviews, field observations and document analysis were conducted. The “Terra Ronca” State Park was created in 1989 to protect a valuable speleological complex, in which seven of the thirty largest caves in Brazil are found. That municipal district, located in the “goiano” northeast, appeared in the period of the gold cycle and is nowadays inserted in an area considered as the poverty corridor of the State of Goiás. Its interior shelters a cultural and religious heritage, which is quite rich and diversified, as the Pilgrimage to “Bom Jesus da Lapa”, which has its cultural representation with masses, baptisms and parties developed inside a cave. Of the more than three hundred caves which compose the Park, the “Terra Ronca” cave is the best known and most surrounded by mysteries and legends. Among them, it is said that the cave served as a hiding place for the city’s population when the “Coluna Prestes”, a group of rebels, passed through São Domingos. Nowadays, the people that live in the Park go through problems such as the reduction or disappearance of their cultural expressions, an outstanding characteristic of their regional identity. The results indicated that the implementation of the Conservation Unit of the “Terra Ronca” State Park was the great motivator of several conflicts, which could be noticed in issues related to the land. The Unit did not consider the reconciliation between the human occupation and the environmental preservation, provoking a strong feeling of rejection, insecurity and dissatisfaction among landowners in the area. This social-environmental conflict provoked serious reflexes on the maintenance and preservation of the cultural aspects, in particular, on the preservation of their myths, legends and traditions.

Key- words: São Domingos, myths, legends, traditions.

R484s Ribeiro, Milton Martins

São Domingos: tradições e conflitos / Milton Martins Ribeiro.
Goiânia, 2008.

122 p.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Católica de
Goiás, 2008.

**1. São Domingos – GO. 2. São Domingos – GO – história
cultural. 3. Folclore – São Domingos – GO. 4. Patrimônio
imaterial – São Domingos – GO. I. Título.**

CDU: 94(817.3São Domingos)
398(817.3)(091)
719 (817.3)

LISTA DE ABREVIATURAS

PRTeR	- Parque Estadual de Terra Ronca
FGV	- Fundação Getulio Vargas
PNMA	- Política Nacional do Meio Ambiente
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
ONU	- Organização da Nações Unidas
EMBRAPA	- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBRATUR	- Instituto Brasileiro de Turismo
GEA	- Geólogos e Engenheiros Associados Ltda..
AGMARN	- Agencia Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais
UC	- Unidade de Conservação

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

01 – Foto 1: Vista interna da gruta de Terra Ronca/GO	21
02 – Mapa 1: Parque Estadual de Terra Ronca	24
03 – Foto 2: Imagem de São Domingos	28
04 – Foto 3: Igreja de São Domingos	30
05 – Foto 4: Família Pinheiro	31
06 – Foto 5: Cachoeira do Funil	33
07 – Foto 6: Hotel Araújo	35
08 – Foto 7: Antiga ponte S. Domingos	36
09 – Foto 8: Lapinha	39
10 – Foto 9: Desfile das Pastorinhas	40
11 – Foto 10: Comemoração à S. Sebastião	44
12 – Foto 11: Baile S.Domingos	44
13 – Foto 12: Missa Padroeiro	45
14 – Foto 13: Missa interior da gruta	46
15 – Foto 14: Índia Kalunga	47
16 – Foto 15: Romaria na gruta	49
17 – Foto 16: Antigo cemitério	50
18 – Foto 17: Morro do Moleque	52
19 – Foto 18: Entrada do PETeR	53
20 – Mapa 2: Localização do PETeR	59
21 – Foto 19: Administração do PETeR	60
22 – Foto 20: Ciclistas na gruta	61
23 – Foto 21: Vista interna da gruta	62
24 – Foto 22: Espeleotema	65
25 – Foto 23: Cavernas Capadócia	66
26 – Foto 24: Primeira caverna cristã	67
27 – Foto 25: Restaurante Alux	68
28 – Foto 26: Elefantes nas cavernas	70
29 – Foto 27: Imagem do diabo	73
30 – Foto 28: Boca da gruta	74

31 – Foto 29: Clarabóia na caverna	75
32 – Foto 30: Altar no interior da gruta	78
33 – Foto 31: Chegada da romaria	82
34 – Foto 32: Festa do Bom Jesus	85
35 – Gráfico 1: Romaria	86
36 – Foto 33: Ponte acesso à gruta	88
37 – Foto 34: Pecuária de subsistência	91
38 – Foto 35: Acidente entrada da gruta	93
39 – Foto 36: Visitantes na gruta	98
40 – Foto 37: Interior da gruta	102

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE SIGLAS

INTRODUÇÃO..... 10

CAPÍTULO I

SÃO DOMINGOS: MITOS, LENDAS E TRADIÇÕES..... 22

1.1 Contextualização de São Domingos..... 23

1.2 Histórico Ocupacional, Político e Cultural..... 26

1.3 Os “Bons Tempos” e a Religiosidade..... 33

1.4 Tradições, Mitos e Lendas..... 38

1.4.1 Tradições de São Domingos..... 38

1.4.2 Mitos e Lendas do Município..... 51

1.4.3 Expressões Culturais: Agente Integrador..... 56

CAPITULO II

TERRA RONCA: TRADIÇÕES E CONFLITOS.....	58
2.1 O Parque Estadual Terra Ronca	59
2.2 Cavus, Gruna ou Grupta	64
2.3 As Cavernas na Sociedade.....	65
2.4 A Luz e a Escuridão.....	71
2.5 O Simbolismo das Grutas.....	80
2.6 As Tradições e Conflitos.....	88
2.7 A Sensibilidade Cultural e Ambiental	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
ANEXO	120

INTRODUÇÃO

*O sagrado é originário de todo mito, de toda poesia, de toda religião, dando-se e manifestando-se nos ritos, nos poemas, nas liturgias. O mítico e o poético como palavras manifestativas trazem já dentro de si o mistério, o que como silêncio possibilita toda fala e escuta.*¹

A humanidade sempre foi atraída pela beleza e mistérios das cavernas, foram os primeiros abrigos dos homens primitivos, foi o lugar onde deixaram suas marcas, sua história e cultura, criando santuários e contribuindo para o estabelecimento de conceitos sobre o desconhecido, o infinito e o sobrenatural. Era a morada de homens, deuses e demônios.

É interessante observar que, por definição, as cavernas são “espaços vazios em rochas formados naturalmente, e que apresentam dimensões suficientes para dar acesso ao homem²”. Essa definição física da geologia não contempla o simbolismo e a influência que as cavernas exerceram em toda a trajetória da humanidade até os dias de hoje, como nos projetos arquitetônicos. Há séculos as formas das cavernas são reproduzidas nos meios urbanos das sociedades, como nas catacumbas, túmulos, metrô e até mesmo restaurantes são encontrados nas grandes cidades, utilizando o ambiente cavernícola, entre diversos outros elementos urbanísticos.

No século XIX, foram construídas pequenas grutas artificiais para servir de abrigo às fontes naturais de água, ou como até hoje, para ornamentar jardins, parques e hortos florestais (LINO, 2001).

No entanto, foi na edificação dos templos sagrados que ocorreu a maior influência das cavernas. Nas abóbadas e nos portais das grandes catedrais de estilo gótico ou barroco podemos perceber, na grandiosidade dos salões, as pinturas de tetos e paredes, heróis e deuses, santos e demônios, o bem e o mal e tudo em um espaço silencioso e de pouca luz, à semelhança das grutas e das pinturas rupestres.

Essas características também são encontradas no município de São Domingos, que está situado no nordeste do Estado de Goiás, onde se localiza o

¹ HEIDEGGER (1988).

² Definição adotada pela União Internacional de Espeleologia.

Parque Estadual de Terra Ronca, que abriga um dos maiores conjuntos espeleológicos do Brasil com mais de 300 grutas, tornando-o um lugar estimulante para o desenvolvimento de tradições, mitos e lendas, enriquecendo assim, o patrimônio natural e cultural da região.

Por sua localização geográfica, relativamente afastada dos grandes eixos rodoviários, e com pouca influência da televisão ou outro meio qualquer de comunicação que pudesse interferir nos aspectos culturais do município, durante muitas décadas, São Domingos manteve suas tradições preservadas.

Segundo os representantes políticos e moradores do município, nos últimos vinte anos, essa realidade começou a sofrer alterações. Várias manifestações culturais, mitos e lendas que compõem o patrimônio imaterial³ da região começaram a desaparecer ou perder a sua intensidade. As características marcantes que conferem a identidade cultural do local começaram a ser esquecidas.

Cabe lembrar que o legado economicista da civilização humana tem sido um dos grandes fatores responsáveis por atropelar a natureza e as tradições culturais das comunidades em todo o mundo. Em nome do desenvolvimento econômico e de “melhor qualidade de vida”, os impactos ambientais, tanto em suas bases culturais, como nas expressões da natureza, foram extremamente desgastantes em todo o planeta.

Foi somente no último século que a destruição acelerada e desmedida da natureza passou a chamar atenção da humanidade para o risco de perda de muitas formas de vida e singularidades culturais.

O estudo realizado neste trabalho buscou identificar e registrar a especificidade cultural do município, no tocante às suas tradições, seus mitos e suas lendas. Particularmente, a pesquisa procurou conhecer as origens da redução da diversidade cultural de São Domingos, no sentido de contribuir com a elaboração de uma documentação com as memórias coletivas do município.

Na verificação de campo, realizada no Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR, observou-se a não existência de documentação sobre o tema na biblioteca

³ A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural".

municipal, na Câmara Legislativa, na Secretaria de Educação do município, bem como com as pessoas entrevistadas.

Nas bibliotecas de Goiânia e Brasília, identificou-se a existência de várias fontes de cunho técnico-científico sobre geologia e espeleologia, e apenas uma pesquisa sobre sustentabilidade ambiental da gruta de Terra Ronca, porém, não foi encontrado nenhum trabalho específico sobre a história dos mitos, lendas e tradições de São Domingos.

Complementando esse levantamento, foram realizadas entrevistas com moradores do município, fazendo-se a devida gravação e a sua transcrição literal.

O ex-Secretário de Turismo do Município⁴ de São Domingos, que se auto-intitula como “historiador amador”, nos disse que “nenhuma pesquisa sobre a história do município fora realizada até então”, e que muitas manifestações da cultura tradicional da região já não estão sendo mais praticadas. Ele reconhece a importância de se preservar o patrimônio cultural de São Domingos, mas que não dispõe dos meios e conhecimentos historiográficos necessários à consecução desse tipo de trabalho. Sendo assim, a memória de suas tradições, em suas palavras, “parece estar se perdendo”. Também foi revelado pelo entrevistado “a falta de transmissão oral dos mais velhos, em função do desinteresse das gerações mais novas”, denotando uma possível alteração de valores em relação aos aspectos do histórico imaterial do município.

O presente estudo é de natureza exploratória⁵, fundamentado na abordagem qualitativa que, conforme Lüdke e André (1999, p.11).

[...] tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como o seu principal instrumento [...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

A investigação exploratória, para Gil (2002, p. 41), tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipótese. Pode-se dizer que esse tipo de pesquisa

⁴ José Pelegrino, 50 anos, ex-Secretário de Turismo e professor do Município de São Domingos.

⁵ É um trabalho de natureza exploratória quando envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias para a formulação de abordagens posteriores (GIL, 1999, p. 43).

oportuniza ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema, permitindo o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições quando observa, registra, analisa e correlaciona fatos com os fenômenos, sem manipulá-los.

O objetivo desta dissertação tem como enfoque principal identificar as causas da redução das manifestações culturais do município de São Domingos, promovendo o registro e documentação de seus mitos, lendas e tradições, e analisar a influência da criação do Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR sobre a cultura do município.

Do ponto de vista analítico, em razão dos objetivos deste trabalho, nosso referencial geográfico e cultural limitou-se exclusivamente ao município de São Domingos e ao Parque Estadual de Terra Ronca, enquanto que para o recorte temporal foi estabelecido o período compreendido entre 1980 e 2008, pois contempla o momento do processo de modernização⁶ da agricultura, na região Centro Oeste e coincide com a criação⁷ do Parque Estadual de Terra Ronca.

Não é pretensão deste trabalho de pesquisa fazer qualquer análise mais profunda sobre a preservação do ambiente natural de São Domingos e Terra Ronca, quando citados, terão por finalidade apenas elucidar algum aspecto histórico do estudo em questão.

As considerações delineadas até aqui, permitem traçar a seguinte hipótese de pesquisa:

Parte-se do pressuposto de que além das questões econômicas, a redução das manifestações culturais, do município de São Domingos, possa ter relação com a institucionalização do Parque Estadual de Terra Ronca.

Para o desenvolvimento da pesquisa, procurou-se suporte teórico metodológico em autores como FERREIRA e AMADO (1998, p.43) quando afirma que “o testemunho seria a evidência oral, obtida de uma pessoa viva, em oposição a fontes inanimadas”, instigando reflexões sobre a importância do conceito da oralidade, não se restringido apenas aos aspectos da natureza, como a gruta de Terra Ronca, mas principalmente, às questões culturais que envolvem a vida das pessoas da comunidade, que de uma forma ou de outra, interagem com a mesma.

⁶ MIRANDA (1994).

⁷ Lei Estadual nº 10.879 de 7 de julho de 1989 de criação do PETeR.

Para compreender melhor o processo da memória, base para a formação da transmissão oral das tradições de uma comunidade, Rousso (1998, p. 94), cita que “a memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado”. Trata-se de uma representação seletiva do passado, que se apóia em reconstrução psíquica e intelectual. Só que o passado não pertence a um indivíduo somente.

A memória é coletiva quando está presente no indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Halbwachs (1990) ressalta a importância da memória ao afirmar:

A memória coletiva possui a importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico (HALBWACHS, 1990).

A tradição oral depende, portanto, da memória do homem em reter e guardar os acontecimentos do tempo que foi preservando. Para Ferreira e Amado (1998), a memória dá vida ao que já foi, ao que permanece na lembrança, porque presentifica o passado. Neste contexto, considera:

[...] a história tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que "não passam": se admitirmos que a história dos historiadores é apenas uma das formas de expressão da memória coletiva, apenas um dos vetores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado [...] (FERREIRA e AMADO, 1998, p.95).

Assim sendo, o homem pode ser descrito como uma memória coletiva, tomando por base a idéia de que se trata de um indivíduo com suas crenças, valores e normas sobre a sua realidade. É a partir do imaginário que esse ser social elabora os seus próprios pensamentos sobre si mesmo, e sobre a realidade que o cerca. Vive em comunidade e passa a ser herança cultural dessa comunidade, emaranhado nos valores e nas relações entre o grupo, o que permite um pensar concatenado sobre as idéias, sobre o real (BACHELARD, 1984). O imaginário, portanto, pode ser entendido como uma criação coletiva. Trata-se de uma representação social e, nesse sentido, possibilita que cresçam e tomem vulto as visões de mundo.

Vale ressaltar que a leitura das informações colhidas nas entrevistas, abrangendo uma história de vida, ou um conjunto de depoimentos, é tarefa complexa, pois a cada vida corresponde um fluxo de lembranças que precisam ser organizadas. Em Santos (2005), podemos observar que cada pessoa contribui com a pesquisa, promovendo os elementos necessários para a construção do contexto social no qual a pesquisa se insere.

Buscando entender melhor as relações entre o imaginário e a memória, Bachelard (1984) mostra que o imaginário é ferramenta básica do ser social que, para ser livre, adentra a intersubjetividade, transformando imagens do mundo, evidenciando que há espaços para a memória coletiva que se encontra sempre em uma dinâmica evolutiva.

Sandra Pesavento (1994) ressaltava a importância do estudo do imaginário ao afirmar:

A introdução do componente imaginário na História é altamente estimulante para a capacidade criadora. Relativizar a objetividade e a certeza dos fatos induz ao diálogo, à formulação do debate, incita a análise e a crítica (PESAVENTO, 1994, p.6).

Essa capacidade lhe confere a dinâmica de fazer e contar a sua história, abrindo-lhe possibilidades que, sem limites, poderão vir a confundir sua representação da realidade. Capacidade esta que carece, no entanto, de ser constantemente reavaliada, de modo a preservar a racionalidade, para que o homem não se perca e passe a viver e a crer apenas na temporalidade momentânea do seu universo imaginário e simbólico.

O conceito de Representação Social pode assumir diferentes formas de interpretação no âmbito da História Cultural. Cardoso (2000) critica a postura de historiadores que adotam as representações como “medida de todas as coisas”. Para o autor, a noção de representação social poder ser muito útil, desde que sejam adotados alguns princípios da psicologia social, considerada por ele como uma das poucas ciências sociais que trabalham com precisão a referida noção.

Segundo Denise Jodelet (2001, p. 35):

[...] as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta

visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações”. Denise Jodelet (2001, p. 35).

Assim, as representações sociais simbolizam o objeto, que pode ser humano, social, ideal ou material, e também expressam alguém, o sujeito, epistêmico, coletivo, psicológico ou social, "é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET, 2001, p. 22).

Trata-se de um desafio permanente que exige que ele seja repensado, para que não se percam os elementos básicos. Sem a noção da razão, o imaginário poderá ser um instrumento de alienação (BACHELARD, 1984).

Ao verificarmos em uma perspectiva mais ampla o valor dos instrumentos da pesquisa de história oral, observamos que foram vários os obstáculos a serem suplantados no Brasil, até que projetos de registros pela oralidade fossem desenvolvidos. Faltou harmonia entre os pesquisadores e a comunidade acadêmica, que mesmo com discussões e argumentos favoráveis, essa comunidade se posicionava de maneira opositora à História Oral, conforme atesta Meihy (1996, p.23):

Entre nós, a história oral tardou muito a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais e a ausência de vínculos universitários com os localismos e a cultura popular. Além disso, os compromissos internos a cada disciplina universitária, como a sociologia e a antropologia, ficaram marcados muito fortemente, impossibilitando o diálogo entre os campos que tratavam de depoimentos, testemunhos e entrevistas. Quando a história oral, recentemente, despontou como opção no Brasil, mostrou-se suscetível de ser filtrada pela universidade e nela apenas quando as fronteiras disciplinares perderam seus exclusivismos, já sob a luz do debate multidisciplinar, é que se iniciaram discussões sobre o avanço da história oral.

O mesmo autor enfatiza que, embora tenha sido objeto de preconceito, o passado dessa “moderna” História Oral é remoto, já que, para ser escrita e devidamente relatada, toda história passa pela oralidade.

No campo da Geografia Cultural também encontramos valiosas contribuições para o estudo da história oral. Geógrafos como Paul Claval (2002), são de opinião que a cultura serve para unir os aspectos fundamentais do ser social. Assim, o conceito de cultura é utilizado de forma mais expansiva. O autor esclarece:

A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. (...) Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas (CLAVAL, 2002, P. 63).

Com essa perspectiva, a Geografia Cultural abriu diversas possibilidades de estudos sobre o ser humano. Possibilidades estas, que antes eram descartadas pela visão exclusivamente racionalista e rígida da lógica instrumental.

Richardson (1999) esclarece que a abordagem analítica qualitativa se configura como uma forma adequada de entender a natureza do fenômeno histórico social, pois permite ao pesquisador descrever a complexidade de determinado problema, assim como compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.

No Brasil, coube à Fundação Getúlio Vargas (FGV), nos anos 70, criar um programa de História Oral com o objetivo de obter depoimentos de líderes políticos que atuaram a partir da década de 20, introduzindo, assim, a sistematização do caminho da construção da História Oral. No entanto, só passou a ter maior dimensão com a realização de seminários e cursos sobre o tema, e com a promoção de intercâmbios com pesquisadores do exterior. Portanto, é um procedimento válido de investigação no trabalho do historiador, que busca investigar as memórias e recordações de gente viva sobre seu passado.

São três as correntes que dividem e explicam a história oral, segundo Ferreira e Amado (1998). Para uns, ela é uma técnica; para outros, uma disciplina; e há uma terceira corrente, que foi a escolhida para nortear o desenvolvimento desta dissertação, que a considera como uma metodologia. São os que defendem que:

[...] a história oral é uma área de estudos próprio e capaz (como o fazem todas as disciplinas) de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões surgidas na prática – no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso. "Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a

pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de *suscitar*, jamais de *solucionar*, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria da história. Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico. (...) Apenas a teoria da história é capaz de fazê-lo, pois se dedica, entre outros assuntos, a pensar os *conceitos* de história e memória, assim como as complexas *relações* entre ambos (FERREIRA e AMADO, 1998, p. 14-15).

Como não é objetivo nesse trabalho de dissertação suscitar uma discussão conceitual mais aprofundada sobre as correntes de história oral, justifica-se a opção de escolha pela terceira corrente, por entender que os dados levantados, a partir de entrevistas, permitem estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho e funcionam como ponte metodológica para que a teoria possa ser aplicada na prática do historiador, e na sua relação com seus entrevistados.

[...] suscita outras questões a serem discutidas, entre elas: a confiabilidade da história oral; suas realizações e como avaliar as mesmas. Para tanto o autor apresenta dois problemas relacionados que merecem solução. O primeiro se refere ao gerenciamento dos registros, onde o controle de dados torna-se cada vez mais imperativo. O segundo ponto está associado a utilidade que esses dados têm para a profissão do historiador. (GRELE, 2001, p. 267).

O foco central da pesquisa é identificar e registrar as tradições do município de São Domingos, buscando compreender o processo de redução da tradição oral, e sua interação com a área de preservação ambiental do Parque Estadual de Terra Ronca.

Apesar de não ser o foco principal deste trabalho, as questões sobre a história do meio ambiente, de uma forma ou de outra, interagem com o estudo proposto. Para tanto, buscamos embasamento teórico nos preceitos da história ambiental descritos por Worster, Fonseca & Bursztyn, Silva, Pádua e na Lei n.6938, de 31 de agosto de 1981, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente.

Ao fazermos uma retrospectiva histórica das últimas quatro décadas do século XX, percebemos que aumentou significativamente o interesse e a consciência para a questão da preservação ambiental. E isso fez surgir um novo

campo da história, o da história ecológica ou ambiental, que começou a tomar forma devido a ocorrência, a partir dos anos 70, de várias conferências voltadas à situação global. Essas conferências evidenciaram que era preciso popularizar mais o tema. Eram muitas as perguntas que começavam a fazer parte da vida das pessoas:

Quantos seres humanos a biosfera pode suportar sem entrar em colapso sob o impacto da poluição e do consumismo? As mudanças na atmosfera, causadas pela atividade humana levarão a uma maior incidência de câncer ou a menores colheitas de grãos, ou ao derretimento das calotas polares? (WORSTER, 2002, p. 24).

Worster (2002) chama de “segunda natureza” o conjunto de coisas que as pessoas produziram que é o ambiente tecnológico, e especifica que também, este é área de interesse da história ambiental. No entanto, a busca por vantagens materiais evidencia que, na prática, o discurso se limita, e não há efetividade que evidencie sintonia com o que Fonseca e Bursztyn (2007) chamam de retórica ambientalista.

Embora tenha crescido a consciência, a natureza continuou sendo desrespeitada e agredida, e em um ritmo cada vez mais acelerado.

Os discursos ambientalistas são bem vistos pela sociedade, mas as sanções e os incentivos que promoveriam a aplicação das normas são pouco eficazes em forçar a sua prática por aqueles que, no íntimo, não acreditam nesses valores, ou seja, por aqueles que não incorporaram o ambientalismo em sua ética individual, *de facto* (FONSECA e BURSZTYN, 2007, p. 180).

Em relação ao processo de redução das manifestações culturais nas sociedades, o historiador ambiental Pádua (2004), é de opinião que a perda da diversidade cultural ocorre devido à falta de valores ou princípios dos que estão, agora, destruindo a biodiversidade do planeta. Existe uma escassez de solidariedade, de empatia, de respeito e de outros valores, o que acaba se refletindo na qualidade dos comportamentos humanos em relação aos seus semelhantes e às demais espécies vivas.

A Lei n.6938, de 31 de agosto de 1981, instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) e, desde então, a gestão ambiental em pequenos municípios passou a ter um respaldo importante para a elaboração de suas próprias normas ambientais, desde que não conflituem com as federais e estaduais, e assim, exercer

o controle e fiscalização sobre as atividades que provoquem degradação ambiental (CARVALHO et al, 2005). A criação dessa lei e seus reflexos sobre o patrimônio cultural do município de São Domingos será melhor tratada no segundo capítulo.

Outro fato importante, na tentativa de desvendar os motivos da redução da transmissão oral de São Domingos e Terra Ronca, passa pelo crescente interesse do ecoturismo e turismo religioso na região. Trata-se de uma prática que agrega o ambiente natural ao cultural. Conforme Silva (1997), os turistas são pessoas que têm uma filosofia de vida orientada para, de certa forma, resguardar, apreciar e valorizar o fenômeno, portanto, seus praticantes são motivados por fatores específicos, por aspectos que os ligam ao turismo responsável, por princípios que permitem que seja desfrutada uma interação de valores e um compartilhamento de experiências que beneficiam tanto quem chega quanto o local que recebe esse turista. Conforme a definição da Embratur, ecoturismo é um:

[...] segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural e incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas (EMBRATUR, 1994, p. 123).

No que tange ao desenvolvimento desta dissertação, optou-se por um estudo de caso direcionado para a identificação e registro das tradições da região, bem como entender a influência resultante da inserção do Parque Estadual de Terra Ronca-PETeR no município de São Domingos. A justificativa para esse tipo de pesquisa encontra respaldo em Ludke e André (1999, p.11), quando ressaltam que “ele se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo, onde o interesse incide, portanto, naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que, posteriormente, evidenciem-se semelhanças com outros casos ou situações”.

As entrevistas, necessárias ao levantamento das informações pertinentes ao trabalho, obedeceram aos critérios de entrevistas semi-estruturadas, com a utilização de um roteiro de questões e de um gravador. A partir da primeira entrevista, ficou definido quem foram os colaboradores da pesquisa. Como representantes políticos foram selecionados; (a) a prefeita de São Domingos; (b) o atual Secretário de Educação; (c) o Diretor de Cultura do Município. Como representantes da comunidade foram selecionados: (d) o padre da paróquia da

cidade; (e) quatro moradores antigos da região, e o guia turístico mais antigo do Parque de Terra Ronca, totalizando nove entrevistados⁸, sendo três políticos e seis representantes da cultura popular.

A organização da dissertação seguiu as orientações descritas por Bervian e Cervo (2002), relativas à apresentação de elementos textuais.

Na Introdução, foram inseridas informações sobre a importância do tema, referencial metodológico, objetivos e hipótese da pesquisa, que norteou o presente trabalho.

No Capítulo 1, desenvolve-se toda a problemática referente a redução das tradições orais do município de São Domingos, investigando suas causas prováveis e promove-se o registro documental dos seus mitos, lendas e tradições.

No capítulo 2, analisa-se a criação do PETeR e sua interação com a cultura local. Considera, também, a sensibilidade dos moradores em relação à institucionalização do Parque Estadual de Terra Ronca, e seus reflexos sobre a história oral do município.

Por fim, a conclusão aborda as causas da redução da transmissão pela oralidade das tradições, a questão da preservação ambiental e cultural na visão dos moradores. A sensibilidade dos nativos em relação à criação do Parque Estadual de Terra Ronca, além da importância de se documentar os mitos, lendas e tradições como forma de resguardar a história da região.

⁸ Citados nas Fontes Oraís.

CAPÍTULO 1 – SÃO DOMINGOS: MITOS, LENDAS E TRADIÇÕES

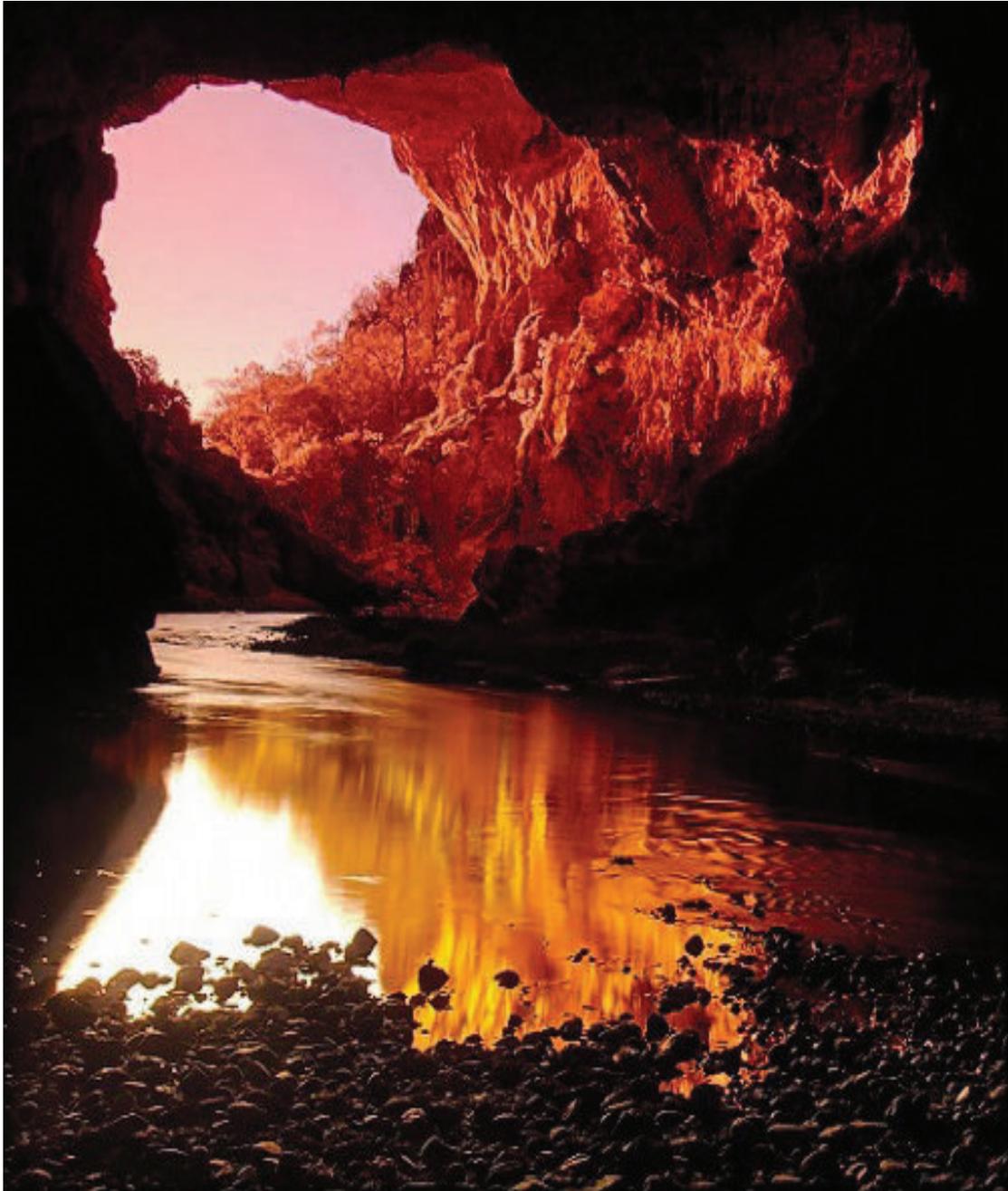


Foto1: Entrada da gruta de Terra Ronca, vista interna.
Fonte: Lucas Maia, 2007

Se eu pudesse ser um raio e atravessar o espaço, iria buscar nossa história naqueles lugares distantes do mundo, os mais fascinantes!

Stella Rodopoulos¹ (2008).

Neste capítulo, estão relatadas as formas tradicionais e populares que, ancoradas nas suas imagens simbólicas e, muitas vezes imaginárias, permitiram o desenvolvimento dos mitos, lendas e tradições de São Domingo e Terra Ronca. Considerando que é indissociável o Parque Estadual de Terra Ronca do restante do município, inicialmente foi feita uma contextualização do lugar da pesquisa, com descrições sobre as características físicas da região de São Domingos e relatos sobre a história do desenvolvimento inicial da comunidade e dos seus personagens. Para a melhor compreensão da linha de análise desenvolvida, alguns aspectos abordados pela literatura serão comentados, como os conceitos relacionados à história, à memória, ao real e ao imaginário, e às narrativas mitológicas que caracterizam os mitos e lendas.

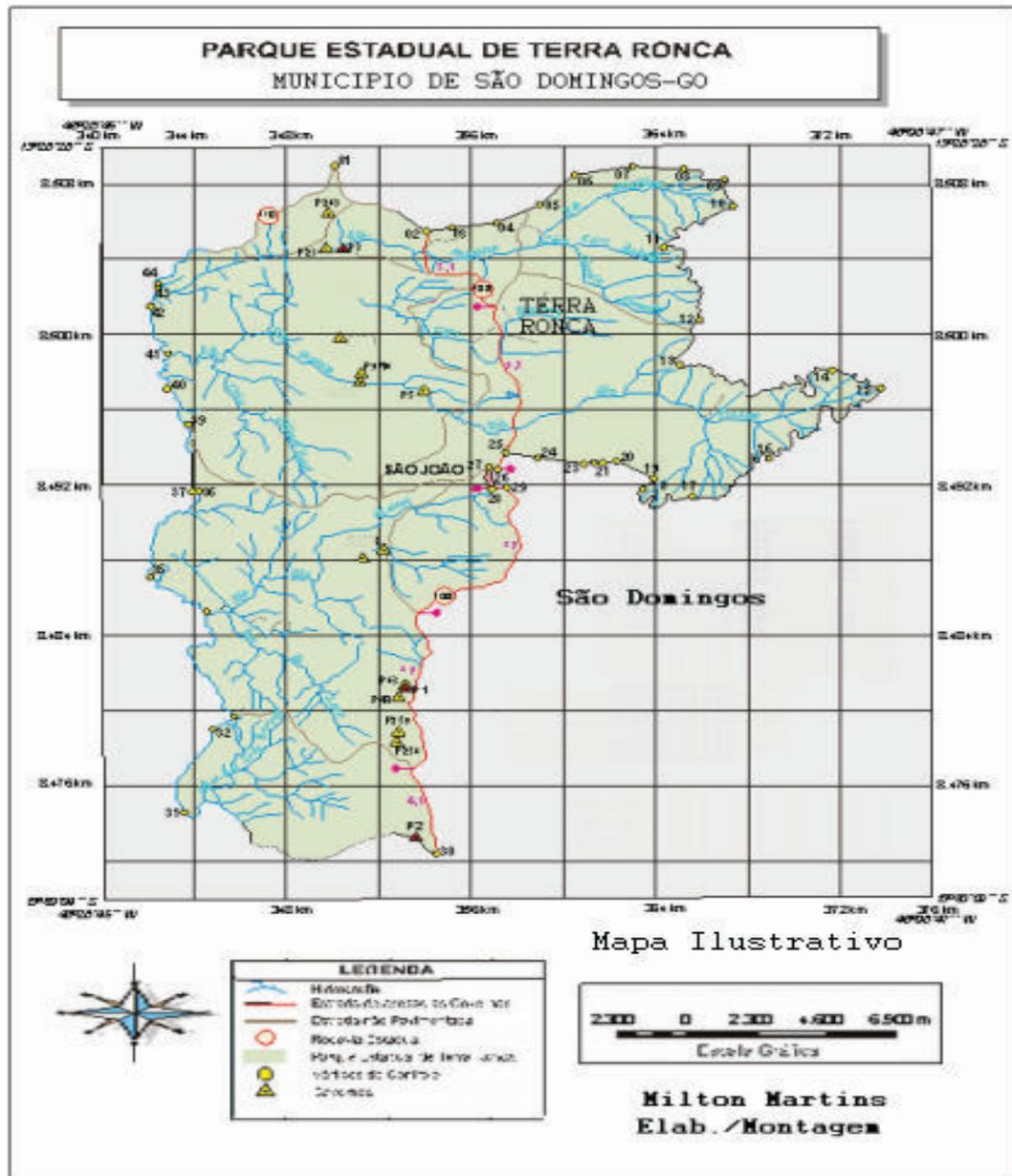
1.1 Contextualização de São Domingos

Localizado na microrregião do Vão do Paranã, a área do município de São Domingos, onde está inserido o Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR, atualmente é de 3.296 km², sendo o seu relevo ora plano, ora ondulado, com topografia montanhosa. A altitude média da sede é de 700m em relação ao nível do mar, tendo como pontos mais elevados a Serra Geral de Goiás e a Serra Calcária, com altitudes variando entre cem a quatrocentos metros, onde se encontram os morros denominados de Moleque, Redondo e Monte Alto (MATEUCCI, 2004).

O Morro do Moleque está localizado na Serra Geral, a oito quilômetros de distância da cidade, com uma altura de quatrocentos metros. O Morro Redondo, com uma altura de quinhentos metros, está localizado a quarenta e dois quilômetros ao norte da cidade, entre as Fazendas Retiro Chumbado e São Pedro. O Monte Alto

¹ Versos inéditos cedidos gentilmente pela escritora e poetisa. A autora é membro da Academia de Letras e Música do Brasil, da Academia de Letras de Brasília, agraciada com a Comenda Carlos Gomes, o troféu Johan Sebastian Bach e medalha de ouro da Academia Internacional Lutéce, na França, 2008.

é o mais elevado dos três, com setecentos metros de altura. Sua localização é nas proximidades do rio São Mateus, na zona da mata, na fazenda que recebe o seu nome (IBGE, 1991).



Mapa 1: Localização geográfica de São Domingos e Terra Ronca
Fonte: Ribeiro (2008).

Destacam-se ainda no município inúmeras grutas, tais como, as de São Mateus, Angélica e Terra Ronca, que por ser a mais famosa motivou o nome do Parque Estadual. Localizada geograficamente em uma região que compreende o

divisor de água das bacias hidrográficas dos rios São Francisco e Tocantins, com nascentes no sopé da Serra Geral de Goiás, na divisa dos Estados de Goiás e do Estado da Bahia, sendo afluentes do Rio Paraná. (IBGE, 1991).

Os rios de maior porte e importância são os de São Domingos e São Mateus. Os demais rios e córregos do município são: Freio, Água quente, Alazão, São Bernardo, Palmeira, Lapa, São João Evangelista, São Vicente, Bezerra, Angélica, Vermelho, Cais, Mucambo, Maravilha, Vaca e Onça.

Com relação à flora e fauna², existe uma rica diversidade tipicamente de regiões com características savânicas.

De acordo com Barreias (2002), a vegetação da região está relativamente preservada, pois a extração de madeira ocorreu de forma seletiva, em função das dificuldades impostas pelo relevo.

De um modo geral, a vegetação natural de mata densa, apesar de já ter sofrido alguma forma de exploração, ocorre em toda a região, entremeando as pastagens naturais, as áreas de cultivo e as pastagens cultivadas (BARREIAS, 2002).

Ainda segundo a autora, a riqueza da vegetação e a existência de grande quantidade de grutas, foi um dos aspectos motivadores para a criação do Parque Estadual de Terra Ronca.

Sob o ponto de vista da economia, a região é considerada como o “corredor da miséria” de Goiás, pois os municípios que a compõem apresentam os menores índices de desenvolvimento humano (IDH)³ do Estado.

² Na vegetação são encontradas árvores de grande envergadura como; pau-ferro, aroeira, ipês, peroba, brauna, cedro e muitas outras (BRAGA, 1976), que compõem os cerrados, matas de galeria, floresta tropical e veredas (IBGE, 1995). Também existem inúmeras plantas medicinais, como a jalapa, a ipeca, o japecanga, a sucupira branca, o quebra-pedra, o barbatimão, entre outros. A flora é tipicamente de savana. A fauna é rica em diversidade, possuindo uma grande variedade de mamíferos como anta, veados, onça-pintada e a onça vermelha, além de micos e lobo guará, entre outros. Entre as aves, existe a alma-de-gato, a ema, a codorna, periquitos, etc. Nos rios ainda existem jacarés, cobras sucuris e peixes de várias espécies (ANTAS, 1988).

³ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) estabelecido pela ONU é uma conjugação de três indicadores: esperança de vida, alfabetização de adultos e renda *per capita*.

1.2 Histórico Ocupacional, Político e Cultural

No que se refere à evolução demográfica, em 1980, de acordo com o censo populacional realizado pelo IBGE, havia no município 9.681 habitantes (4.974 homens e 4.707 mulheres). Consta que, no meio urbano o equivalente a 21,67% da população e 78,33% da população, no meio rural. Em 1991, novo censo do IBGE constatou 10.330 habitantes (5.352 homens e 4.978 mulheres), assim dispersos: 3.573 (34,59% da população), no meio urbano e 6.757 (65,41% da população), no meio rural, o que caracteriza o município como predominantemente rural.

Em 2000, dados demográficos acusaram 9.636 habitantes (5.030 homens e 4.606 mulheres), distribuídos assim: 4.434 no meio urbano e 5.202 no meio rural, o que caracterizou perda de população em termos absolutos (IBGE, 2008). A redução não descaracterizou o município quanto à sua tendência predominantemente rural.

Em 1980, a população rural representava 78,33% da população do município. Em 1991, totalizava 65,41%. No último censo, a representatividade caiu para 53,88%. Fica bem clara a tendência de redução da população do meio rural.

Observa-se, também, o declínio da população, que era de 9.681 em 1980 e teve um aumento para 10.330 habitantes, em 1991, e caiu para 9.605 habitantes⁴, no censo de 2000. Nesse período foi desencadeada a modernização agrária no conjunto do nordeste goiano⁵, fazendo com que parte da população de São Domingos, principalmente os jovens, buscassem nas grandes fazendas fora do município melhores alternativas de trabalho.

Em relação ao espaço cultural de São Domingos, procuramos identificar e documentar as lembranças do passado que transcendem a individualidade e são compartilhadas, socialmente, no domínio da vida comum, que se constituem na memória coletiva do município.

De acordo com Le Goff (1997), a memória se encontra ancorada na história individual e processa-se, à medida que encadeamentos e relações, manifestados nessas lembranças, encontram campo para dar-se a conhecer. A memória é, portanto, um caminho que a existência percorre, no sentido do retorno, fazendo a

⁴ IBGE Cidades, pág. 1, 2008.

⁵ SOUZA, M. P.; LIMA, J. E. 2003.

volta ao passado, para esculpir a história. Nas marcas do vivenciado e nas evidências de cada época encontram-se, novas leituras do passado, e de re- interpretação constante, no eterno presente.

Nesse sentido, a investigação do espaço geográfico e cultural pode revelar dinâmicas diferentes na organização da sociedade, interessantes para fins comparativos e para se repensar criticamente a problemática de redução dos mitos, lendas e tradições, que compõem o acervo cultural do município (CLAVAL, 2001).

Pode-se por esse caminho, de acordo com informações levantadas com base na tradição oral, descritas por Pinheiro (1940), constatamos que, assim como muitas cidades do Brasil, São Domingos teve sua origem relacionada ao garimpo do ouro, e que o distrito sede foi fundado no século XVII, ou princípio do século XVIII, por garimpeiros portugueses, vindos do Estado da Bahia.

No entanto, nas anotações do IBGE (1958, p. 401), consta que foi por volta de 1821, vindo de Salvador - BA, que o português Domingos José Valente teria acampado naquela localidade para garimpar ouro. As datas são divergentes, o que existe em comum, é o fato de que a divulgação da notícia de descoberta do ouro atraiu muitas pessoas, dando origem a um povoado. Essa primeira vila situava-se a poucos quilômetros da atual cidade, em um local conhecido como Arraial Velho.

Uma outra versão da tradição oral dominicana⁶, contada pelos entrevistados⁷, difere desta do IBGE no que se refere a origem da cidade. Alguns afirmam que os fundadores eram dois irmãos portugueses com nomes de Domingos e José Valente, e que com esses irmãos veio uma imagem de São Domingos de Gusmão, que mais tarde deu origem aos nomes do povoado, do rio e do município.

A história da vinda do Santo é contada com detalhes. Os entrevistados relatam que o santo, ao ser transportado da Bahia, exigiu muitos cuidados para evitar avarias. A imagem foi colocada em uma caixa, formando com outras uma carga e foi levada no lombo de uma mula. Durante todo o percurso, uma escrava veio à frente, como condutora, puxando a mula pelo cabresto.

Foi em 1835 que a primeira igreja para venerar São Domingos de Gusmão foi

⁶ Gentílico de quem nasce em São Domingos. IBGE Cidades, 2008, pág. 1.

⁷ Entrevistados relacionados nas Fontes e Referências Bibliográficas.

construída. No mesmo período em que a então Vila foi elevada à condição de Distrito. É fato comentado e assimilado à história oral do local⁸, que a imagem exposta, atualmente, na igreja matriz da cidade, é uma simples réplica. Porque uma senhora de família tradicional de São Domingos retirou a original da igreja e, posteriormente, vendeu-a a um antiquário, alegando ser descendente dos fundadores da cidade e entendendo que a relíquia era bem de sua propriedade, objeto de herança de sua família.



Foto 2: Imagem de São Domingos
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Este fato inusitado chamou a atenção por se tratar de uma relíquia, que de uma forma ou de outra, afeta às tradições de São Domingos. Pode-se vender um bem de valor histórico-cultural de um município?

Ao verificarmos a Constituição Federal vigente no Brasil (BRASIL, 2002), percebemos que é clara ao dizer que "todos são iguais perante a lei, sem distinção

⁸ Entrevistados relacionados nas Fontes e Referências Bibliográficas.

de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros (...) direito (...) à propriedade..." (art. 5º, *caput*). Mas em se tratando de bens tombados, típicos do Patrimônio Cultural, existe uma legislação específica que diz:

O tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, através de legislação específica, os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e afetivo de uma comunidade. O objetivo é impedir legalmente que esse patrimônio coletivo (fotografias, livros, mobiliários, utensílios, obras de arte, edifícios, florestas, cachoeiras, etc) seja descaracterizado ou destruído. Esse procedimento pode ser feito pela União, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (Iphan); pelo Governo Estadual, por meio do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha); ou pela administração municipal, por intermédio do Conselho Deliberativo Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico (Codempha), utilizando leis específicas ou a legislação federal. O tombamento **não altera a propriedade de um bem**, apenas proíbe que venha a ser destruído ou descaracterizado. Um bem tombado também não necessita ser desapropriado – **não existe qualquer impedimento para a venda**, aluguel ou herança de um bem tombado. No caso de venda, deve ser feita apenas uma comunicação prévia (SITE WWW.IPHAN.GOV.BR, 2008). Grifo nosso.

A proteção e a conservação dos bens de natureza material sempre trouxeram implícita a noção da indissociabilidade das manifestações materiais e imateriais. Ao tomba uma igreja e seus monumentos, o Estado, em princípio, protege de maneira implícita as romarias e as festas que durante séculos ali se processavam.

Além desses, para obstar a especulação imobiliária e a cobiça de donos de antiquários e comerciantes, o Estado precisa proteger certos bens materiais que, de outro modo, não apenas seriam confiscados do espaço público (igrejas, praças, monumentos, etc.) como poderiam afetar manifestações culturais que neles se referenciam.

Por outro lado, esses bens materiais chegam a parecer mais vulneráveis que as manifestações imateriais. Um exemplo disso são dois tronos feitos em madeira policromada para o rei e a rainha do Rosário de Diamantina/MG, que foram vendidos a um antiquário que os repassou ao Governo do Estado de São Paulo. Hoje, o trono do rei e da rainha fazem parte do mobiliário do Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo, ao lado de vários outros bens procedentes de antigas igrejas mineiras (ABREU, 2004).

Infelizmente, de acordo com a legislação citada acima, apesar de não parecer

ético, a herdeira da imagem de São Domingos possuía os direitos de venda sobre a citada relíquia.



Foto 3: Igreja de São Domingos em 1958 (detalhe) e atualmente em 2008.
Fonte: Ribeiro, 2008 e IBGE, 1958

Como a religião cristã é predominante na região, e os ícones do catolicismo estão presentes na expressão de suas tradições, é interessante observar os aspectos históricos da construção da atual matriz de São Domingos. Cabe ressaltar que a mesma foi construída sob responsabilidade do chefe político do município, Coronel Jacinto Honorato Pinheiro, considerado a figura de maior importância da cidade, pelo fato de ter sido nomeado tenente-coronel da guarda Imperial, por D. Pedro II, através de uma carta patente, em 6 de abril de 1889. Para levar a efeito a empreitada de construção da igreja, contou com diversos colaboradores, como Domingos José Valente de Oliveira e Domingos José Valente de Santa Cruz, descendentes dos fundadores do município (IBGE, 1958).

Em 1925, a fachada e uma das paredes da igreja ruíram, devido a fortes chuvas e à ação do tempo e, neste mesmo ano, as obras de reconstrução foram iniciadas, sob a orientação de D. Joaquina Alexandrina de Oliveira Pinheiro, esposa do Coronel Jacinto H. Pinheiro (Livro Tombo, 1928).

Consta ainda nos manuscritos do Livro de Tombos da Paróquia de São Domingos, página 5, ano de 1928, o relato do término das obras de reconstrução da fachada e de uma parede lateral, ocorrido, de acordo com o livro, em 16 de fevereiro de 1928. A restauração havia sido iniciada após o período chuvoso de 1925. Essa data de conclusão dos trabalhos se encontra gravada na parede frontal direita da mesma igreja que se mantém até os dias atuais, conforme costume dos construtores que a restauraram. Dona Joaquina Alexandrina de Oliveira Pinheiro⁹ foi considerada uma das maiores benfeitoras da cidade.



Foto 4: Família Pinheiro em 1945.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Diferentemente de outros municípios brasileiros, a data de comemoração do aniversário da cidade não corresponde à data de sua fundação. A explicação para isso decorre do processo evolutivo, de ordem política e administrativa, pelo qual o município passou. São Domingos, originalmente pertencente ao município de Arraias, elevou-se a condição de Distrito em 23 de julho de 1835 e, 19 anos depois, o Distrito desmembra-se de Arraias, tornando-se Município, pela Provincial n° 13, de 14 de outubro de 1854, instalando-se em 30 de abril de 1855. Ficou esta data

⁹ Como reconhecimento à sua dedicação e atenção às causas da Igreja Católica, por ocasião de sua morte, ocorrida no dia 21 de outubro de 1936, ela mereceu uma página inteira no livro de crônicas da igreja, relatando sua biografia. Foi sepultada no interior da matriz de São Domingos que, como relatado anteriormente, ela ajudou a reconstruir.

designada como a oficial para se comemorar o aniversário de fundação de São Domingos (PINHEIRO,1940 e IBGE, 1958).

Sob o domínio da família Pinheiro, a história política de São Domingos foi sendo construída, incorporando mais tarde a família Chaves formando uma mesma família. Posteriormente outra família também passou a exercer poder político-econômico na cidade é família dos Valentos.

Verificamos a influência dos descendentes dos fundadores em toda a trajetória histórica do município. Inicialmente ele foi administrado por quatro intendentes: José Leal, Domingos Santa Cruz, Virgílio Gondinho e Domingos Jacinto Pinheiro, antes de ter o direito de eleger seu primeiro prefeito. Este último governou por 25 anos, período compreendido entre 1915 e 1940, tendo sido também o primeiro prefeito de São Domingos, cargo que exerceu entre 1940, quando foi eleito, e o ano de 1946. Somados aos anos de intendente, esse político comandou a política dominicana por 31 anos consecutivos (PINHEIRO,1940 e IBGE, 1958).

De 1940 a 1980 foram eleitos 10 prefeitos no município, sendo 4 deles da família Pinheiro. A saber: a) 1940 a 1946 - Domingos Jacinto Pinheiro; b) 1946 a 1950 - Diógenes Honorato Pinheiro; c) 1950 a 1954 - Augusto Regis; d) 1954 a 1958 - Trajano Honorato Pinheiro; e) 1958 a 1960 - Leobino Chaves; f) 1960 a 1965 - Darcy Regis Valente; g) 1965 a 1970 – Edson Honorato Pinheiro; h) 1970 a 1973 – Domingos Pinto de Oliveira; i) 1973 a 1977 – Rozendo Celestino Chaves; e j) 1977 a 1980 – Alfredo Fernandes Neto (IBGE,1991).

Nas últimas eleições municipais, a prefeita eleita foi Rosana Zago Valente, tendo como vice Trajano Pinheiro Cardoso, dando continuidade à tradição de manter o poderio das famílias Pinheiro e Valente.

Como veremos no desenvolvimento deste trabalho¹⁰, o predomínio político-econômico dessas famílias durante tantas décadas, teve reflexos significativos na redução das tradições do município.

¹⁰ Vide pagina 95.

1.3 OS “Bons Tempos” e a Religiosidade

Nos relatos colhidos por meio das fontes orais, nos chamou atenção a tendência comum e geral dos nove entrevistados em destacar as virtudes e os atributos da natureza do município de São Domingos. A ênfase sempre recaía sobre o solo para plantio e o potencial turístico representado pelas inúmeras grutas, rios e cachoeiras do município.

Foi comum ouvirmos que “as cachoeiras são muito bonitas”, ou “quem visita as grutas sempre volta, lá tem milagre”. Essas opiniões foram ouvidas não apenas dos entrevistados, mas também em conversas informais com fazendeiros, lavradores e donos de pequenos comércios.



Foto 5: Cachoeira do Funil (PETeR) que desaba numa dolina¹¹ (buraco), percorrendo aproximadamente 1km debaixo da terra (dentro da caverna), e volta a superfície saindo em outra dolina.

Fonte: www.ecotur.br em 03/10/2008.

Nas entrevistas, os pontos de vista eram associados ao “tempo de fartura”, referindo-se ao período compreendido entre o início do século passado até a década

¹¹ Dolina: depressão formada por desmoronamento do teto de caverna subterrânea (CPRM, 1991).

de 80, quando começou a chegar a agricultura¹² moderna na região em torno do município de São Domingos, coincidindo também a criação do PETeR.

Dona Maria¹³, nascida em Terra Ronca, nos relatou em entrevista realizada em 28/08/2008:

[...] Quando era pequena, naquele tempo, nós tinha muita fartura. Criava porco, cabra, galinha e boi. Plantava feijão, arroz e mandioca. Íamos sempre pra festa do Bom Jesus da Lapa. Não fartava nada. Depois que vim pra cidade não faço mais nada. Vivo de levar turista prá caverna. Tenho que comprar tudo. Grifo nosso.

Essa apologia ao “tempo da fartura”, remete o observador à imagem de um lugar onde não existem necessidades ou pobreza. Esse mundo tradicional, aparentemente paradisíaco, que permeia o imaginário de seus porta-vozes, refere-se ao saudosismo dos “bons tempos”, como algo que aparentemente supria suas necessidades sociais (por meio das festas) e individuais (com o sustento material da família).

Podemos aceitar as afirmações de Halbwachs (1990), de que as memórias do tempo de fartura são imagens que são construídas a partir da relação com o contexto atual, através de valores do presente. O passado é lembrado a partir do esforço de refazer e repensar o que ficou para trás, com imagens e idéias do presente. O passado é reavivado de forma idealizada porque o que se sente falta no presente, da abundância de comida e da sociabilização, não faltava no passado.

De acordo com Coelho (1979), o saudosismo ressalta o complexo sentido de valores espirituais de que a saudade é portadora e a sua importância, como traço definidor do comportamento humano. A saudade é, segundo o autor, muito mais que um estado sentimental, se refere a uma concepção geral do homem e do mundo, uma concepção de origem. Pela saudade, o ser humano reage, responde a uma situação concreta no presente. Sofre a dor de ser imperfeito, realiza o ausente através da imaginação; *inventa* Deus.

¹² A modernização da agricultura no centro-oeste teve seu início na década de 80 (MIRANDA, 1994).

¹³ Dona Maria Cecília Luz S., (30 anos), nascida em Terra Ronca e residente em São Domingos.

O homem, em virtude do seu poder saudosista, de lembrança dos “bons tempos” e esperanças, eleva-se da própria miséria e contingência à contemplação do reino espiritual, onde as coisas e os seres divagam em perfeita imagem divina (COELHO, 1979, p. 155).

Coelho (1979) considera que a saudade é intuitiva e criadora de mitos, porque fundamenta uma filosofia de vida, destinada a projetar no mundo os momentos dos “bons tempos” passados e o do “futuro melhor”, que ainda virá. Encontra no saudosismo grande riqueza de sugestões e uma linha de rumo para sua existência atual.



Foto 6: Hotel Araújo de D. Hildinha, São Domingos.
Fonte: Ricardo Martinelli, 1996.

Essa noção dos “bons tempos” também foi observada nas entrevistas com o Secretário de Educação do município, Sr. Adenildo e Dona Hildinha, que afirmaram que, com relação ao lazer e a sociabilização, tanto na zona rural como na zona urbana de São Domingos, as alternativas resumiam-se nas festas:

[...]Conheço a festa do Padroeiro em agosto, que é a comemoração de São Domingos. É uma festa que tem barraca, quermesse, para angariar dinheiro para a igreja. A cidade fica cheia de gente de fora. É uma festa muito movimentada. Termina a festa dia 4 e o pessoal desce lá prá gruta. Dia 6 é

a festa do Bom Jesus da Lapa. Todos iam pras festas trajados. Hoje vão até de calção e pé descalço (ADENILDO¹⁴, 2008)

Dona Hildinha¹⁵, por sua vez, nos conta parte de sua história:

[...] abri uma pensão, coisa miúda, e com as festas, muitos turistas, dava pra viver. Hoje esta tudo caro, todo mundo reclama dos preço. A carestia esta acabando com todo mundo (DONA HILDA, em 05/07/2008).

A referência aos bons tempos¹⁶, focada na imagem da abundância e harmonia social, pode ser atribuída, principalmente, ao relativo isolamento geográfico do município, localizado distante dos grandes centros urbanos que se formaram no século vinte, e afastado dos principais eixos rodoviários.



Foto 7: Antiga ponte de acesso a São Domingos – década de 30.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Outra explicação é o predomínio da zona rural, onde reside a maior parte de

¹⁴ Adenildo Santos, 45 anos, Secretário de Educação. Entrevista realizada na Secretaria de Educação do Município em 28/08/2008, em São Domingos.

¹⁵ Dona Hilda Souza Cruz (Hildinha), 65 anos. Entrevista realizada no Hotel Pousada Araújo, de sua propriedade, em 05/07/2008, em São Domingos.

¹⁶ "O tempo se revela acima de tudo na natureza: no movimento do sol e das estrelas [...] nos indícios sensíveis e visuais das estações do ano. Tudo isso é relacionado aos movimentos que lhe correspondem na vida do homem (com seus costumes, sua atividade, seu trabalho) e que constituem o tempo cíclico [...] Por outro lado, temos os sinais visíveis, mais complexos, do tempo histórico propriamente dito, as marcas visíveis da atividade criadora do homem, as marcas impressas por sua mão e por seu espírito: cidades, ruas, casas, obras de arte e de técnica, estrutura social, etc." (BAKHTIN, 1997, p. 243.).

sua população. Essa condição dificultou o processo de interferências de culturas exógenas ao local, bem como mantiveram vivas as manifestações populares e o imaginário dos moradores de São Domingos.

No entanto, percebemos que esses valores tradicionais estão sendo gradativamente comprometidos com a realidade do mundo mostrado pela televisão. Pressupondo que o problema principal reside no fato de que a maioria das emissoras tendem a produzir programas culturalmente direcionados para as zonas urbanas, existe pouca contribuição para a educação e entretenimento às populações que vivem no meio rural (Mateucci, 2004).

Considerando os aspectos religiosos, fortemente imbuídos nas festividades de São Domingos e Terra Ronca, podemos inferir que a religião Católica Apostólica Romana é dominante na região. É ela quem caracteriza o “mundo tradicional” por meio das manifestações de fé em todos os grupos sociais. Procuramos extrair desses sentimentos elementos para fundamentação de nosso estudo.

A religiosidade é um dos aspectos mais influentes nas relações sociais do homem, ela permeia aparentemente todas as dimensões da vida pessoal e cotidiana de vários grupos sociais do município. É uma presença constante, especificamente nos segmentos de renda mais baixa, entre esses, aqueles que vivem no meio rural, ou que dele migraram para a cidade.

Fora da área urbana, todos os ciclos de vida de uma pessoa, do nascimento à morte, bem como todas as suas relações sociais, sugerem uma forte influência da cultura religiosa do catolicismo popular. Uma forma de se observar esse comportamento, é através do sentido de sacralização do tempo e espaço. A sacralização¹⁷ do espaço exprime-se na forma de retê-lo e organizá-lo: a residência familiar não é apenas uma casa. Possui em seu interior um espaço destinado à

¹⁷ Em qualquer religião existe uma diferença entre o espaço sagrado e o espaço profano. Existe um limiar que pode ser encontrado, por exemplo, numa igreja, onde a porta é o limite entre a rua (profano) e o interior da igreja (sagrado). Neste local é possível transcender e estar protegido de qualquer espírito maléfico, ou demônio. É um local que coloca a pessoa em comunicação com os deuses. “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”. A teofania consagra o lugar pelo fato deste lugar estar aberto para o céu, em comunicação com os deuses, é um local de passagem (ELIADE, p.30, 2008).

prática de rituais religiosos, objetos sacros, bíblia, oratórios, etc., sinalizando a reverência cristã.

O tempo sagrado é uma narrativa. Narra a origem dos deuses e, pela ação das divindades, a origem das coisas, das plantas, dos animais e dos seres humanos. Por isso, a narrativa religiosa sempre começa com alguma expressão do tipo: “no princípio”, “no começo”, “quando o deus estava na Terra”, “quando a deusa viu pela primeira vez”, etc. A narrativa sagrada é a história sagrada, que os gregos chamavam de mito. Embora a narrativa sagrada seja uma explicação para a ordem natural e humana, ela não se dirige ao intelecto dos crentes (não é Filosofia nem ciência), mas se endereça ao coração deles. Desperta emoções e sentimentos – admiração, espanto, medo, esperança, amor, ódio”. (CHAUÍ, 2000, p.383).

A palavra “sagrado”, segundo Rosendahl (1999), possui um sentido de dispersão. Separa as experiências que envolvem uma divindade de outras com características profanas. As pessoas crentes vivem a essência do sagrado com um grande sentimento de respeito, confiança e dependência total.

Verificamos que na cidade de São Domingos, o tempo e a organização do espaço religioso, estão em conformidade com o calendário organizado pela igreja católica.

1.4 Tradições, Mitos e Lendas

1.4.1 Tradições de São Domingos

A primeira manifestação relatada nas entrevistas corresponde ao período que antecede o natal. Nessa época, em muitas casas do município são feitas maquetes de uma caverna na qual são colocadas as imagens do Menino Jesus, da Virgem Maria, de São José e de animais como burro, vaca, ovelha e outros, criando dessa forma um presépio com características particulares, conforme a foto na página seguinte.

Dona morena¹⁸ assim descreve a festa da lapinha:

¹⁸ Dona Morena (Paula Santa Cruz), 60 anos, coordenadora pedagógica e professora do município – ex-Secretária de Educação de São Domingos. Entrevista realizada de São Domingos em 28/08/2008.

[...] Tem a manjedoura (presépio), na semana do natal todo mundo reza a ladainha. Naquelas grutas que eles constroem presépio e chamam de “lapinha”. Existem várias pessoas que vão nas casas rezar a Novena de Natal, mas tá se escasseando. (Dona Morena, 2008). Grifo nosso.

Esta festividade denominada “Lapinha”, ocorre em alusão ao nascimento de Jesus, ou seja, o Natal. Essa festa é associada ao imaginário religioso da caverna de Terra Ronca. A essa “lapinha”, atribuem também os milagres concedidos pelo filho de Deus, demonstrando a forte influência da caverna sobre a tradição cultural do município.

Conforme depoimento de D. Morena, nos últimos dez anos a freqüência dessa comemoração tem sido cada vez mais irregular, com diminuição significativa no número de pessoas que fazem a “lapinha” em suas casas.



Foto 8: Lapinha (gruta) da D. Joanhina.
Fonte: Mateucci, 2004.

Outra manifestação é a Festa das Pastorinhas, que ocorre durante o período compreendido entre o Natal (25/12) e o Dia de Reis (06/01), quando um grupo de

jovens, com vestimentas típicas, sai entoando cânticos e visitando as lapinhas, com o objetivo de angariar fundos para a Igreja de São Domingos.

Em uma tentativa de preservar esta tradição, o padre da cidade chegou a fazer uma gravação com todos os cânticos dessa festividade, pois não existem partituras ou mesmo alguma coisa escrita. Conta-se tão somente com a memória dos mais velhos. Dona Morena (2008), assim se refere à Festa das Pastorinhas:

[...] A Pastorinha é no Natal. É um grupo de meninas fantasiadas de azul, rosa e chapéu, com dois anjos na frente. Também é chamada de “ternos das pastorinhas”. Cada um representa uma flor. Cantam versos [...] uns são fantasiados de ciganos [...] batem nas casas e pedem esmolas [...] Temos as fitas gravadas na filmadora [...] é cantada na semana que antecede o natal. Tem também a semana cultural, criada por mim, mas agora não estão mais fazendo a semana cultural (de 7 a 14 de outubro). Envolvia todas as escolas do município, os alunos representavam alguma coisa com referência ao município. (DONA MORENA, em 28/08/2008).

Como se vê, as relações sociais se ajustaram aos princípios de valores e com a ordem social vigente.



Foto 9: Desfile das Pastorinhas, década de 1950.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

As Pastorinhas reverenciam em suas visitas, o representante do imaginário de salvação, o menino Jesus em sua morada sagrada – a gruta. Esse evento tradicional também se tornou muito irregular, conforme Dona Morena, não está mais sendo praticado nos últimos cinco anos.

Há também a tradição da Caça à Rainha, que é uma manifestação cultural do povoado da Estiva (povoado do município de São Domingos), comemorada em 20 de janeiro, dia de São Sebastião. A Rainha e o Rei se escondem e os seus súditos vão procurá-los. Ao encontrá-los, é realizado um passeio pela cidade, sendo feita uma festa de comemoração, com comidas e bebidas oferecidas pelo Rei. Nesse momento, o Rei antecessor nomeia o sucessor para o próximo ano.

[...] A caça à rainha é lá do povo da Estiva, eles fazem essa brincadeira todo ano, mas ouvi dizer que já acabou.[...] Que não tão fazendo mais a mais de 10 anos.[...] Lá o povo é muito pobre (DONA MARIA¹⁹, em 28/08/2008).

Segundo De Paula (2008), a festa da Caça à Rainha surgiu inspirada no ato da Princesa Isabel de libertar os escravos sem o conhecimento do Imperador D. Pedro. Temendo represálias do pai, a princesa Isabel fugiu para o mato e o Imperador do Brasil mandou procurá-la. Os homens da corte iniciaram a caçada à rainha e quando a encontraram, tudo terminou em festa. Alguns dos personagens dessa tradição chamam atenção, como é o caso do Palhaço, que anima os festejos usando uma máscara. Notamos que esta festividade permeia o imaginário popular em quase todos os municípios brasileiros. Notamos, ainda, que no povoado de Estiva não se comemora a Caça à Rainha há mais de dez anos.

Outra manifestação cultural marcante no município, é a queima do Judas. Ocorre na madrugada da sexta-feira da Paixão para o sábado de Aleluia. Antes porém, um grupo de pessoas confecciona um boneco representando o Judas e um outro grupo sai pela cidade apoderando-se de tudo o que encontra pela frente – jarros de plantas, roupas, bicicletas e outros objetos, para com eles formar o que se chama na região de “os bens do Judas”. Esses objetos são levados para um lugar pré-estabelecido onde são depositados junto ao Judas, para que os seus proprietários possam reavê-los no sábado. Também nesse dia é lido o testamento do Judas, e a queima do boneco.

¹⁹ Dona Maria Célia Luiz da Silva, 30 anos, nascida em Terra Ronca e residente em São Domingos, atualmente é condutora eventual de ecoturistas. Entrevista realizada em 28/08/2008.

[...] A festa do judas é boa demais, tem até cantoria de repente. Até hoje o pessoal comemora [...] eles fazem o boneco com a cara do sujeito que mais aprontou na cidade no ano. Normalmente é esses políticos sem vergonha [...] eles aproveitam e ripam o coro nele. É revanche (DONA MARIA, em 28/08/2008).

De acordo com Dona Maria (2008), o conteúdo dos acontecimentos dessa festa é marcante ou divertido. Os acontecimentos que ocorreram durante o ano são transformados, reproduzidos em versos pelos repentistas da cidade, quando são citados os nomes das pessoas, normalmente políticos da região. É comemorada anualmente no município.

Outra expressão tradicional do calendário católico é a Festa do Divino. Esta festividade possui duração de dez dias, sendo comemorada em data móvel, com o seu final determinado pelo Pentecostes, que ocorre de acordo com o calendário cristão, ou seja, cinquenta dias após a ressurreição de Cristo, quando se comemora a Páscoa. Um grupo de foliões é tradicionalmente constituído por oito pessoas, podendo chegar até a dez pessoas; um alferes, um cuca e seis instrumentistas. O alferes é quem carrega a bandeira, de cor vermelha, representativa do Divino Espírito Santo. O cuca é o organizador da folia, pois é a pessoa que arranja o pouso e instrui a pessoa que vai hospedar a folia sobre os preparativos para recepcionar os foliões.

[...] É uma festa igual a festa do padroeiro (26 de julho), tem muita barraca, quermesse pra angariar dinheiro para a igreja. A cidade fica cheia de gente de fora. Termina a festa dia 4, quando começa a da gruta. Cheia de barracas e mascates. É uma festa muito movimentada. Termina a festa dia 4 e o pessoal desce lá pra gruta. Já vão emendado.. (DONA MARIA, em 28/08/2008).

Pouso é o nome dado ao local de abrigo e alimentação dos foliões, e, por essa razão, o cuca sempre vai na frente para organizar a folia. A folia “gira” por dez dias. Girar significa ir de casa em casa, cantando e pedindo dinheiro, posteriormente, agradecem fazem pequenos lanches ou almoçam. Se já estiver muito tarde, jantam e vão dormir no pouso. Os giros acontecem apenas durante o dia e o primeiro deles tem início logo cedo, com o café da manhã na casa do

Imperador.

De acordo com De Paula (2008), nessa festa o Imperador é a pessoa escolhida para a abertura e o encerramento da folia, é quem entrega a folia para o sucessor nomeado para o próximo ano. Os instrumentos musicais mais utilizados são: o violão (ou a viola), a caixa, o pandeiro e a rabeça. Essa festividade é relativamente comum em diversos municípios de Goiás. É uma tradição festejada até os dias atuais, atraindo muitos turistas para a região.

Em São Domingos, a Folia de Reis é uma festa religiosa com data pré-determinada com duração de seis dias. Acontece de primeiro a seis de janeiro, dias estes, pelo calendário católico, dedicado aos Reis Magos. Essa manifestação cultural evoca a visita feita ao nascimento do Menino Jesus pelos três Reis Magos. Segundo Dona Maria em 28/08/2008:

[...] A Folia de Reis é parecida com a Festa do Divino, vem muita gente brincá. A diferença é a cor da bandeira que o pessoal carrega, que é amarela. Também tem os giros que não pára. Na do Divino é só de dia, na de Reis é dia e noite, o pessoal não cansa não.

Na cultura tradicional brasileira, os festejos de Natal são comemorados por grupos que visitavam as casas tocando músicas alegres em louvor aos "*Santos Reis*" e ao nascimento de Cristo. Essa manifestação festiva estende-se até a data consagrada aos Reis Magos. Trata-se de uma tradição originária de Portugal que ganhou força especialmente, no século XIX, e mantém-se viva tanto em São Domingos, quanto em outras regiões do país, sobretudo nas pequenas cidades dos estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Goiás (DE PAULA, 2008).

A comemoração de São Sebastião é de menor porte, seus integrantes são tipicamente produtores rurais. As festividades duram três dias, de dezoito a vinte de janeiro. Nesse período, toda a zona rural e urbana se reúne para homenagear o santo protetor dos agropecuaristas – São Sebastião. Dona Morena. em 28/08/2008, se refere à festa como:

[...] É coisa do pessoal do mato. Eles vêm no início do ano fazendo procissão, junta com o povo da cidade e vão até à igreja rezando [...] eles

reza pra tudo dá certo com as plantaço e com o gado. Antigamente dava mais gente, faz uns cinco anos que não se vê eles.

A devoção a São Sebastião tem suas origens no fato de ser, a economia da cidade, baseada na agropecuária. A festividade conta com novenas, missas, forró.



Foto 10: Comemoração de São Sebastião, década de 50
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Na opinião do padre da cidade, "as festas de São Domingos representam mais que devoção. Representam os aspectos de sociabilização e o resgate das características culturais esquecidas". Conforme nos relatou, a festa tornou-se muito irregular, há mais de cinco anos não acontecem as comemorações.



Foto 11: Moças fantasiadas para o baile da festa de S. Domingos – década de 40.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

As homenagens a São Domingos de Gusmão é representada pela festa do santo padroeiro da cidade, comemorado no dia 4 de agosto de cada ano. Para

comandar os festejos, em todos os anos são sorteados quatro pessoas, dois homens, duas mulheres, o Imperador e o Capitão-do-mastro.

Quando termina a missa, a população, em cortejo, se dirige à casa do Imperador para o baile, com muita comida e bebida para os festeiros. Conforme Dalvan²⁰ (em 28/08/2008):

[...] A festa mais popular é no mês de agosto é a festa do padroeiro, em 4 de agosto. No calendário da igreja é a novena. Dia de São Domingos Gusmão [...] Dia 4, 5 e 6 é a de terra ronca. Essa festa é a filha daquela da Bahia (é a filial). As mais fortes do município são essas mesma. Eles levantam o mastro na igreja [...] é uma festa muito bonita vem gente de tudo que é lugar pra ver.

Durante a festa é feito o Levantamento do Mastro, na praça em frente da igreja. O Mastro é carregado em procissão por muitos devotos. Na frente vem o Capitão do Mastro e o Alferes, que trazem a Bandeira e a imagem de São Domingos.



Foto 12: Missa do padroeiro no interior da gruta.
Fonte: Folder da Prefeitura de São Domingos, 2005.

Com a queima de fogos e o badalar dos sinos da igreja, o Mastro é levantado,

²⁰ Dalvan Gomes da Silva, 45 anos, Diretor de Cultura do Município de São Domingos. Ele possui o grande mérito de tentar recuperar a memória das tradições de São Domingos através de registros fotográficos. Entrevista em 28/08/2008.

demonstrando que a comunidade está em festa. Essa tradição se mantém viva até hoje.

O evento da caverna denomina-se de Festa do Bom Jesus da Lapa. É uma manifestação popular realizada no interior da gruta de Terra Ronca, nos dias cinco e seis de agosto. As pessoas, em romaria, expressam sua fé e buscam milagres espirituais e materiais que possam amenizar as dificuldades da vida.

Esta romaria, de acordo com dados do IBGE (1958), teve sua frequência anual estabelecida a partir do ano de 1948, permanecendo até os dias atuais.

A peregrinação aos lugares sagrados, como para Terra Ronca, é uma demonstração de fé associada à espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar para outro, de grandes grupos de pessoas por um determinado período regular.

Segundo Rosendahl (1996), a peregrinação católica contempla, também, o aspecto turístico. A autora, no entanto, reconhece que no Brasil as peregrinações possuem um cunho muito mais religioso do que de turismo, pois na maioria das vezes envolve sacrifício de longas caminhadas para a participação nas romarias, acampamentos ao relento, falta de estrutura sanitária, entre outros.



Foto 13: Missa do padroeiro no interior da gruta. Vista por trás do altar.
Fonte: Folder da Prefeitura de São Domingos, 2005.

Para os entrevistados, a romaria e festa possuem o seguinte significado:

[...] O pessoal ganha muito dinheiro nessa época. Os políticos aproveitam para fazer a politicagem na gruta. Tem de tudo [...] Muita festa dançante. Barraca de comida, barraca de dança e missa celebrada dentro da gruta [...]

nessa época, casamentos batizados, tudo é feito dentro da gruta (DONA MORENA, em 28/08/2008).

Sob o ponto de vista da igreja católica, a romaria²¹ possui um outro significado. De acordo com o artigo do Bispo Diocesano Dom Gil Antônio Moreira (MOREIRA, 2007).

[...] ir em romaria significa celebrar a nossa condição de peregrinos para o reino definitivo de Deus, aumentar a nossa consciência dos percalços da estrada, a necessidade de recobrar forças e nunca desanimar no caminho do bem. Quem vai em romaria sabe estar fazendo um ato religioso, um andar com Deus, um exercício de fé. Não se faz romaria por turismo, para passear, para visitar lugares diferentes. A satisfação e a alegria de estar em peregrinação vêm do alto, e se torna prazeroso caminhar juntos para os lugares santos.

Por outro lado, podemos observar que em São Domingos, bem como em outros lugares, as romarias passaram a ter um outro significado, além do religioso.



Foto 14: Índia Kalunga nas festividades de São Domingos em 1935.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Tornaram-se um espaço de sociabilidades, de encontro de famílias e gerações, de pessoas e povos de terras vizinhas, de um melhor vestuário festivo, de

²¹ A palavra “romaria” tem sua origem em “Roma”, centro da cristandade. O lugar que todos os cristãos, durante a sua vida, deveriam ir pelo menos uma vez na capital religiosa do catolicismo. Por esta razão, a partir dos séc. XVI e XVII começaram a construir ermidas e santuários em diversos locais do mundo, para os que não poderiam se deslocar até Roma, sempre existiria uma romaria para por perto (AZZI, 1974).

encontros de namorados, etc. As pessoas mais velhas costumam ainda se encontrar nesses locais para “prosear”. A romaria agregou esse novo significado. Passou a ser um símbolo da festa a caminho da casa do Pai, confirmando os saberes de Dona Morena.

Como bem sintetizou Rodrigues (1996), a romaria é “uma rotura com o quotidiano, aparecendo nela todos os aspectos da vida: econômicos, sociais, religiosos, culturais e históricos”.

No caso específico da festividade de Terra Ronca, quando questionamos os entrevistados sobre a possibilidade de quebra ou danos às estalactites ou estalagmites do interior da caverna, Dona Morena (em 28/08/2008) disse: “Não. O pessoal já conscientizou. O pessoal mexe, mas não estraga. Já é proibido soltar foguete na boca da gruta”.

Essa visão simplista de Dona Morena, não reflete as conseqüências que um grande movimento de turistas possa causar no meio ambiente. Os administradores de lugares turísticos normalmente tem dificuldades em solucionar problemas de saneamento básico, pois em época de férias, ou de eventos como a romaria, a população da cidade aumenta várias vezes de tamanho, provocando colapso nos sistemas coletores, e os esgotos (fossas), acabam sendo despejados nos rios, podendo comprometer todo o ambiente cavernícola com a passagem de águas contaminadas pelo seu interior

Em Lemos (1996), podemos verificar que as áreas que possuem peculiaridades ambientais atrativas, são alvos de intenso processo de especulação imobiliária, modificando drasticamente o local e produzindo enorme quantidade de lixo.

A população nativa é frequentemente deslocada para lugares mais afastados das suas moradias de origem, vendo seus valores culturais serem desprezados e sendo submetidos a novos valores exógenos às suas tradições (LEMOS, 1996).

Não existem estatísticas oficiais sobre o número de participantes nas romarias, no entanto, em conversas informais com os comerciantes da cidade, tem havido um crescente número de romeiros ao longo da história, expressos no crescimento de suas vendas. Mas em função da forma como foi implantada a Unidade de Conservação do Parque Estadual de Terra Ronca, na época em que ele

foi instituído, a romaria foi quase extinta.

Nos dias atuais continua havendo romarias, porém com um número visualmente menor de participantes²².

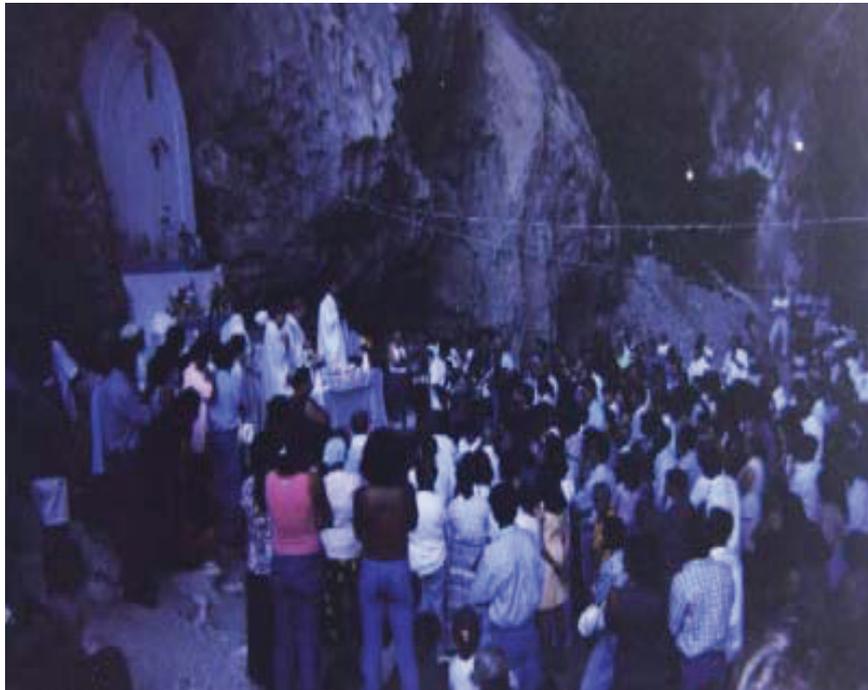


Foto 15: Chegada da romaria no interior da gruta de Terra Ronca.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

Uma tradição que evocava grande respeito por parte da população do município, era a Lamentação das Almas. É uma manifestação cultural que ocorre durante a Semana Santa. De acordo com os costumes, os ritos devem obedecer a um número ímpar. Normalmente a procissão sai à meia-noite das quartas, quintas e sextas-feiras, quando vários grupos de pessoas que saem cobertas com lençóis brancos de forma que dificilmente possam ser identificadas. Esses grupos vão em direção ao cemitério da cidade, onde lamentam seus mortos, rezando e entoando cânticos fúnebres. .

A procissão percorre as ruas da cidade em silêncio, que só é rompido quando fazem as paradas conhecidas como “estações”, onde fazem orações e cantorias em voz alta para espantar os maus espíritos. O que marca o fim das cantorias é o toque

²² A problemática da romaria será melhor explorada no capítulo 2.

das matracas²³. O principal local para a lamentação das almas é o cemitério da cidade. Durante o trajeto percorrido são realizadas até sete estações, sendo que em cada uma delas são rezados de três a cinco Pai-Nossos para os mortos, em obediência ao preceito do número ímpar.



Foto 16: Antigo cemitério no interior do PETeR²⁴.
Fonte: Ribeiro, 28/08/2008.

Quando questionado sobre o significado e participantes dessa Lamentação, o entrevistado Dalvan, em 28/08/2008 nos relatou:

[...] Não, é um grupo de pessoas pequeno. Mas o significado é interessantíssimo. Formam um grupo bem peculiar, só de homens. Acompanha o calendário pentecostes da igreja. O pessoal tinha um medo que se pelava deles [...] ficavam cantando aquelas coisas de alma pelas ruas e depois iam para o cemitério [...] ninguém saia na rua.

Os grupos convergem para a Igreja matriz de São Domingos onde encerram as lamentações, saudando a Igreja com um canto específico e rezando mais um Pai-Nosso.

²³ O toque seco da matraca a noite é ouvido a longa distancia, anunciando o fim da lamentação.

²⁴ As lápides e pequenos mausoléus são feitos em madeira, em função do não beneficiamento das pedras na região. Não existem pedreiras na região.

Esse ritual²⁵ comove e assombra a população da cidade. No entanto, encontra-se em declínio, pela falta de interesse dos mais jovens em manter a tradição. Há vários anos não é mais praticado (Mateucci, 2004).

Essa perspectiva da religião tradicional popular centrada no catolicismo, e ao mesmo tempo inserida nas relações sociais, ajuda-nos a compreender a dinâmica das relações sócio-religiosas com a natureza. Os agentes religiosos e rezadeiras ainda hoje, existentes no município, formam um elo importante na estrutura mental que liga o homem à natureza nesse sistema tradicional.

Uma sociedade relativamente isolada em termos históricos, com acidentes geográficos de incomum beleza, com muitos rios, cachoeiras, vales e centenas de grutas, torna-se uma região vulnerável à profusão de mitos, lendas e à formação de tradições peculiares associadas ao meio ambiente. As festas, rezas e cânticos, deixam explícitas a fé em um ser superior para resolver os problemas da agricultura, chuvas, bem como para solucionar problemas de ordem social.

Consta na Enciclopédia dos Municípios do IBGE (1958, p. 145), essa característica de religiosidade abordada da seguinte forma: “Grupos de pessoas, inclusive crianças, se dirigem à Lapa (gruta), levando uma imagem para pedir chuva”.

Existe uma variedade de preces e promessas para proteger e abençoar animais e colheitas, além das chuvas.

Esses elementos estudados mostram a importância da religiosidade na sociedade tradicional, com destaque para àquelas com características tipicamente rurais. É um fenômeno do imaginário popular sem o qual a realidade social tradicional dificilmente assentaria suas bases.

1.4.2 Mitos e Lendas do Município

A riqueza cultural do município também contempla vários mitos e lendas que compõem o seu acervo imaterial e podem se constituir em uma significativa área de

²⁵ Ritual: Conjunto de cerimônias e fórmulas de uma religião e de tudo quanto se refere ao seu culto ou liturgia. Cerimonial próprio de qualquer culto (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2008).

interesse turístico para a região, e fonte de renda, contribuindo para a fixação dos jovens no local e a continuidade da transmissão oral entre gerações.

No Morro do Moleque, nas proximidades da cidade de São Domingos, existe a lenda²⁶ do Galo-de-ouro.



Foto 17: Morro do Moleque,
Fonte: Roteiros do Brasil, 2008, p.1.

É uma crença popular sobre a existência de uma estátua da ave que foi fundida com ouro de vinte quilates e mede cerca de meio metro de altura, com olhos cravejados de diamantes e penas com diversos rubis. Suas esporas eram feitas de grandes esmeraldas. O entrevistado José Pelegrino²⁷ nos contou em 05/07/2008:

[...] Os mais velhos ouviam o galo cantar, sem que ele fosse visto, afastava os curiosos do local. Também tem outras histórias do Morro do Moleque, sobre assombrações, padres sem cabeça, cobras enormes com olhos de fogo, isso quando não aparecia o próprio demo cavalgando um porco-espinho... o ronco deles podia ser ouvido a mais de 100 léguas de distância.

²⁶ Lenda: narrativa transmitida pela tradição de eventos geralmente considerados históricos, mas cuja autenticidade não se pode provar. História fantástica, imaginosa, mentira, patranha. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2008).

²⁷ José Pelegrino, 50 anos, ex-Secretário de Turismo e professor do Município de São Domingos. Entrevista realizada em São Domingos em 05/07/2008.

Dona Maria (em 28/08/2008) sobre a “Cobra de Fogo” do Morro do Moleque nos relata:

[...] É uma cobra de fogo que anda nos matos, perto do Morro do Moleque [...] antigamente os índios que aparecia aqui diziam que o bicho queimava por dentro [...] não queimava o mato seco. Também é chamado de boitatá²⁸ [...] quem encontra a boitatá pode até ficar cego.

Quanto à lenda sobre o Nego d'água, ela diz que se trata de uma espécie de figura, de cor negra, que mora em locais dentro dos rios e que eventualmente sai da água para assustar pessoas desprevenidas. O guia Ramiro²⁹, em 28/08/2008, também nos conta:

[...] Era um neguinho de cabelo pixaim que tinha dente azulado, e mãos e pés parecidos com pato, [...] eram ligados por uma pele. A mania era de pegar criança na beira do rio e dar sumiço.

Não se tem notícia de alguma criança desaparecida por influência do neguinho. Segundo os entrevistados, qualquer pessoa que esteja à beira do rio no momento em que o neguinho aparece fica “abobada” e cai nas águas do rio, morrendo por afogamento. Todos os entrevistados são unânimes ao lembrar de terem ouvido falar desta lenda quando eram crianças, porém há muito tempo não escutam a seu respeito.

Em contrapartida, a crença do Romãozinho é lembrada por todos. Trata-se da história de um moleque malvado cuja índole contrasta com a bondade dos pais; um trabalhador da roça e sua esposa, dedicada mãe e dona de casa. Instigado pelo filho, que dizia que sua mãe o traía, o pai a matou. Em seus últimos suspiros a mãe

²⁸ Boitatá: antigo mito brasileiro cujo nome significa "coisa de fogo", em tupi. Já referido por José de Anchieta em 1560. O boitatá é um gênio protetor dos campos: mata quem os destrói, pelo fogo ou pelo medo. Aparece sob a forma de enorme serpente de fogo (RIBEIRO, 1968).

²⁹ Ramiro Hilário dos Santos, 50 anos, nascido e criado em Terra Ronca, sua casa fica a 100m da entrada da gruta. É considerado o maior conhecedor das cavernas da região, servindo de guia para pesquisadores e turistas desde a década de sessenta. Entrevista realizada em Terra Ronca em 28/08/2008.

rogou uma praga sobre o moleque (RAMIRO, em 28/08/2008).

Romãozinho. Ele atentou aqui [...] era o Saci [...] tinha umas casa aqui que ele atacava sempre [...] mexia tudo, quebrava coisas. Minha mãe sempre me metia medo com ele (RAMIRO, em 28/08/2008).

Observamos que por meio da interpretação da lenda buscamos identificar o significado arquetípico³⁰ do personagem principal, além de verificar a incidência de seu dinamismo no momento atual da cultura. Essa lenda é contada até os dias atuais, porém somente no meio rural da região.

Outra lenda que povoa o imaginário coletivo da cidade de São Domingos é a do padre sem cabeça que, segundo D. Morena em 28/08/2008:

[...] O padre sem cabeça dava uma vela de cera para quem desse de cara com ele [...] era para guardar [...] se no dia seguinte não encontrava a vela, ele pegava a alma do infeliz. Falam que antigamente ele andava pelas ruas da cidade.

A origem dessa lenda se deu, segundo os entrevistados, quando um padre seduziu uma moça e foi condenado a passar a eternidade transformando-se em um “padre sem cabeça”, que sai nas noites de lua cheia assustando as pessoas. Dizem que às vezes é visto correndo a pé e outras montado em um cavalo fantasma. Essa é outra lenda que só sobrevive na memória dos mais velhos.

É importante observar que todas as lendas apontam para a manutenção de princípios defendidos tanto pela igreja católica quanto pela sociedade ao longo da história. O celibato dos padres, por exemplo, ainda hoje é um assunto polêmico.

Poder-se-ia talvez atribuir essa lenda do “padre sem cabeça” ao momento histórico da chegada dos jesuítas no Brasil, pois sabe-se que era comum naquela

³⁰ Arquétipos: por definição, são fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em imagens, de modo típico. Certas lendas, mitos e símbolos têm origem na infância da humanidade em que faltando recursos intelectuais, o homem apresentava uma disposição natural para aceitar o sobrenatural. Seria assim uma necessidade psicológica de buscar soluções mágicas e de criar seres fantásticos para superar uma realidade que lhe impunha limitações. O inconsciente coletivo guardaria assim, uma necessidade de retorno às origens do homem revivendo experiências anteriores da humanidade. (ARAÚJO, 1980, p. 39).

época situações de concubinato entre padres portugueses e nativas brasileiras. Villalta (2007), afirma que:

Pululavam os casos de concubinato, de prostituição e de padres amancebados, diz o historiador, lembrando que a moralidade coletiva, por sua vez, admitia implicitamente algumas relações sexuais “ilícitas”, em particular as travadas por homens de estratos superiores com mulheres de nível mais baixo (VILLALTA, p. 25-57, 2007)

As variações da maldição envolvem o padre, e não a mulher, que é vista como a vítima, já que teria sido seduzida pelo religioso ou muitas vezes tomada à força, vítima de estupro ou abusos. Percebe-se a intenção da igreja de reprimir a prática do sexo pelos padres, nesse caso, com o agravante da não permissão da parceira, que só se submete a tal ato em razão de violência física ou moral.

Entre os nativos brasileiros não existia a cultura do casamento e as relações sexuais aconteciam espontaneamente entre os membros da tribo. No caso da civilização européia, porém, o casamento era uma instituição importantíssima e a virgindade era uma condição para que uma jovem pudesse se casar. Uma moça que tivesse relações sexuais antes do casamento era excluída da família e marginalizada da sociedade, se tornava uma “mula sem cabeça”. Como se vê, esta é a versão feminina da lenda do padre.

Pelos depoimentos de Dona Maria (em 28/08/2008), em São Domingos acredita-se que há meios de se descobrir se uma mulher é concubina de um padre, ou mula sem cabeça, “basta por no fogo um ovo enrolado em fita de papel vermelha com o nome da mulher, se o ovo cozinhar e a fita não queimar toda, ela é...”.

Podemos concluir que as lendas do padre sem cabeça, romãozinho, cobra de fogo e nego d’água não são apenas uma narrativa do folclore³¹ dominicano ou brasileiro de uma forma geral, utilizada somente para distrair e assustar em noites de contação de história. Possuem uma lógica de preservação de valores por trás dessas narrativas imaginárias, que estão desaparecendo do cotidiano das famílias.

³¹ Folclore: Costumes tradicionais, crenças, superstições, festas, lendas, artes etc., conservados no seio de um povo. Parte da antropologia cultural que estuda esses elementos; cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade" (MICHAELIS, 2008).

Como visto anteriormente, as relações são tanto em nível real, quanto imaginário, pois são portadoras de significados e de funções de integração com o meio ambiente e de solidariedade entre os membros da sociedade.

Desse modo, vale ressaltar que as memórias foram incorporadas a essa dissertação, não como meros registros dos mitos, lendas e tradições da região, mas porque delas emergem significados, representações, experiências e riquezas de diferentes sujeitos que reelaboram modos de vida e visões do mundo que os cercam. Ao serem documentadas permitem que outros olhares sejam produzidos sobre a tradição e os saberes de São Domingos, distanciando-se de visões que os compreendem como parte de um passado a ser esquecido.

1.4.3 Expressões Culturais: Agente Integrador

Para tecer uma análise sobre a importância da manutenção dos mitos, lendas e tradições, como um fator cultural e como um importante agente integrador econômico e social, devemos examinar os fatores que contribuíram para a redução atual na transmissão da história oral do município.

A primeira área de análise incide sobre as relações familiares, que são as bases do modelo comunitário de existência e da transmissão da história oral. As relações sociais de família, parentes, vizinhos, amigos de trabalho, lazer, religiosidade, etc., se conjugam formando um quadro de valores e de comportamentos, criando, legitimando e mantendo tradições, e que tem na ética do catolicismo popular o seu solo mais fecundo.

O papel que a família ocupa no trabalho é efetivamente importante, pois a força de trabalho de todos os integrantes da família é que gera a condição necessária para o sustento de todos. Desde cedo os filhos integram o mundo do trabalho, enquanto os mais velhos são poupados e executam tarefas mais leves, passando a serem os responsáveis pela transmissão oral da história de sua própria família e dos mitos, lendas e tradições da sociedade na qual estão inseridos.

Quando ocorre o deslocamento de um ou mais membros da família em busca de trabalho externo e melhor condição de renda, nos arredores ou mesmo em

lugares mais distantes, dificilmente eles retornam para dar continuidade à sua vida tradicional.

Em São Domingos, os jovens trabalhadores saem de seus lares com destino principalmente para as grandes fazendas de soja ou partem para outros Estados, em busca de um futuro melhor. A justificativa mais ouvida é expressa nas palavras de Dalvan (em 28/08/2008), quando diz: “não existem mais oportunidades de trabalho, não há progresso no município”. Com esse rompimento na cadeia familiar, também rompem-se os encadeamentos da transmissão oral das tradições do município de São Domingos.

Neste capítulo buscou-se identificar, registrar e documentar os mitos, lendas e tradições de São Domingos. Foi observado também que o caráter econômico teve significativa importância na desestruturação dos lares, comprometendo os vínculos de oralidade das tradições no município.

Mas foi somente o fator econômico o responsável pela redução das tradições no município?

No intuito de responder a essa questão, iremos no capítulo seguinte analisar outros agentes e fatores que influíram no processo de redução do interesse pela manutenção das tradições da região de São Domingos.

CAPÍTULO 2 - TERRA RONCA: TRADIÇÕES E CONFLITOS



Foto 18: Entrada do Parque Estadual de Terra Ronca - PETeR
Fonte: Ribeiro, 2008.

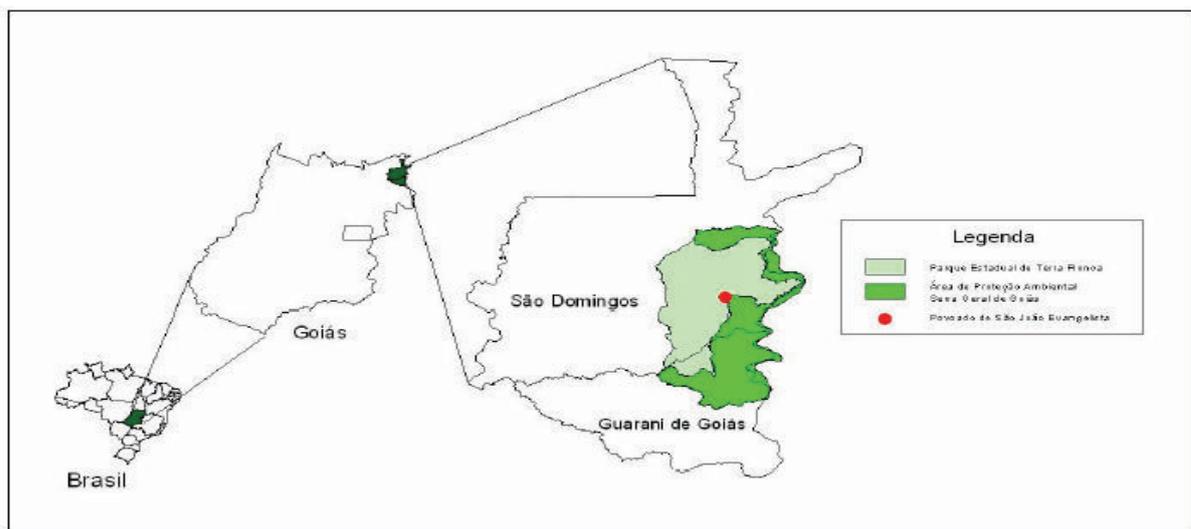
*Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.*³³

Platão (428-347 a.C.)

Buscando atender aos objetivos da pesquisa, esse capítulo é destinado a tecer análises sobre os fatores geradores relativos ao processo de redução do interesse pela manutenção das tradições na região, e a influência da criação do Parque Estadual de Terra Ronca, localizado no município de São Domingos, sobre os mitos e lendas que povoam o imaginário da população.

2. 1 O Parque Estadual Terra Ronca - PETeR

Foi criado em 1989 com o intuito de proteger um valioso complexo espeleológico de significado nacional e internacional. O patrimônio natural desse local, por si só justificaria a necessidade científica de criação de uma Unidade de Conservação Ambiental, mas o Parque também abriga um patrimônio cultural/religioso de grande importância regional: a Romaria de Bom Jesus da Lapa.



Mapa 2: Mapa de localização do PETeR no município de São Domingos.
Fonte: Agência Ambiental de Goiás, 2008.

O PETeR possui uma área de aproximadamente 57.000 hectares,

³³ Coleção “Os Pensadores”, 1973.

representando 16% do território do município de São Domingos, inserido em uma região extremamente pobre no nordeste do Estado de Goiás, denominada de Vão do Paranã, distante aproximadamente 600 km de Goiânia e 400 km de Brasília (IBGE, 2008). O acesso ao Parque é feito pela estrada estadual GO-108, antiga GO-536, uma rodovia de terra que interliga as cidades de São Domingos e Guarani de Goiás.

Observamos que as condições atuais de funcionamento do Parque são precárias. Não há portaria³⁴ e nem tampouco se exige autorização para entrar, o acesso é livre a qualquer hora do dia ou da noite. Isso pode possibilitar que pessoas não autorizadas causem danos irreparáveis aos espeleotemas das grutas.



Foto 19: Administração do PETeR. No dia da visita não havia ninguém.
Fonte: o autor Ribeiro, 2008.

A administração do parque se encontra em um ponto deslocado da rota dos turistas, dificultando o processo de comunicação com esses visitantes, e a fiscalização do Parque, que segundo os depoimentos de alguns entrevistados, é no momento, praticamente nula. Mesmo que alguma ação predatória seja identificada, é extremamente difícil para o visitante ou morador realizar uma denúncia.

Para se deslocar até as cavernas constatou-se a existência de trilhas no mato, antigos caminhos de gado difíceis de percorrer, não possuindo uma forma

³⁴ Vide página 58.

segura de acesso. Isso exige dos turistas convencionais um preparo físico típico dos jovens praticantes do turismo de esportes radicais, e não do visitante contemplativo da natureza, podendo reduzir consideravelmente o potencial turístico das grutas.

No interior das cavernas, apenas pessoas experientes e conhecedoras conseguem se orientar, inexistente iluminação ou qualquer outro tipo de preparo ou placas indicativas para visitação pública. Além disso, o Parque não possui qualquer forma de prestar assistência em caso de algum acidente, pois não existe um posto médico ou bombeiros com equipe de resgate.



Foto 20: Ciclistas que pedalam mais de 400 km para ir à Terra Ronca.
Fonte: www.vaiencarar.com.br/html/modules/trilhas em 13/10/2008.

A primeira expedição científica organizada para estudar as cavernas da região de São Domingos, ocorreu em 1970, pela Sociedade Excursionista e Espeleológica de Ouro Preto³⁵, a qual foi atribuída a descoberta oficial da gruta de Terra Ronca.

O nome Terra Ronca tem sua origem relacionada ao forte som que é emitido em seu interior em determinadas ocasiões. A opinião mais aceita, é de que o ronco é decorrente do trote dos cavalos em uma trilha de terra que ligava São Domingos a Posse. Essa trilha passava em cima da abertura da caverna, o trote dos cavalos

³⁵ SEE (2001, www.bambui.org.br),

produzia ecos no seu interior como um ronco, por esse motivo a caverna recebeu esse nome.

Existem outras versões populares sobre o nome, como o dos ruídos serem produzidos pela correnteza do rio da Lapa, que adentra o interior da caverna e, em determinados trechos, produz um som muito forte.

Quando questionados sobre o testemunho dos ruídos emitidos pela gruta, todos os entrevistados se referiam a uma suposta terceira pessoa não identificada “dizem que a gruta ronca, mas nunca ouvi”, ou então, “antigamente o pessoal ouvia uns barulhos lá”. No entanto, ao serem indagados sobre quem efetivamente já ouviu o fenômeno acústico, ninguém soube dizer.



Foto 21: Vista de dentro para fora da Gruta do PETeR.
Fonte: Ribeiro, 2008.

A origem do nome da gruta, poderia ter sido em função do imaginário popular sobre algum ruído na caverna, constituindo-se a partir daí uma lenda, que como visto anteriormente, é uma narrativa transmitida pela tradição oral de eventos geralmente considerados históricos, mas cuja autenticidade não se pode provar, são histórias fantásticas ou imaginosas. Mas o ronco da gruta também pode ser atribuído a eventos isolados de desmoronamentos ou rolagem natural de pedras no interior da gruta que, em razão de algum observador estar nas proximidades, acreditou-se que

a terra realmente roncava. Na entrevista colhida com o guia Ramiro (em 28/08/2008), nascido e criado a 100m da entrada da gruta, também se repete a justificativa de que “eu nunca ouvi nada, mas o pessoal sempre falou que roncava”.

Assim, concluímos que a lenda de Terra Ronca não é fruto somente do imaginário popular, ela sobreviveu na memória das pessoas por muitas décadas, portanto, existem fatos verídicos nas lendas.

De acordo com relatos dos entrevistados, é a tradição assimilada pelos romeiros que a gruta de Terra Ronca possui poderes terapêuticos alcançados ou através da ingestão de água do rio Lapa. No salão denominado “Hospital” são atribuídos diversos casos de milagres acontecidos com homens e bichos. O guia Ramiro (em 28/08/2008), nos conta:

[...] o “hospital” é um lugar sempre verde. O capim sempre esta bonito. O povo leva o gado magro pra lá, perto de morrer, o gado engorda e eles voltam com ele... ficam feliz. O salão fica na ressurgência da gruta, do outro lado.

Quando questionado sobre algum milagre acontecido com pessoas que ele próprio tenha sido testemunha, nos relatou:

[...] já conheci um cara aleijado que andava se arrastando no chão, fez a promessa que se ficasse bom ele deixava as muletas aqui. Ele deixou até as botas aqui. Hoje ele é tecladista e tem uma banda sertaneja. O nome dele é Alfonso, mora em Posse.

Sobre se haveriam mais casos de seu conhecimento de milagres alcançados na gruta, ele nos afirmou:

[...] já... tem vários. Tem gente que tem cabelo ruim e fez promessa pra ficar bom e a água que goteja do teto (da gruta), o cabelo ficou bom [...]. Tem promessa pra casar, e sem saber, arrumou namorada e casou, fazendo promessa [...]. Atrás do altar (dentro da gruta) tem um monte de muleta, braços, de cera, [...] Desde a década de 20, antes deu nascer o pessoal já achava que tinha milagre ali [...] também já fiz promessa e aconteceu o que

eu estava querendo - Não quis relatar qual a graça que alcançou com a promessa.

Considerando que um mito pode ser definido³⁶ como “uma tradição que, sob forma alegórica, deixa antever um fato natural ou histórico revestido de simbolismo”, é comum em um local sacralizado, a busca de situações que reforcem o sentimento religioso. No caso, o salão denominado de “hospital” evoca o milagre da cura, necessário para dar sustentação à existência da romaria.

2. 2 Cavus, Gruna ou Grupta

O termo Caverna provém do latim *cavus*, buraco, e gruta ou gruna, do latim vulgar *grupta*, e é considerada como tal toda cavidade natural com dimensões que permitam o acesso a seres humanos. Ocorrem com maior frequência em terrenos formados por rochas sedimentares, em rochas ígneas³⁷ e metamórficas³⁸, além de geleiras e recifes de coral.

A sua origem é decorrente de uma série de alterações geológicas, combinadas com transformações químicas, ações sismológicas, biológicas e atmosféricas.

Em alguns casos, essas cavidades também podem ser chamadas de tocas, lapas ou abismos. Os termos relativos ao termo caverna geralmente utilizam o radical *espeleo*, derivado também do latim *spelaeum*, de "caverna", da mesma raiz da palavra "espelunca" (LINO, 2001).

Os espeleotemas³⁹ são formações minerais típicas que ocorrem nas cavernas, a exemplo das estalactites, estalagmites, colunas, cortinas e inúmeras outras tipologias. Suas formas, cores e dimensões dependem principalmente da morfologia da gruta, do tipo de mineral depositado e do mecanismo de deposição

³⁶ Dicionário Michaelis

³⁷ Rocha ígnea - rocha magmática ou rocha eruptiva é um tipo de rocha que resultou da consolidação devida a resfriamento de magma derretido (SUGUIO, 1980).

³⁸ Rochas Metamórficas - Resultam da transformação de outras rochas preexistentes, agora, sob novas condições de temperatura e pressão. Ex.: Mármore, Gnaisse, etc.(UNESP, 2008)

³⁹ Espeleotema ou concreção é o nome genérico de todas as formações rochosas que ocorrem tipicamente no interior de cavernas (AULETE DIGITAL, 2008).

(gotejamento, escorrimento, exsudação⁴⁰ etc.). A água é o agente promotor de todos os processos de formação de espeleotemas (AMBIENTEBRASIL, 2007).



Foto 22: Espeleotema na gruta de Terra Ronca
Fonte: Folder da Pousada São Matheus, PETeR, 2008.

Essas formações, que podem se apresentar tanto como delicadas e frágeis flores de pedra ou como gigantescas estruturas minerais, ornamentam as cavidades, aumentando seu potencial turístico e, por vezes, religioso, dada à semelhança no imaginário popular, de alguns espeleotemas com imagens sacras ou zoomórficas⁴¹. A riqueza dos espeleotemas coloca várias cavernas brasileiras entre as mais belas de todo o mundo (PANISSETE, 2004).

2.3 As Cavernas na Sociedade

As cavernas sempre exerceram grande fascínio no imaginário, atraindo o ser humano para o seu interior desde os tempos da pré-história. A região de Terra Ronca não é diferente, atrai milhares de turistas todos os anos para as festividades da romaria do Bom Jesus da Lapa. São turistas religiosos que buscam a

⁴⁰ Exsudação é o termo usado para designar o fenômeno migratório das águas (AULETE DIGITAL, 2008).

⁴¹ Zoomorfismo: Culto religioso que imprime forma animal à divindade (HOSTDIME, 2008).

espiritualidade. E também o turista convencional, interessado nas belezas da natureza e das grutas.

Para entendermos melhor essa relação do homem com as cavernas, e a conseqüente formação de todo o processo simbólico que ela representa até os dias de hoje, como as romarias, procuramos na história as repostas para tal associação.

Consta no livro “Le Roi du Monde” (Souza, 1978) que várias tradições foram desenvolvidas ao longo do tempo, associando as cavernas com os aspectos psicológicos do ser humano. A caverna simbolizaria o coração do homem. O lugar interior onde se busca o auto-conhecimento. Um lugar em que os homens santos do passado meditavam ou conversavam com Deus.



Foto 23: Cavernas da Capadócia - Turquia
Fonte: ISTOCKPHOTOS, 2008.

Ainda segundo o autor, no judaísmo, Jacó se refere a uma misteriosa cidade “Luz”, que tem sua entrada secreta através de um subterrâneo. As portas dessa cidade da imortalidade só poderiam ser possuídas a quem tivesse pureza de espírito. Dessa lenda se originou a expressão “Abre-te Sésamo”, da caverna mágica de Ali-Babá e os Quarenta Ladrões.

No imaginário árabe, o Profeta Maomé faz referências ao Mundo Subterrâneo no Alcorão. No Sura⁴² XVIII e XX, com o título “A Caverna”. Os hóspedes da caverna seriam os detentores de milagres. E também relata a exaltação a Allah, a quem

⁴² Versículos do Alcorão.

“pertence ao que está nos Céus, o que está na Terra, o que está entre ambos e o que está debaixo da terra” (ADRIÃO, p. 167, 2007).

O próprio profeta Maomé, nascido em 570, na cidade de Meca, tem sua história de vida ligada às cavernas. Quando estava na caverna de Hira, perto de Meca, no ano de 610, teria recebido a visita do anjo Gabriel que lhe ordenou a sua missão e ditou os primeiros versículos do Alcorão. Maomé abandonou sua profissão de condutor de caravanas e começou sua vida religiosa de pregação (SOUZA, 1978).

Na Turquia, os templos cristãos eram subterrâneos. Sua arquitetura era bem trabalhada, à semelhança com a arquitetura da superfície. No decorrer do tempo, esses templos transformaram-se em grandes comunidades subterrâneas (GRABIANOWSK, 2008).

Nos primórdios do cristianismo, as pessoas buscavam o isolamento por questões religiosas. Viver nesses lugares possibilitava rezar e meditar, sem as interferências do mundo externo. As cavernas ganharam mais importância durante séculos VII e VIII, quando os cristãos foram perseguidos pelos árabes na região do Oriente Médio.

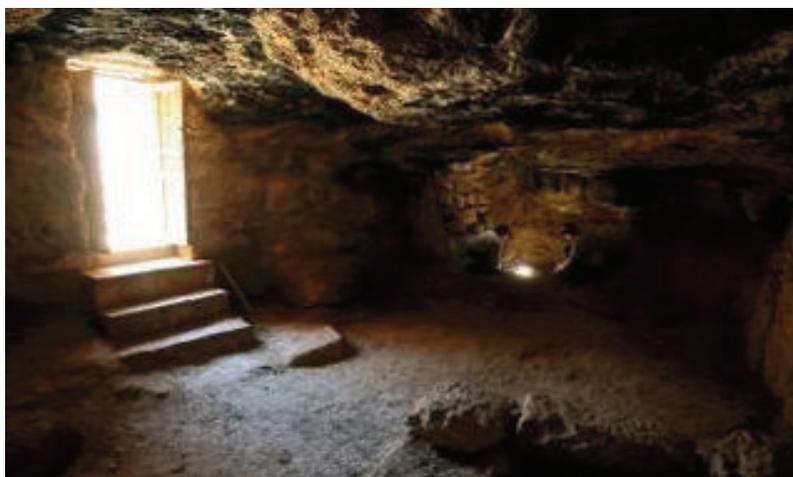


Foto 24: Caverna com a primeira igreja católica do mundo.
Fonte: BBC BRASIL, 2008.

A reportagem da agência BBC BRASIL (2008), divulgou a descoberta de uma igreja católica considerada como a mais antiga e conhecida. Essa igreja localiza-se em uma gruta datada do período entre 33 d.C. e 70 d.C., na cidade de Rihab, no norte da Jordânia.

A reportagem conta, ainda, que os primeiros cristãos teriam se refugiado na região por causa da perseguição religiosa que tiveram em Jerusalém. Essa igreja, protegida dos olhares da superfície, teria sido um local adequado para adoração e para a moradia dos seguidores de Cristo.

Nesta capela foi encontrado um túnel que conduz a um reservatório de água e a diversas inscrições localizadas no piso da igreja (caverna) que cita uma passagem dos "70 amados por Deus e o Divino" (BBC BRASIL, 2008).

Ainda segundo a BBC, a descoberta dessa caverna foi considerada pela Arquidiocese Grega Ortodoxa "um importante marco para os cristãos de todo o mundo, pois acredita-se também que Jesus Cristo e a Virgem Maria tenham passado por esta região".

Com o passar dos séculos, os usos de cavidades subterrâneas foram se alterando. Algumas pessoas passaram a viver em cavernas por tradição de família, ou por necessidade. Atualmente existem pessoas que constroem suas casas no formato de caverna por uma questão de consciência ambiental. Essas casas modernas (cavernas artificiais) são intencionalmente esculpidas na rocha ou construídas com concreto (GRABIANOWSK, 2008).



Foto 25: Restaurante Alux: "Un lugar único que esperó miles de años para que usted lo pueda disfrutar. Venga y conozca las maravillas de la Naturaleza y pruebe nuestros deliciosos platillos". México, 2008.
Fonte: <http://aluxlounge.net/>

Na Espanha, existe uma antiga tradição de se fazer cavernas de argila. Nas proximidades da cidade de Granada, diversas cavernas são às vezes habitadas por

moradores de rua. No entanto, também existem cavernas de luxo, construídas propositalmente com modernos sistemas de segurança, aparelhos de ar condicionado, e água encanada (GRABIANOWSK, 2008).

De um modo geral, as pessoas apreciam o ambiente exótico das cavernas, chegando a existir um grande mercado de compra, venda e aluguel de grutas, além de diversas outras atividades comerciais em quase todo o mundo.

Em outras partes do planeta, como no Afeganistão, as cavernas não são utilizadas para fins tão pacíficos. Os integrantes da organização talibã utilizam as grutas como esconderijos contra as tropas americanas e, eventualmente, como moradias.

Na Cisjordânia, grupos de palestinos vivem nas cavernas que seus antepassados construíram. Elas inicialmente foram construídas porque as pessoas não possuíam recursos para fazer casas (GRABIANOWSK, 2008).

Novas formas interessantes de utilização são frequentemente descobertas para as cavernas, como o projeto de Caverna Congelada para guardar um banco genético vegetal contra catástrofes, que foi construído na Noruega. “Seu objetivo é armazenar sementes vivas por séculos” (EMBRAPA, 2008, p. 2).

Conforme a Embrapa, as sementes são armazenadas no fundo de cavernas artificiais para no futuro poder retomar à produção de alimentos do mundo, em caso de algum desastre natural ou pela mão do homem possa ocorrer.⁴³

Já nos Estados Unidos, muitas pessoas estão fazendo uso recreativo das cavernas, buscando esportes de aventura como o mergulho subterrâneo, ou simplesmente para jogar tênis, nas inúmeras cavernas artificiais (antigas minas abandonadas) que hoje são utilizadas como áreas de lazer (SBE, 2008).

Existe, inclusive, um projeto que está sendo implantado de um complexo esportivo, de nível olímpico, nas proximidades da cidade Crystal City/Missoure. Um verdadeiro shopping subterrâneo com lojas e praças de alimentação.

A mina de Bonne Terre atrai mais de 45.000 pessoas anualmente, que procuram conhecer a história da caverna (mina) construída pelo homem. Também existem cavernas artificiais que as pessoas jogam tênis e baseball desde 1977. A

⁴³ A Embrapa foi a instituição brasileira convidada a participar do projeto com as sementes.

justificativa para tal preferência é “que a ausência de ventos cria condições favoráveis ao esporte” (SBE, 2008).

As cavernas da região de Quênia atraem turistas de todas as partes do mundo. A mais conhecida é a Caverna de Kitum⁴⁴, que guarda desenhos tribais em suas paredes. Também serviram de inspiração para o famoso romance de H. Rider Haggard: “As minas do Rei Salomão” (SBE, 2008).

Uma curiosidade são os elefantes que frequentam a caverna de Kitum em busca de sais minerais. Eles raspam as rochas com seus dentes para lamberem os minerais, esculpindo-as⁴⁵.



Foto 26: Elefantes entrando na caverna no final da tarde. Donald McFarlane, 2007.
Fonte: SBE, 2007.

Ao longo dos tempos, as grutas não se restringiram apenas à moradias, santuários ou turismo no Brasil. Diversos outros usos foram feitos das cavernas, como por exemplo, a canalização de cursos de água subterrâneos e aquedutos para

⁴⁴ Na década de 80, essa caverna ficou conhecida internacionalmente por ter sido relacionada ao vírus Ebola, quando dois turistas europeus morreram após visitar o seu interior (SBE 2008).

⁴⁵ As cavernas de Kitum e Makigeny são únicas no mundo a terem parte delas esculpidas por elefantes. Eles entram ao anoitecer em pequenas manadas e ficam em completa escuridão por longas horas, cavando o sal com suas presas (SBE,2008).

abastecimento de cidades inteiras, como Treze Tílias/SC⁴⁶ e Natal/RN, que são abastecidas pelo aquífero Guarani⁴⁷.

No livro “O Choque do Futuro”, de Alvin Tofler (1972), o autor fez uma conta interessante sobre a genealogia da espécie humana no planeta. Ele afirma que todos nós temos aproximadamente uns 800 avós. E que desses, 650 viveram em grutas. Com isso, podemos concluir que não faz muito tempo que saímos das cavernas.

No Brasil, grutas e cavernas são tidas, ao lado de ruas e viadutos, como "moradias improvisadas", onde de acordo com o Censo (2000), estão cerca de 0,5% dos domicílios no país⁴⁸. São os atuais “homens das cavernas” brasileiros.

As cavernas além de estimularem o imaginário, possuíram diversos usos que contribuíram com a forma de ser, e com a organização das sociedades. Foi o local da primeira moradia da humanidade e onde se iniciou todo o processo de formulação dos mitos, lendas e tradições, que dão sustentáculo a diversas religiões e manifestações culturais até os dias atuais, como em São Domingos e as romarias de Terra Ronca.

2.4 A Luz e a Escuridão

No período colonial, quando os portugueses intensificaram as atividades comerciais no Brasil, a mineração foi um dos ramos mais rentáveis para a metrópole. Os colonizadores demonstraram grande interesse pelas cavernas devido a possibilidade de extração do salitre, necessário para a fabricação da pólvora. Muitas

⁴⁶ Nos anos trinta, deixando uma Europa em dificuldades, o Ministro da Agricultura da Áustria Andreas Thaler decidiu imigrar para o sul do Brasil, e fundou a Colônia Dreizehnlinden. O nome foi inspirado no poema “Die Dreizehnlinden” de Wilhelm Weber, que em português significa Treze Tílias, cidade localizada no oeste de Santa Catarina (Governo de Santa Catarina, 2008).

⁴⁷ O Guarani é um dos maiores aquíferos do mundo, cobrindo uma superfície de quase 1,2 milhões de km². Importantes cidades do país dependem integral ou parcialmente da água subterrânea para abastecimento, como, por exemplo: Ribeirão Preto (SP), Mossoró e Natal (RN), Maceió (AL), Região Metropolitana de Recife (PE) e Barreiras (BA). No Maranhão, mais de 70% das cidades são abastecidas por águas subterrâneas, e em São Paulo e no Piauí esse percentual alcança 80%. (Aquífero Guarani, 2008).

⁴⁸ No Rio de Janeiro várias pessoas foram morar em cavernas ao ficarem desempregadas. (Folha de São Paulo, 18 jun 2004).

delas foram totalmente destruídas, especialmente em Minas Gerais e Bahia (LINO, 2001).

Nesse mesmo período, inúmeras expedições aconteceram, e várias cavernas foram descobertas e exploradas drasticamente, dando início a um processo intenso de degradação ambiental no meio cavernícola. Nas cavernas exploravam ainda o chumbo, o cobre e o guano de morcegos para uso agrícola e a calcita (LINO, 2001).

Durante o século XIX, algumas cavernas começaram a ser visitadas pelo público. No Brasil, as grutas de cunho religioso foram as primeiras a receber um número significativo de visitantes, atraídos mais pela fé do que pela beleza estética. Inúmeras cavernas brasileiras foram transformadas em santuários⁴⁹.

As cavernas não ligadas à religiosidade, voltadas exclusivamente para o turismo de massa, com iluminação elétrica e infra-estrutura, surgiram a partir de 1967, como a de Maquiné, em Minas Gerais. Atualmente existem no Brasil mais de setenta cavernas com turismo regular, incluindo-se àquelas de cunho religioso (LINO, 2001).

A referência mais antiga existente no Brasil sobre cavernas, é um documento intitulado *Speleologia* (1923), de Antonio Olyntho dos Santos Pires⁵⁰, que em 1690, cita que o padre Francisco de Mendonça Mar dirigiu petição ao Rei de Portugal com os seguintes termos:

Havia 26 annos, vivia na Lapa do Bom Jesus, na margem do Rio São Francisco, onde se achava entranhada uma igreja nas serranias daquellas montanhas. Tinha allium companheiro (uma onça, segundo a lenda) e por ali passavam continuamente clérigos, religiosos e outros viandantes, muitos dos quaes vinham cumprir votos feitos ao Bom Jesus e diversos pobres e enfermos que iam procurar alivio a seus males nos cuidados e nos remédios da enfermaria que lá mantinha (LINO, 2001).

O PETeR, no contexto da influência que exerce sobre o imaginário da população, não difere de diversas outras culturas. Os mitos envolvendo os homens, a escuridão, seres fantásticos das cavernas ou curas milagrosas estão sempre

⁴⁹ Dentre as mais visitas estão a Lapa do Bom Jesus, a Gruta Mangabeira e a Gruta dos Brejões, na Bahia e a de Terra Ronca em Goiás, com festas e romarias anuais. Benevides Coutinho, em 1935, descreve o caso da Lapa Nova de Paracatu/MG, quando a população local atribuiu a uma estalagmite semelhanças com a imagem de Santo Antonio de Pádua com o menino Jesus nos braços e, a partir de então, passaram a adorar a imagem.

⁵⁰ Citado em Lino (2001).

presentes e permitem que seja gerado um grande respeito por estas áreas. Ao se estudar a mitologia de alguns povos, podemos observar que as cavidades subterrâneas estão ligadas a ambientes escuros e, na maioria das vezes, aos aspectos religiosos. Na mitologia grega, encontramos a referencia de que a “noite é a deusa das trevas, filha do caos, é a mais antiga das divindades [...] sempre se acreditou que a noite e as trevas haviam precedido todas as coisas [...]” (COMMELIN, 1993, p. 3-5).

A relação do bem com o mal, da luz com a escuridão, também é encontrada na mitologia greco-romana, quando diz; “O inferno é o lugar subterrâneo aonde descem as almas depois da morte [...] todos os caminhos levam ao inferno [...] sua entrada situava-se nas cavernas [...]” (COMMELIN, 1993, p. 187).



Foto 27: Imagem do diabo esculpida na caverna pela natureza⁵¹.
Fonte: PETARONLINE, 2008.

Em todos os tempos as cavernas se confundiram com os mitos e religião. O desconhecido mundo subterrâneo estimula a imaginação popular, no sentido de encontrar explicação para os seres fantasiosos que povoam o imaginário.

⁵¹ Caverna do Diabo. Município de Eldorado/SP

O mundo da “escuridão eterna” estimula as pessoas justamente por possuir características diferentes das normais. A ausência de luz remete à sensação de “caos”, por não se ter referências a respeito de onde fica o céu. Quando se entra, pela primeira vez em uma caverna, a chamada “Boca”, é muito mais do que uma simples entrada, é um portal para um novo universo, desconhecido, misterioso e paradoxal. É o local onde Deus confinou o demônio, ou onde colocou obras divinas, como a representação da Virgem Maria, ou Jesus Cristo para serem adorados.

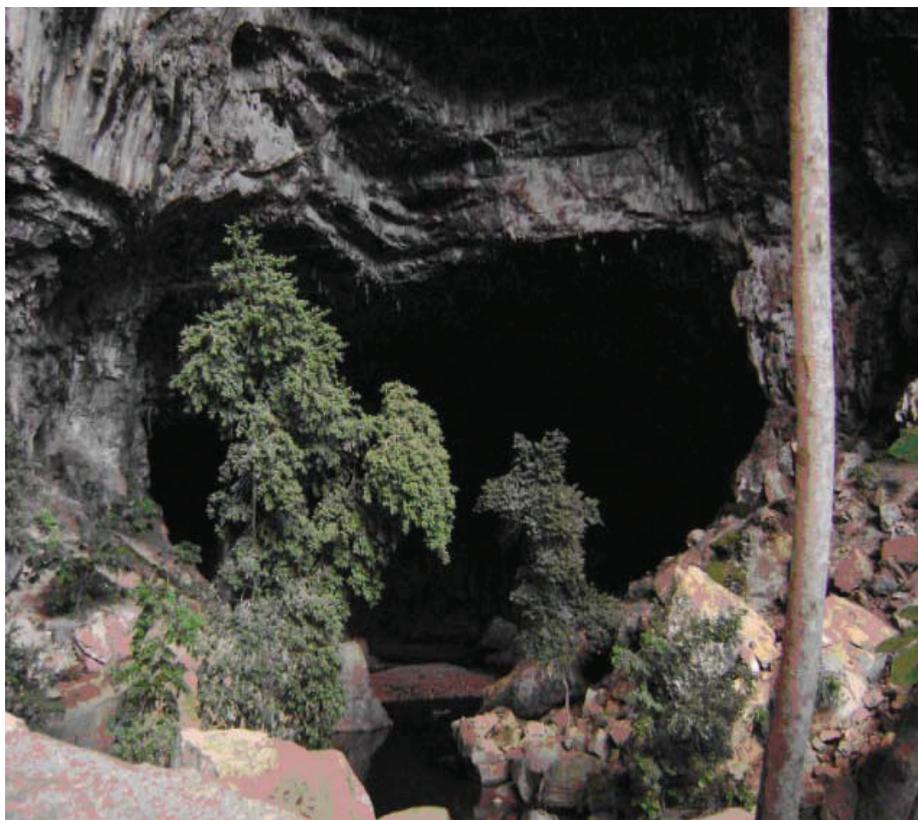


Foto 28: Entrada ou “Boca” da gruta de Terra Ronca
Fonte: Ribeiro, 2008.

A criação desses mitos é decorrente da necessidade humana por explicações para o que não possui referências no cotidiano, e esta procura pode estar ligada, diretamente, ao medo daquele lugar ser efetivamente uma passagem para o inferno, afinal, conforme citado anteriormente, “[...] todos os caminhos levam ao inferno [...]” (COMMELIN, 1993, p. 187).

Na atualidade, alguns locais ainda guardam um significado sagrado para a população, como por exemplo, as peregrinações para Meca ou para o santuário de Fátima, ou para Terra Ronca em Goiás, entre diversas outras que possuem uma estreita relação espiritual. Esses locais foram marcados pelas constantes romarias que os diversos fiéis realizam durante todo o ano, principalmente em datas comemorativas. São manifestações de uma tradição popular que encontram nessas cavidades não apenas a entrada para o reino subterrâneo, mas sim uma passagem para o encontro com o Criador.



Foto 29: Clarabóia na Caverna São Vicente II no interior do PETeR.
Fonte: Yeal Nunes, 2008.

De uma forma geral, as cavernas representam um sentido mítico desde a sua localização. Situadas, normalmente, em lugares de difícil acesso, com desníveis acentuados que aumentam o esforço e sofrimento dos fiéis, durante os períodos de romaria. Isso pode ser interpretado como um ritual de purificação para pagar os pecados cometidos no cotidiano da vida. Dessa forma, a caverna apresenta-se como um local adequado para o encontro com Deus, uma vez que ali estão materializados todos os sinais da religiosidade; o sacrifício, a esperança em dias melhores, a volta do salvador, o local para penitência e o depósito dos votos de fé.

É relativamente comum as grutas serem descobertas por caçadores e depois passarem a ser visitadas por considerarem-na de grande beleza cênica. E, por ser uma obra divina da natureza, acabam colocando uma imagem santa em seu interior. Nesses casos, a romaria tem o seu início, não pelo fato de ter ocorrido especificamente alguma aparição sagrada, mas porque as pessoas do local sentiram a necessidade de encontrar algo sobrenatural, que desse sentido às suas vidas, frente à grande obra da natureza.

[...] ermidas situadas em meio a uma natureza selvagem e inóspita tornam-se focos privilegiados de peregrinação religiosa e lugares de acolhida para viajantes, enfermos ou aventureiros que cruzam os campos, desertos e sertões [...] potencializa o reconhecimento do sagrado nesses espaços (STEIL, 1998, p. 36).

Manter as tradições, e cultuar imagens colocadas posteriormente nas grutas, traduz o aspecto mitológico e real. É a afirmativa de que a crença na imagem depositada pode promover milagres, e isso atrai milhares de fiéis em peregrinação. Como exemplo, podemos citar a estatua do Padre Cícero, que foi construída há pouco mais de vinte anos, por um prefeito da cidade de Juazeiro, e atrai milhares de romeiros em busca de milagres (STEIL, 1998), e o santuário construído em homenagem ao Bom Jesus da Lapa, no interior da gruta de Terra Ronca.

Um espaço comum, segundo Rosendahl (1999), pode ser convertido em um espaço sagrado, de acordo com as características físicas do local. O autor sugere que esse processo simbólico normalmente ocorre de duas formas. A primeira quando envolve algum tipo de manifestação divina sobre certos objetos, pessoas ou coisas. A segunda, quando a sacralização é decorrente da sensibilidade sobre o objeto em questão, e nesse caso, o espaço passa a ser ritualisticamente construído por indivíduos ou grupos de devoção. Em ambos os casos, Rosendahl (1999, p. 234), define o espaço sacralizado como:

[...] um lugar de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Assim o espaço sagrado reflete a percepção do grupo religioso envolvido [...] Na realidade, o ritual pelo qual o homem sacraliza o espaço é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos

deuses. As estruturas simbólicas resultantes são definidas e caracterizadas pela cultura do grupo envolvido.

A relação entre as cavernas, a história oral e a constituição dos mitos e lendas transcende o discurso científico e racional, por vezes chega a entrar no campo da realidade fantástica, descrito por Platão na parábola do Mito das Cavernas⁵². É uma metáfora que descreve a situação geral em que se encontra a humanidade.

Nesse “mito”, o filósofo utiliza a imagem da caverna para explicar que a humanidade está condenada a ver sombras e tomá-las como verdadeiras. É um diálogo sobre presos que estão, desde a infância, no fundo de uma caverna, imobilizados, por correntes, e obrigados a olharem sempre a parede em sua frente. Na imaginação dos presos, fantasiada por causa da escassa iluminação que vinha da abertura do subterrâneo, só enxergavam as sombras do mundo externo, surgindo e sumindo diante os olhos deles. Acreditavam que essas imagens fantasmagóricas, que Platão chama de ídolos, eram verdadeiras, tomando o espectro pela realidade.

O filósofo, em sua narrativa, prevê que, se alguém resolvesse libertar um daqueles infelizes, num primeiro momento, chegando do lado de fora, ele nada enxergaria, por causa da luminosidade do sol, e que em seguida, iria desvendando aos poucos, como se fosse alguém recuperando a visão, as imagens e os objetos que o cercavam. Assim, descobriria um outro mundo, totalmente oposto ao subterrâneo em que fora criado. Platão referia-se aos seus contemporâneos, às suas crenças, mitos, lendas e superstições e evidenciou que o homem comum, liberto de suas falsas crenças e, imbuído pela busca da verdade, consegue “apreender” um mundo mais amplo (SCHILLING, 1995).

Teria sido coincidência o filósofo escolher a imagem da caverna para exemplificar a busca pela verdade interior do ser humano? Ou teria sido, no alto de sua sapiência, uma escolha proposital, baseada na identificação de que a caverna,

⁵² O Mito da Caverna, também chamada de Alegoria da Caverna, é uma parábola escrita pelo filósofo Platão e encontra-se na obra intitulada A República. Trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade (PLATÃO, 1956).

no fundo da alma dos homens, sempre representou o lugar sagrado dos nossos sentimentos mais profundos, dos nossos pensamentos mais íntimos, das nossas certezas, convicções e verdades absolutas. Fato é que o Mito das Cavernas perdura até os dias de hoje, e de forma tão atual quanto da época em que foi elaborado por Platão.



Foto 30: Foto do altar visto de dentro da gruta. Trilha de acesso ao interior a direita.
Fonte: Ribeiro, 2008.

O Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR, foi batizado com o nome da gruta por ser ela a mais atraente, misteriosa e cheia de lendas. Tais como a narrativa que permanece na cidade e na região sobre a Coluna Prestes (década de 20), que diz que com a proximidade do grupo de revoltosos, temendo enfrentamentos, os moradores mais pobres e desarmados se abrigaram nas cavernas por vários dias. O guia Ramiro (2008) nos relatou que:

Meu pai chegou aqui em 1901, eles (Coluna Prestes) passaram em de 1925 para 1926. Eles judiaram com muita gente. Meu pai participou uma vez,

quando a comida acabou e ele saiu para buscar água e botar comida na casa. Quando ele saiu, mais um amigo, ele encontrou com dois revoltosos na estrada. Aí ele pensou assim, eles são dois e nós somos dois, um agarra com um e outro agarra com o outro. Quando meu pai foi andando para se encontrar, ele olhou pra trás e viu o amigo dele indo longe correndo....aí ele correu também dos revoltosos.... Teve um tio meu que eles pegaram prá guia, prá levar nas casas das pessoas... eles deram um tiro no queixo dele... Era uma turma braba, que se aproveitava das pessoas. Eles diziam que vinham para ajudar, para acabar com a pobreza.... só se era prá acabar com os pobres... Judiaram com muita gente....Até a pouco tinha um fogaréu, uma fornalha que eles fizeram para cozinhar. Agora, a pouco tempo, rolou uma pedrona e quebrou tudo lá na gruta (RAMIRO, 2008).

Na festa religiosa da devoção a Bom Jesus da Lapa de Terra Ronca, comemorada todos os anos no dia 6 de agosto, podem ser vistos, em romarias, fiéis católicos de diversas partes do país. Tal prática se fez tradição a partir da década de 20, depois que um morador espalhou ter visto a imagem de Jesus Cristo, na entrada da caverna da Lapa, onde anos depois foi construído um altar de concreto (FENAE AGORA, 2006).

Os entrevistados crêem que as cavernas possuem poderes terapêuticos. No Rio Lapa, que percorre toda a extensão subterrânea da caverna, pessoas e animais encontraram a cura para seus males. O fato é explicado por cientistas como biólogos e geólogos que afirmam que o poder de cura da água se deve ao magnetismo⁵³ e à enorme quantidade de minerais existentes na região (FENAE AGORA, 2006).

Os mistérios e a beleza da natureza atraem espeleólogos, turistas, aventureiros, religiosos e curiosos de todas as partes do mundo, que vem conhecer os rios de águas cristalinas que formam lagos subterrâneos e os gigantescos salões internos das cavernas de Terra Ronca.

⁵³ Existem vários minerais magnéticos na natureza, um dos mais comuns é a magnetita, conhecida também como pedra-ímã. A magnetita ocorre em rochas ígneas e metamórficas, encontradas na maioria das cavernas no mundo todo (LINO, 2001).

2. 5 O Simbolismo das Grutas

Toda produção simbólica da história oral é rica em elementos reais e imaginários, sendo que “o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das idéias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997, p. 12).

O imaginário, no entanto, “[...] utiliza o simbólico para exprimir-se e existir, e por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária” (LAPLANTINE & TRINDADE, 1997, p. 23), sendo que o processo cognitivo reflete a forma específica de percepção do mundo, como a de alterar a ordem da realidade, evidenciando que o compromisso é feito com o real da percepção, e não com a realidade específica (DURAND, 2002). Trata-se de uma relação entre o sujeito e o objeto, que parte do real formando imagens para alcançar a possível representação deste real.

Com relação às cavernas, cabe aqui ressaltar que isso se torna evidente ao analisarmos;

Sua abordagem maniqueísta acentuada vai balizar comportamentos e condutas cotidianas, explicando a realidade e suas desventuras, estabelecendo padrões de boa convivência que regulamentam a coletividade. No imaginário mágico-religioso, portanto, a oposição fundamental à moral dominante é a força rebelde constituída pela entidade maligna, o habitante das profundezas da terra – o Diabo (NOGUEIRA, 2000, p. 67).

No que se refere ao simbolismo que envolve a gruta de Terra Ronca, a dicotomia entre o Bem e o Mal, Deus e Diabo, toma uma nova forma, é um local abençoado que à semelhança dos cultos africanos. Não são identificadas entidades opositoras, no sentido formal entre o Bem e o Mal. E Nogueira (2000) reforça a influência que esse tipo de comportamento exerce ao afirmar que:

Estas construções, em sua maioria advindas da oralidade - ouvidas tradicionalmente através do relato dos contadores de “causos” ou dentro de seu círculo familiar - vão contribuir para a formação das imagens simbólicas e da “sensibilidade” que norteiam o comportamento do homem no mundo real, tangível (NOGUEIRA, 2000, p 70).

Segundo Hark (2000, p.21), existe uma tendência do ser humano de voltar-se para as imagens míticas. O autor considera que os comportamentos arquetípicos⁵⁴ são os pontos de partida para a caracterização de personagens que se imortalizam e transcendem, através dos tempos, nas narrativas mitológicas. Um universo povoado por lendas e símbolos ganha vida em parábolas e apólogos evidenciando que os humanos vivem uma dualidade entre o conhecido e o misterioso, entre o consciente e o inconsciente (COELHO, 1989). A partir do pensamento mitológico nasceu e se desenvolveu o pensamento religioso, e firmou-se a noção de que, para o homem, existe um princípio superior absoluto, que explica e justifica a existência de todas as criaturas.

Os preceitos da história popular, nas opiniões de Randazzo (1996), refletem a manutenção dos valores, do estilo de vida, da sensibilidade e da cultura, em que o interlocutor está imerso, gerando vínculos emocionais, por meio da utilização de personagens arquetípicos. Ribeiro (1986, p.76), também afirma que a literatura popular pode ser considerada “herdeira direta do cantar dos poetas medievais europeus, que construíam seus mitos, reconhecidos, sacralizados e difundidos entre os homens, através dos tempos”.

Guarinello (2001) postula que a função primordial de devoções, festas e ritos é a de re-atualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. E que, ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial, os “Bons Tempos”, porque as manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, significam que há uma busca por uma maneira diferente de reviver o tempo original e promover a purificação. Sem dúvida, há que se ter em mente que o cristianismo inaugurou o tempo litúrgico, baseado na historicidade de Jesus Cristo, o que foi marcante para que as festas sejam repetidas, mas não sejam imóveis ou imutáveis. Isso quebra o ritmo do cotidiano e ajuda o homem na sua busca por identidade, em um determinado contexto social.

Uma das características apontadas por Rosendahl (1999), é de que a identidade se manifesta em função das condições espaço-temporais em que o grupo se encontra inserido, e isso proporciona as condições para a afirmação dos

⁵⁴ Vide pagina 54.

indivíduos e pelo reconhecimento daquilo que os distingue. Para esses grupos, as festas populares são rituais, constituem-se de “momentos especiais de convivência social”, são marcados por manifestações alegres e pelo desenvolvimento de valores considerados altamente positivos. (ROSENDAHL, 1999 p.192).

Essas contribuições teóricas, centradas na relação entre memória e história, mostram que o homem sente necessidade de constituir sua identidade e historicidade, tanto individual, quanto coletiva, não apenas como matéria-prima da construção do conhecimento histórico, mas também como sensibilidade. Como não poderia deixar de ser, em São Domingos a memória e a sensibilidade coletiva também dissemina a existência de mitos, lendas e tradições.



Foto 31: Chegada da romaria na gruta de Terra Ronca.
Fonte: Acervo da família Dalvan, 2008.

As cavernas sempre atraíram a curiosidade do homem e, grande parte da história humana pôde ser desvendada por meio das muitas inscrições rupestres encontradas nelas. Muito mais do que morada dos seres humano do passado, várias delas funcionam até os dias atuais como templos e como incentivo à busca de entendimento das coisas divinas, como é o caso de Terra Ronca e de diversas

outras no Brasil e no mundo. Dois exemplos importantes são Lourdes na França e Bom Jesus da Lapa, na Bahia, entre outras.

A caverna de Terra Ronca também possui esse poder de atrair religiosos. Conta com uma atmosfera de mistério, típica dos ambientes cavernícolas, e são adequadas à visita. Já se tornou uma tradição popular ocorrer a Romaria do Bom Jesus da Lapa todos os anos, nos dias cinco e seis de agosto, uma expressão da fé católica e de manifestação cultural-religiosa que é considerada pelos habitantes como o maior patrimônio da região.

Quando observamos os manuscritos da igreja católica local, verificamos que existem registros antigos da realização de romarias ao Bom Jesus da Lapa, em Terra Ronca:

No início, a romaria era assistida por padres missionários que percorriam as cidades e povoados da região, celebrando missas, casamentos, batizados e ouvindo confissões, em uma atividade da Igreja Católica conhecida como desobriga. Os missionários eram conhecidos por "padres viajantes" e pertenciam à congregação dos padres claretianos. Inicialmente as celebrações em Terra Ronca foram feitas por esses "padres viajantes" que incentivaram os fiéis a pagarem suas promessas na Lapa de Terra Ronca em Goiás, ao invés de fazê-lo na Bahia. A razão pela qual a romaria ocorre nos dias 5 e 6 de agosto, é porque coincide com período que se realiza a romaria em Bom Jesus da Lapa na Bahia.(LIVRO TOMBO, 1928).

O Livro Tombo, aberto em sete de julho de 1928, da Paróquia de São Domingos, faz menção ao que ainda hoje denominam desobriga⁵⁵ e, neste Livro, nas páginas 14 e 15, o padre José Maria, no ano de 1929, define o tipo de manifestação que se costumava fazer, evidenciando que o local já era de romaria, mas não sistematizada.

Outros padres também passaram a visitar o local e celebrar as cerimônias religiosas. Nas anotações do Livro Tombo aparece o nome do padre Leopoldo Ripa citando que ele visitou sistematicamente a Lapa da Terra Ronca e também do padre José de Oliveira, a partir de 1941:

⁵⁵ O sacerdote percorria as vastas terras sob sua responsabilidade, "desobrigando" os fiéis de seus compromissos canônicos: batizava, casava, pregava, regularizava as situações e partia para a aldeia seguinte. Os fiéis ficavam e o padre passava. Configurou-se, assim, um tipo de catolicismo que se caracteriza, como se diz, por "pouco padre, pouca missa e muita festa". (FERNANDES, 1994).

Foram encontradas as seguintes anotações de celebrações em um livro de casamentos e batizados da Paróquia de São Domingos de Gusmão, Diocese Imaculado Coração, do município de Formosa, em Goiás: no dia 23 de abril de 1929, foram feitos 21 batizados e 3 casamentos; em 18 de agosto de 1929, 1 batizado e vários casamentos; no dia 19 de agosto de 1929, 15 batizados e vários casamentos e em 26 de setembro de 1929, vários batizados e casamentos em Terra Ronca(LIVRO TOMBO, 1928, p.15) .

Com o passar dos anos, a romaria tornou-se tradição entre os dominicanos e moradores dos municípios próximos. Milhares de pessoas, por ocasião do festejo, se deslocavam até a gruta para pagarem promessas, fazerem votos, casar, batizar seus filhos e participar daquilo que se transformou na maior manifestação popular da região no final da década de quarenta, a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Muitos também eram motivados pela diversão, participando da festa ou, simplesmente, para fazerem suas compras nos mascates⁵⁶.



Foto 32: Festa do Bom Jesus da Lapa, barracas dos mascates na entrada da gruta.
Fonte: Mateucci, 2004.

Ao analisarmos com mais detalhes o Livro Tombo, identificamos que a

⁵⁶ “No fim do século XIX começaram aparecer os mascates no Estado de Goiás. Libaneses que aqui aportaram com o tino comercial que Alá lhes deu iniciaram em cargueiros de burros. As quinquilharias despertavam curiosidade e interesse do pessoal das fazendas. O "turco" facilitava toda proposta e vendia. Mais tarde já iam às fazendas, de carro-de-boi, com as canastras recheadas de mercadorias”. Texto “Mascate” foi extraído da revista “Folclore do Cerrado nº 12 - Causos e Histórias, volume 8”, editada pelo Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás.

romaria foi iniciada pelo padre José de Oliveira, no ano de 1948 (LIVRO TOMBO, 1928, p.91). Inicialmente, tratava-se de um acontecimento religioso, restrito à gruta, que era tida como um local sagrado, de veneração. E, ainda na página 91 do Livro de Tombo, é descrito um Resumo Ministerial de 1948, com os seguintes termos: “iniciou a Romaria da Lapa de Terra Ronca. O povo tem devoção ao Bom Jesus. Se os vigários futuros a cultivarem terá um movimento avassalador”.

A alusão ao futuro feita pelo padre, pelo significado bíblico, deve ser considerada na medida em que o observador possui conhecimentos profundos da arquitetura religiosa e da história. Os significados da iconografia religiosa aparecem inevitavelmente nestes ambientes. O sagrado da natureza desperta sentimentos inexprimíveis e aparecem aqui concentrados nas preocupações do padre com a questão do movimento religioso “avassalador” que se iniciava. A noção da religião é associada à natureza e à sua estreita relação com os valores que o imaginário reflete no cenário do simbolismo. As formas que unem luz e escuro, dia e noite, céu e terra, típicas dos espaços cavernícolas, conferem uma natureza ilusória. A caverna é um mundo estranho que apenas pode ser visitado, mas que rejeita a permanência do indivíduo do presente, no entanto, as grutas já foram a moradia de nossos antepassados.

Entre a chegada e a saída de uma gruta, podemos observar que existe a sobreposição de dois planos de realidade, não sendo nem o tempo real nem o tempo da história, é um tempo de formas e sonhos, nos quais estão presentes os símbolos do ideal imaginário. Essas realidades escondem a percepção decorrente de um ideal ligado à natureza e ao prazer, que se opõe à descrença ou falta de fé num futuro melhor. Não só devemos considerar a sua importância real, como também convém recordar serem estas ultrapassáveis no tempo. Sem as contradições do ideal utópico não haveria qualquer possibilidade de progresso, ou de visão em um futuro melhor (ATLAN, 1992).

A imagem do romeiro é representada pela pessoa de fé, que promete, recebe e agradece as graças concedidas. E, para agradecer, e evidenciar o reconhecimento por ter sido beneficiada, a pessoa cumpre a sua promessa. Neste caso, trata-se da pessoa que, por tradição e fé, todos os anos peregrina à gruta para participar da homenagem, independente de votos a cumprir, mas como manifestação de

religiosidade. Grande parte dos romeiros são provenientes de São Domingos e municípios circunvizinhos, alguns são procedentes de Brasília e Goiânia, e de outros estados do Brasil.

Segundo Mateucci (2004), os romeiros do próprio município de São Domingos representam 38,0 % do total, os oriundos do município de Posse são 20%, e os restantes 42% dos municípios de Iaciara, Guarani de Goiás, Nova Roma, Divinópolis, Alvorada do Norte, entre outros. Estes dados demonstram ser a romaria de Terra Ronca uma manifestação cultural-religiosa tipicamente regional.

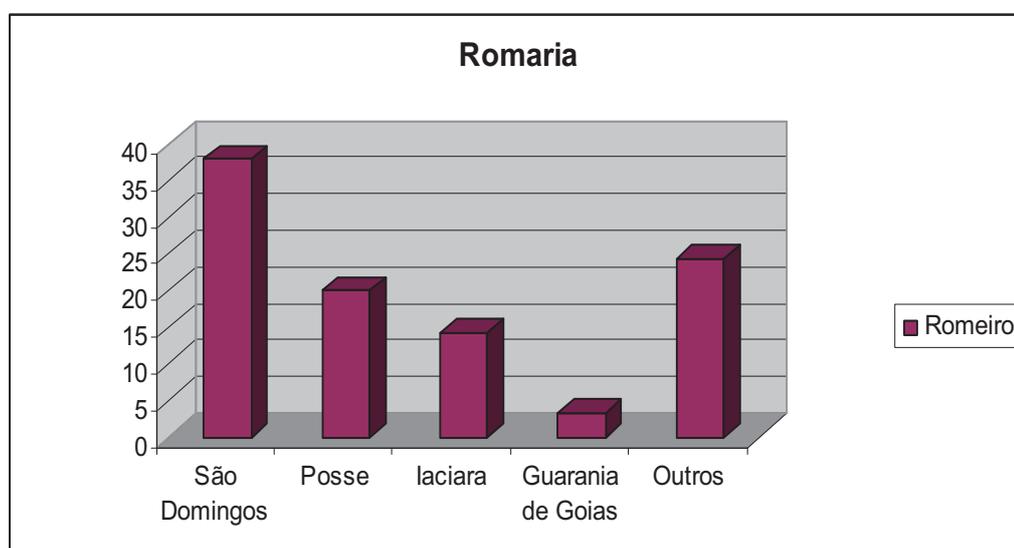


Gráfico 1: Distribuição dos participantes da romaria por origem
Fonte: Ribeiro, 2008

Ao verificarmos o Livro Tombo, encontramos relatos de que em 1948 o movimento de romeiros cresceu significativamente, e isso atraiu muitos comerciantes, provocando mudanças nas manifestações festivas. Para as pessoas do local, isso significou uma boa oportunidade de adquirir mercadorias que só eram compradas em locais distantes, havendo necessidade de deslocamentos para as cidades grandes com grandes dificuldades de transporte.

Mas conforme o descrito no Livro Tombo (1948, p.101), podemos concluir que esse crescimento não foi muito bem recebido pela igreja:

O senso espiritual que deveria cunhar uma Romaria religiosa fica muito aquém da realidade. O número de confissões e comunhões: deficientíssimo.

O diabólico meretrício tem sua nescizinha. Os bailes desrespeitam a solenidade. A franquia em venda de bebidas alcólatras, tem acarretado não poucas conseqüências desagradáveis, deixando cair tonalidades a fortes comentários desairosos, a tais iniciativas católicas. (LIVRO TOMBO, 1948, p.101),

Ao analisarmos a indignação do padre, na citação acima, existe uma aparente contradição com os preceitos bíblicos. O primeiro milagre operado por Jesus aconteceu exatamente numa festa, ocasião em que transformou água em vinho – e do bom - como se apressa a esclarecer o Evangelho (Lc 7,34). Por sua vez, São Paulo não hesitou em dar um conselho a Timóteo: “Deixa de beber somente água; toma um pouco de vinho para facilitar a digestão e superar tuas freqüentes doenças” (Tm 5,23). Mas, como se sabe, a Bíblia é um mar infinito de interpretações, por isso, se nela encontramos elogios ao vinho, há também inúmeras páginas que o condenam com veemência. São Paulo, o mesmo que aconselhou Timóteo a não beber apenas água também citou: “Não vos embriagueis com vinho, o pai da luxúria”.

O cenário⁵⁷ onde esta inserida a gruta mistura uma densa vegetação, rio com corredeira e pedras de diversas tonalidades. A entrada, ou boca, possui uma altura de quase 100m por 80m de largura, e logo a seguir, se abre um enorme salão com teto muito alto, semelhante em altura às grandes abóbadas dos templos religiosos construídos pelo homem ao redor do mundo. Tudo colaborou para se tornar um local místico.

No final da década de 1950, de acordo com as anotações do padre Geraldo Ferracioli (Livro Tombo, 1928, p. 101), foram contabilizadas a freqüência de 3.500 peregrinos. O referido padre também faz referência à caverna, quando afirma que a gruta de Terra Ronca “pode agasalhar, em seu corpo, uma boiada de mais de duas mil cabeças”, passando uma idéia espacial do local.

Uma prática que se tornou tradição até os dias de hoje, é que em função da distância, os romeiros passaram a permanecer por vários dias acampados nas proximidades da gruta ou nas fazendas das redondezas.

O ponto culminante da festa é a hora do ritual de pagamento das promessas,

⁵⁷ Cenário pode ser definido como um espelho da paisagem, na medida que o ajuntamento de coisas sobre um território podem representar uma função com alguma utilidade (BARREIRAS, p. 290, 2002).

que era acompanhado por queima de fogos de artifícios, tanto dentro quanto fora da caverna. Essa prática, coibida atualmente, provocou considerável destruição das estalactites e estalagmites na entrada da gruta, além de possíveis desmoronamentos em seu interior.

A única alteração feita pela mão do homem no interior da gruta, em termos de infra-estrutura, foi a construção da ponte e de um altar para a celebração de missas, batizados, casamentos, etc., resultado do crescimento da romaria, grande afluxo de visitantes e a necessidade de um local para veneração.



Foto 33: Ponte de acesso ao interior da Gruta de Terra Ronca. Altar ao fundo.
Fonte: Ribeiro, 2008.

Segundo os entrevistados, o altar foi patrocinado pelo proprietário da fazenda Lapa, que abriga a gruta de Terra Ronca. Em uma cavidade natural, localizada atrás do altar, funcionava a sacristia no período inicial da romaria. Na atualidade é utilizada como depositário dos votos dos romeiros.

2. 6 Tradições e Conflitos

Os principais elementos que caracterizam um conflito, segundo Nascimento (2001), são: a sua natureza; os atores sociais diversos; o campo específico; o objeto em disputa e a lógica ou dinâmica de evolução. De acordo com este autor, a natureza dos conflitos pode ser originária da ordem econômica, política, social, ambiental, cultural, doméstica, de gênero, religiosa, ética, ideológica, geográfica, internacional, nacional e/ou local.

Essa natureza do conflito é o que diferencia os atores e as suas percepções sobre as questões ou objetos em disputa. É de fundamental importância compreender os atores envolvidos em cada conflito e como eles reagem ou são afetados pela situação. Ainda de acordo com o autor, os atores podem ser caracterizados como indivíduos, grupos ou organizações com capacidade de modificar o ambiente de disputa (NASCIMENTO, 2001).

A criação do Parque Estadual de Terra Ronca foi marcada por vários equívocos que suscitaram diversos conflitos posteriores, e que ao longo de sua história influenciaram significativamente o comportamento cultural e ambiental dos moradores do local.

Independentemente da lei estadual nº 10.879, de 7 de julho de 1989, publicada no *Diário Oficial do Estado de Goiás*, em 19 de julho de 1989, que criou o Parque Estadual de Terra Ronca, as grutas, que constituem o seu maior patrimônio natural já estavam legalmente protegidas pela Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, e que no inciso X do art. 20, considera as cavernas patrimônio da União, quando cita que “São bens da União: as cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos”. Também no artigo 216, inciso V, da Constituição, as cavernas são consideradas como patrimônio cultural do Brasil.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Podemos perceber que houve um grande equívoco quando da criação do

Parque. Ele deveria ter sido criado e implantado por um órgão ambiental federal e não estadual. Isto porque os conjuntos arqueológicos, paleontológicos e ecológicos, incluindo as cavidades naturais, conforme o previsto na Constituição, são de propriedade da União, e não do Estado de Goiás.

Outra característica da legislação estadual de criação do Parque foi a inclusão um viés humanista, manifestado, em princípio, como uma preocupação com o bem-estar da população residente na área do Parque. Para tanto, o artigo 3º assegurou a permanência das populações tradicionais residentes dentro dos limites da unidade de conservação:

As populações tradicionais que, até a data de publicação deste decreto, se encontrarem residindo dentro dos limites do Parque Estadual de Terra Ronca, terão assegurada a continuidade de sua permanência na área desde que harmonizada com os seus objetivos de conservação.

No texto do decreto foi adotada uma postura diferente da concepção de unidade de conservação de proteção integral dominante na época, baseada nos princípios norte-americanos para uma unidade de conservação, de que a melhor maneira de se preservar uma determinada área é “suprimir a propriedade privada e afastar completamente a população das áreas naturais, que deveriam ser mantidas intocadas e intocáveis” (BOLIN, 1965 e DIEGUES, 1996).

Para um melhor entendimento da análise que faremos a seguir, é interessante observar a definição do que é população tradicional, para o legislador, no parágrafo 1º do artigo 3º:

Para efeitos deste decreto, consideram-se população tradicional do Parque as famílias que sobrevivam de roças, de pequena lavoura ou do extrativismo sustentável de recursos naturais renováveis, **voltados estritamente para a subsistência**, e que estejam tradicional e culturalmente integradas à região e comprovadamente residam na área do Parque há, no mínimo **10 anos**. Grifo nosso.

O estabelecimento da escala temporal de 10 anos de permanência na região, como principal identificador da população tradicional, excluiu da comunidade indivíduos que, mesmo como legítimos representantes da cultura local, pudessem continuar habitando a região. O viés, aparentemente humanista e inovador do decreto em possibilitar a permanência de humanos dentro da área de conservação, na realidade configurou-se como um indutor excludente, pois condenou toda a

população a um permanente estágio de atraso⁵⁸, com a exigência de um desenvolvimento econômico “exclusivamente de subsistência”, sem a possibilidade de melhoria no bem-estar.

Um outro dado conflitante surge no parágrafo seguinte do decreto de regulamentação, quando considera a possibilidade de mudança dos moradores das áreas do Parque, colocando-os em áreas afastadas somente 5 km do mesmo.

Caso estudos técnicos demonstrem a **incompatibilidade da permanência** de alguma família de população tradicional no local em que se encontre, **em função dos objetivos de conservação** ou das necessidades de administração do Parque, a sua re-locação somente poderá ser efetuada se dirigida para nova área dentro do Parque ou para outra imediatamente contígua aos limites da Unidade, em um raio de até 5 km desta, e assegurado o seu re-assentamento físico e sócio-econômico. (Grifo nosso).

No enfoque descrito no Decreto, não se percebe nenhuma preocupação com os aspectos históricos culturais das populações tradicionais, que são vistos apenas como sinônimo de população atrasada. Uma população tradicional, na análise que ora fazemos, poderia ser tão desenvolvida quanto uma população urbana, o que interessa, em princípio, é a sua relação conservacionista com o meio ambiente e a preservação do seu patrimônio cultural.



Foto 34: Pecuária de subsistência. Gado pastando livremente no interior do PETeR.
Fonte: Ribeiro, 2008.

No nosso entendimento, consoante com as idéias de Freitas (2008) e Mateucci (2004), as populações tradicionais estão essencialmente ligadas à

⁵⁸ [...] o norte de Goiás começou a ser visto, após a queda da mineração, como sinônimo de atraso econômico e involução social, gerador de um quadro de pobreza para a maior parte da população. (PALACIM, 1979, p.30)

preservação de valores, de tradições, de cultura, ao longo da sua história, não existe uma população tradicional estereotipada e emoldurada num único conceito, o que existem são populações que, por causa de algumas características comuns, são tidas como tradicionais embora, tais pontos comuns não sejam idênticos quantitativa e qualitativamente. As diferenças são reais e totalmente justificadas, não só pelas diferenças do meio em que cada população vive, mas especialmente pelo sistema de produção e o modo de vida que levam.

Conforme Mendonça (2007, p. 15), “a relação entre as populações tradicionais e o meio ambiente natural e cultural é positiva quando há possibilidade de manter o progresso humano, de maneira permanente até um futuro longínquo”. Trata-se, portanto, de concretizar um desenvolvimento econômico sustentável, incrementando o padrão de vida material dos pobres. A pobreza e a miséria são inimigos potenciais do meio ambiente, na medida em que as necessidades de sobrevivência obrigam muitas vezes as populações tradicionais a agredirem o meio ambiente e a perda dos seus valores culturais. As populações tradicionais também devem tomar consciência de que o meio onde moram deve ser fiscalizado por eles próprios, uma vez que eles vivem de tais recursos naturais. Experiências muito positivas já estão sendo feitas em áreas de preservação da Amazônia e em vilas de pescadores no litoral paulista.

A tradição da romaria de Terra Ronca encontra-se atualmente ameaçada por dois fenômenos próprios da modernidade. O primeiro foi a implantação da rodovia GO-108, em substituição às antigas trilhas de terra. A facilidade de acesso reduziu o número daqueles que tradicionalmente acampavam próximo à gruta. Assim, os romeiros passam a se dirigir a caverna apenas nos dois dias das celebrações ou até mesmo tão somente no dia da romaria, 6 de agosto.

O outro aspecto é que a construção da estrada facilitou o acesso ao comércio das cidades para aqueles que residiam nas zonas rurais, que deixaram de adquirir o que necessitavam dos mascates que montavam barracas próximas a entrada da gruta. Uma linha diária de ônibus atravessando o interior do PETeR passou a servir os moradores das redondezas com a sede do município e com municípios circunvizinhos, onde podem se abastecer do que necessitam (roupas, calçados, utensílios domésticos, entre outros produtos), sem precisarem do comércio da

entrada da caverna.

O Parque de Terra Ronca também não escapou das agressões decorrentes das facilidades proporcionadas pela rodovia. Diversas grutas foram danificadas em razão da extração ilegal de areia e calcário, que é transformado em cal e cimento, constituindo-se uma das maiores preocupações dos ambientalistas, em relação à preservação do patrimônio cavernícola (PANISSETE, 2004).



Foto 35: Acidente com caminhão de areia tombado no rio Lapa. A entrada da gruta fica a 100m a direita da foto.

Fonte: Ramiro Hilário dos Santos (Mateuccci, 2004).

Em 2001, houve um acidente com um caminhão carregado com aproximadamente trinta toneladas de areia. A quantidade de areia derramada no rio Lapa, associado à movimentação de terra e escombros da ponte destruída, foram levados para o interior da gruta pelas águas do rio, provocando, possivelmente, sérios danos ao meio ambiente da caverna.

Segundo funcionários da Prefeitura de São Domingos, a criação do Parque pode ter sido o fator que mais contribuiu para a redução do número de romeiros. Quando Furnas enviou o montante de recursos referente à compensação ambiental pela construção da usina hidrelétrica de Serra da Mesa, pela linha de transmissão Serra da Mesa-Samambaia II e pela interligação Norte-Sul, que passam pelo interior do Parque, parte desses recursos foi alocada para a implantação do PETeR, quando foi feito um contrato com uma ONG-organização não governamental de

Brasília, a GEA – Brasil, para a elaboração do plano de manejo do Parque.

O problema, segundo José Pelegrino (2008), foi que a citada ONG, aparentemente demonstrando desconhecimento do que seja o patrimônio cultural em uma unidade de conservação, que não só exemplares da fauna e flora se extinguem, mas também elementos da cultura podem se extinguir, com a aquiescência do órgão ambiental responsável pelo Parque, promoveu, em nome do princípio de “preservação ambiental” a exclusão do homem⁵⁹ da área de preservação do PETeR, retornando ao velho conceito do mito da natureza intocada, criando um verdadeiro ataque a manifestação cultural da romaria, em total dissonância com os preceitos do texto legal de instituição do Parque.

Ainda de acordo com o entrevistado com José Pelegrino (2008), ex-Secretario de Turismo do município, foram estabelecidos um rol de proibições relacionadas à maneira como o povo manifestava sua fé, tais como não soltar foguetes, não montar barracas próximas à entrada da caverna, entre outras, de forma que por medo à repressão imposta por esta organização, os romeiros deixaram de comparecer ao evento. Segundo relatos dos entrevistados, a pressão foi tamanha que muitos romeiros entenderam e divulgaram que estava proibida a realização da romaria. Esse equívoco reduziu significativamente o número de participantes, chegando quase à extinção.

É fácil perceber que alguns danos foram causados ao patrimônio natural da gruta, ocasionados pelos foguetes, porém, devemos considerar que essa destruição não foi revestida de cunho intencional de depredação dos espeleotemas, mas sim pela ignorância sobre seus efeitos naquele ambiente.

Dessa forma, para a preservação do patrimônio natural, seria suficiente a proibição de foguetes e o ordenamento do comércio da festa religiosa, sem a necessidade de acabar com o horizonte cultural dos habitantes da região, e com uma de suas mais antigas tradições, componente fundamental à sua história e

⁵⁹ O mito da natureza intocada e do mundo selvagem diz respeito a uma representação simbólica, pela qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes num estado “puro” até anterior ao aparecimento do homem. Esse mito supõe a incompatibilidade entre as ações de quaisquer grupos humanos e a conservação da natureza. O homem seria, desse modo, um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser excluído e mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma “proteção total” (DIEGUES, 1996, p. 143).

intrínseco à sua identidade.

As interações sociais de parte da população do município de São Domingos também foram alteradas com a criação do PETeR, a partir do momento que a população rural, formada por agricultores que vivem dentro dos limites do Parque, mantinham laços familiares, comerciais e culturais com a sede do município, criando uma frágil dependência social. O que afeta essa população rural tem reflexos diretos nas relações com os habitantes da cidade de São Domingos.

Não se pode assumir posições contrárias ou plenamente favoráveis à criação do PETeR, deve-se evitar abordar temas complexos com atitudes simplistas, e a consequência disso seriam prejuízos para ambas as abordagens. Nestas circunstâncias, ser ambientalista não implica em ser anti-tradicional. Todavia, em situações como esta, é fácil perceber que a parte mais afetada foi a população tradicional. Seus membros foram destituídos de seu modo de vida e foram “expulsos” de seu espaço natural e cultural (DOUROJEANNI, 2000; e ARRUDA, 1997).

Com a expansão populacional experimentada pelo mundo nas últimas décadas, dificilmente uma unidade de conservação é criada em um território isento da presença humana, até porque, este ambiente já estaria naturalmente conservado. Dessa maneira, também é difícil que interesses não sejam atingidos, especialmente em se tratando de uma modalidade de UC como um Parque Estadual de Terra Ronca, cujos usos são restritos. Quanto a esse fato, são elucidativas as colocações de Dourojeanni (2000, p.170):

Isto é verdade para qualquer UC de uso direto ou indireto, em qualquer parte do planeta. Mas é, obviamente, muito mais acentuado no caso de uma UCI (unidade de conservação de uso indireto) já que a princípio nelas não deve haver ocupantes nem usuários dos recursos, e também é mais acentuado onde existe pressão populacional sobre a terra ou os recursos e, no caso da América Latina, onde a legislação ou sua aplicação não define regras claras do jogo, que defendam o interesse da sociedade em geral e das populações afetadas, em particular.

No texto do decreto de implantação do PETeR, foi estabelecido que a instituição responsável promoveria a desapropriação das terras de seus habitantes. Esse procedimento, traduzido na abordagem convencional de conservação da natureza, atropelou toda concepção inovadora do texto legal. A dimensão humana

foi dissociada da natureza, fortalecendo o mito da natureza intocada. O homem foi considerado como inimigo e não como parceiro e integrante do meio em que vive.

Esse processo da implantação do Parque ignorou a complexidade do problema que geraria para a população tradicional daquele espaço, ou seja, a perda da terra e, com ela, a perda da identidade cultural. Conclui-se, portanto, que a desapropriação não ocorreu em razão de danos significativos à natureza, no entanto, degradou consideravelmente o modo de vida da população tradicional do município de São Domingos e, conseqüentemente, dos habitantes do PETeR.

Conforme relatos, essa situação gerou na população um grande sentimento de insatisfação, pois queriam permanecer em suas terras. Muitos deixaram suas terras para irem “morar na rua” até que o órgão responsável pelas desapropriações resolvesse pagar (Mateucci, 2004). Infelizmente, no Brasil a questão da terra transcende o tempo, possivelmente é uma herança do sistema de capitânicas hereditárias, quando eram transmitidas de geração para geração, onde os desafortunados não tinham oportunidade de possuírem seu pedaço de terra.

Um fato intrigante foi a passividade da população tradicional em não reagir à expropriação de suas terras. Nas entrevistas, verifica-se que eles possuem a percepção dos prejuízos que sofreram com a criação do Parque, mas apenas esperam que as coisas aconteçam. Para esclarecer melhor esse paradoxo, buscou-se em Sales (1994, p.103), respostas para esse comportamento.

A gênese da construção de nossa cidadania, está vinculada, contraditoriamente, à não-cidadania do homem livre e pobre, o qual dependia dos favores do senhor territorial, que detinha o monopólio privado do mando, para poder usufruir dos direitos elementares de cidadania civil [...] diria que no nosso país ou bem se manda ou bem se pede. Está no simples conteúdo desses dois verbos o significado mais profundo de nossa cultura política do mando e da subserviência [...] quando me refiro a subserviência e não obediência, estou na verdade redefinindo o outro pólo da alteridade, em termos do pedir, para além do obedecer.

O esperado era que no caso das desapropriações de Terra Ronca, não houvesse, como conseqüência, uma reação social mais significativa. A região sempre foi considerada, como citado anteriormente, como corredor da miséria no Estado de Goiás, dependente dos favores do “senhor territorial”, representado pelas

famílias que detém o poder político e econômico no município há várias décadas.

Apesar das recomendações contidas na Agenda 21, documento da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano: Rio-92 (VIOLA, 1998), determinarem um roteiro de ações concretas para os governos no sentido de se alcançar um modelo de desenvolvimento que seja mais justo e ambientalmente sustentável, em seus princípios afirma que:

Os estados devem reconhecer e apoiar de forma apropriada a identidade, a cultura e interesses dessas populações e comunidades, bem como habilitá-las a participar efetivamente da promoção do desenvolvimento sustentável.

Pela forma como foi conduzida a implantação do PETeR, evidencia-se que não houve a observação da citada recomendação, e a população tradicional não foi capaz de exercer um papel diferente do que o de ser subserviente no seu espaço de vida.

2.7 A Sensibilidade Cultural e Ambiental

Pela análise das entrevistas, pode-se perceber que existe um forte sentimento de rejeição sobre a criação do Parque Estadual de Terra Ronca, originado, em grande parte, sobre as propriedades de terras não documentadas - as posses.

Essa situação ocorreu não como resultado de invasão das terras de algum proprietário formal, mas por ignorância por parte dos agricultores, em sua grande maioria analfabeta (IBGE, 1991), em não realizarem o processo de partilha de heranças das terras de seus antepassados, legítimos proprietários. Por serem pobres, e por não terem realizado inventários, em função dos altos custos, achavam a transferência da propriedade desnecessária, tendo em vista que não havia nenhuma ameaça sobre suas terras antes da criação do PETeR (JOSÉ PELEGRINO, 2008). Esse fato também dificultou e aumentou a complexidade do processo das desapropriações.

Com relação à sensibilidade dos moradores sobre a criação do Parque, eles afirmam que não houve mudanças significativas do estado de conservação atual com o anterior à criação do PETeR, declararam “ter ficado como antes”. Todavia os

entrevistados foram unânimes em considerar haver melhorado o estado de conservação da natureza, em função da existência de proibições por parte do órgão gestor, que são mais ou menos acatadas pela população, como é o caso das queimadas e da extração de madeira e areia.

O sentimento presente é de que a forma como foi conduzido o processo indenizatório, levou muitas pessoas a transformarem em “inimigo”, o órgão responsável pela expropriação do maior bem daquela população. Foram vistos pelos entrevistados como “aquele que veio tirar nossa terra, nosso trabalho e nossa vida”.

Essa “revolta”, verificada na fala dos entrevistados, é expressa pelo ex-Secretario de Turismo do Município José Pelegrino (2008): “pagaram só os ricos, os pobres ficam sem receber e sem trabalhar e eles não deram nem satisfação. O povo é muito medroso”.



Foto 36: Visitantes percorrendo o interior da gruta de Terra Ronca.
Fonte: Travessia Ecoturismo, 2008.

Percebe-se também que é muito difícil os moradores entenderem como a permanência deles pode estar, de alguma forma, prejudicando a natureza, sua companheira de tanto tempo. Para eles, é complicado aceitar que sua sobrevivência, suas tradições e cultura tenham tão pouco valor, mas que o lazer de um estranho visitante, possa ser priorizado.

Ainda que tenham ocorrido tentativas por parte da instituição pública para minimizar essa rejeição, ou não foram compreendidos, ou simplesmente não existiram.

Por meio dos depoimentos dos entrevistados, notou-se que na memória coletiva daquela população o que ficou foi o sentimento de expulsão daquilo que era a sua moradia. Nos dias atuais, muitos desejam receber o valor de suas terras para buscar vida nova, de preferência bem longe dali. Querem esquecer o tormento que passaram, apagando de suas vidas as memórias do seu patrimônio cultural.

De acordo com Guidon (1997, p.295), “a relação entre patrimônio natural e patrimônio cultural é estreita, é uma interação”. Quando um desequilíbrio ambiental ocorre, pode provocar grande destruição do patrimônio cultural.

Ainda segundo o autor (1997, p. 296) as alterações podem mudar a forma de vida de uma determinada comunidade em unidades de conservação. Os principais causadores são as atividades turísticas e a influência exógena trazidas por grupos diferenciados de pessoas, que trazem consigo aspectos culturais que modificam a cultura do local, alterando valores e costumes.

A introdução de novos valores que alteram padrões de comportamento e consumo pode conduzir à desvalorização cultural de uma comunidade, pela expectativa de um desenvolvimento econômico que possa melhorar suas vidas. (ACEREZA, 1997 e FIGUEIREDO, 1999).

Acereza (1997, p.124), estudando os efeitos do turismo sobre o patrimônio cultural de um povo, considera que:

Em relação aos impactos do turismo nos costumes da população local, alguns estudos indicam que este pode chegar a distorcer as culturas autóctones. Todavia, é muito difícil determinar a que grau o turismo é responsável por estes fatos, quando a causa desta distorção pode ser manifestada também através dos meios de comunicação de massa, que podem exercer influência sobre os valores culturais de uma comunidade. O certo é que o turismo, pode em um dado momento chegar a influenciar os padrões culturais de uma população local.

Os estudos de Carvalho (2005) consideram os aspectos perversos das mudanças culturais que ocorreram e as suas conseqüências, nos quais

desconsideraram o patrimônio cultural em favor dos ganhos econômicos, e esclarece:

Outros danos ainda mais graves referem-se à destituição cultural local criada pelo trabalho realizado. A preferência e a implementação de projetos mais facilmente financiáveis, como os de ecoturismo, resultou num grande impacto cultural na comunidade, que hoje vive em função do turismo e assiste à perda de seu patrimônio cultural, vinculada às condições do dólar e inserida forçosamente na indecência do mercado globalizado. (SANCHEZ E CARVALHO, 1999, p. 89).

As tradições populares, bem como a sabedoria do povo, constituem o seu patrimônio cultural, que através dos usos, costumes, lendas, tradições e músicas transmitidas com predominância da oralidade, de pessoa para pessoa, é indispensável para o conhecimento social e psicológico de um povo.

De acordo com Ortiz, (1996, p.72) “ela encerra, na mente dos homens, as potencialidades de um mundo diferente”, estando presente, também, nas artes e nas mais diversas manifestações da atividade humana.

A citação a seguir foi transcrita da Ação Civil do Ministério Público Federal de 24/03/2004, em desfavor da Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais – AGMARN, responsável pelo gerenciamento ambiental do PETeR e demonstra bem a situação atual do Parque Estadual de Terra Ronca.

A Procuradora da República Lívia Tinôco ajuizou perante a Justiça Federal Ação Civil Pública, com pedido de antecipação de tutela, em desfavor da Agência Goiana de Meio Ambiente e Recursos Naturais, IBAMA, IPHAN e da União objetivando a preservação do **patrimônio ambiental e cultural nacional**, localizado em solo goiano, precisamente na unidade de conservação Parque Estadual de Terra Ronca, porção da Reserva da Biosfera do Cerrado – fase Goyaz – no município de São Domingos, onde está sendo posto em risco. A partir de investigações realizadas a Procuradora constatou inúmeras irregularidades na gestão que a Agência Ambiental Goiana vem executando em Terra Ronca ressaltando a má conservação e fiscalização das cavernas pertencentes ao Parque, desmatamento, extração de areia do seu interior, má gestão e aplicação de recursos públicos, ausência de programas de educação ambiental, falta de plano de manejo e **irregularidades no procedimento de desapropriação** de terras... dá à causa, de acordo com o que prescreve o art. 258 do CPC, o valor simbólico de R\$ 1.039.131,52 (um milhão, trinta e nove mil, cento e trinta e um reais e cinquenta e dois centavos), total que foi identificado pelo IBAMA como devido ao erário público federal pela Agência Ambiental Goiana, em função das irregularidades constatadas na execução do Convênio 25/98, que destinara investimentos públicos no

Parque Estadual de Terra Ronca, embora seja a causa, obviamente, de valor inestimável;" (JURISPELEO, 2007). Grifo nosso.

Esta citação judicial demonstra claramente a grave situação de gerenciamento e degradação do meio ambiente natural pelo qual o Parque passa, e suas conseqüências sobre a história cultural do município como um todo. Percebe-se que os problemas políticos e administrativos tiveram grande influência no desinteresse pela manutenção das tradições, mitos e lendas da região, corroborando as opiniões dos entrevistados.

Por meio do depoimento do guia turístico Ramiro Hilário dos Santos, nota-se o conflito existente no PETeR:

[...] Quando ele foi criado eu já era guia aqui. Fez foi piorar. Antes os fazendeiros tinham pasto, gado, [...] aí eles prometeram de pagar, todos ficaram na expectativa de receber, aí ninguém mais limpou o pasto, virou capoeira, virou tudo mato [...] todo mundo fracassado aí dentro.

Entende-se que não se pode parar o tempo ou o desenvolvimento econômico⁶⁰. No entanto, condenar a população de uma unidade de conservação a um eterno estado de pobreza e miséria é estabelecer um estado de não sobrevivência, o desejável é que se promova o turismo ecológico, bem como o turismo religioso, por meio de articulações políticas que tornem possível o processo evolutivo das transformações culturais, acompanhado da preservação dos valores tradicionais da comunidade que vive no interior do Parque Estadual de Terra Ronca.

⁶⁰ O desenvolvimento econômico é um conceito que, por sua amplitude, aproxima a economia das demais ciências sociais. Sua caracterização não se restringe ao crescimento da produção em uma região, mas trata, principalmente, de aspectos qualitativos relacionados ao crescimento. Os mais imediatos referem-se à forma como os frutos do crescimento são distribuídos na sociedade, à redução da pobreza, à elevação dos salários, ao aumento da produtividade do trabalho e à repartição dos ganhos dele decorrentes, ao aperfeiçoamento das condições de trabalho, à melhoria das condições habitacionais, ao maior acesso à saúde e à educação, ao lazer, à melhora da dieta alimentar e à melhor qualidade de vida como um todo. Desta forma, a idéia do desenvolvimento econômico necessariamente se liga a processos dinâmicos que representem rupturas das condições econômicas vigentes (SOUZA, 1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Foto 37: Interior da gruta. Detalhe da vastidão do salão - excursionistas na parte inferior da foto.
Fonte: Lucas Maia, nov. 2007.

Eram poucos, pitorescos, engraçados. Hoje, multiplicados, são muitos, perdidos, sofridos, ensandecidos [...] Espalhados estão, nem teto, nem toca, nem caverna, sobra o chão [...] Pequeno, sozinho, solitário, pouco pode, pouco faz, ao estender a mão, com um pedaço de pão.

Márcia, B. (2007).

A hipótese pressuposta de que a redução da transmissão oral das tradições do município de São Domingos não ocorreu exclusivamente em função das questões econômicas, mas principalmente, em função da criação da Unidade de Conservação Parque Estadual de Terra Ronca, foi confirmada, pois constata-se que a aparente harmonia dos moradores da região com o PETeR, esconde um profundo sentimento de “rejeição” em relação à forma como foi implantado, acelerando o processo de desinteresse pela manutenção das tradições da região.

Por outro lado, foi observado que os turistas, os moradores, bem como os romeiros, não foram responsáveis “intencionais” por qualquer depredação. Em relação à soltura de foguetes, prática essa que faz parte da cultura do brasileiro em todo o país nas datas comemorativas, verificamos que no caso de Terra Ronca, eles causaram reduzidos e restritos danos à entrada da caverna. Neste sentido, para evitar a continuidade desse tipo de prática, não haveria necessidade de excluir⁶¹ o homem, seus saberes e suas tradições do local de preservação ambiental, bastariam medidas de orientação e organização por parte das instituições responsáveis pela preservação da gruta.

Atribui-se os reflexos negativos sobre o patrimônio cultural da região, como resultado da política equivocada de implantação do PETeR, o qual estabeleceu um conflito sócio-cultural e ambiental. No caso dos entrevistados dessa pesquisa, que apesar de estarem vivenciado esse forte sentimento de rejeição, eles possuem um desenvolvido senso de preservação daquele patrimônio natural, pois vêem a gruta como uma particularidade da região que integra a sua vida pessoal, através do simbolismo de suas crenças.

⁶¹ O homem seria um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser excluído e mantido fora das áreas naturais que necessitariam de uma “proteção total” (Diegues, 1996, p. 143).

Entende-se que a alternativa de desapropriar todos os imóveis dentro do Parque gerou insatisfação na comunidade, principalmente porque não teve nenhum compromisso com a preservação daquele espaço, no que diz respeito aos valores culturais dos moradores.

Notou-se que em relação ao contexto ambiental, as cavernas foram preservadas basicamente em razão do seu difícil acesso. Os moradores do município de São Domingos fazem uso da caverna de Terra Ronca apenas em datas específicas, em função do misticismo religioso representado pela romaria do Bom Jesus da Lapa, inexistindo qualquer outro tipo de uso em outros períodos do ano. Também não foram observadas nenhuma ação de cunho institucional em termos de melhoria da infra-estrutura do Parque como um todo e, particularmente, sobre os acessos à gruta e a segurança do turista,romeiros e moradores. A impressão que passa ao observador é de total estado de abandono.

Quanto aos moradores de São Domingos, ainda restam as expectativas de que o turismo possa minimizar a situação de pobreza em que se encontram. Ainda aguardam a indenização por seus imóveis por parte do órgão responsável pela implantação do PETeR. Também sonham com a possibilidade de permanência nas áreas do Parque aqueles que mostram interesse em ficar.

A fragmentação da família, através da conseqüente quebra do elo de transmissão da história oral, pela saída das gerações mais novas da região em busca de melhores condições financeiras, contribuiu de maneira secundária, porém não menos importante, para o processo de redução da oralidade da tradições. Os mais velhos não tiveram mais a quem contar suas histórias, “causos” e experiências. O maior indutor dessa fragmentação foi a própria implantação do Parque Estadual de Terra Ronca, nos moldes em que foi instituído.

Concluindo, o registro das memórias, mitos e lendas, transmitidos pela história oral, foi elaborado no sentido de se preservar os saberes tradicionais dessa comunidade. Conhecer suas histórias valoriza, conserva e transmite a origem cultural do município para as gerações futuras. Por conseguinte, não podemos esquecer que o desconhecimento das estruturas existentes nas sociedades, tem sido a principal causa de fracassos das políticas de preservação cultural e

ambiental, resultando em verdadeiros desastres e descrédito por parte dos moradores com relação as instituições públicas.

Neste sentido é que ressaltamos a importância de se reconhecer os saberes tradicionais, que devem ser pensados, no momento da elaboração de políticas preservacionistas em comunidades como São Domingos e Terra Ronca, bem como em qualquer outra sociedade que habite o interior de uma unidade de conservação, facilitando assim o diálogo, o entendimento e a harmonia de todos os agentes envolvidos .

REFERÊNCIAS

ABREU, R. A Política do Patrimônio Intangível e o Papel dos Museus. **Revista Museu**, Rio de Janeiro, edição de maio 2004.

ACERENZA, M. A. **Administración del turismo** V.1: conceptualización y organización, 4, ed. México; Trillas, 1991.

ADRIÃO, V. M. S. **Serra Sagrada** – Lisboa: Editora Dinapress, 2007.

AMBIENTE BRASIL. **Origem e Formação das Cavernas**. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./natural/index.html&conteudo=./natural/cavernasbrasil.html>. Em: 04/102007.

ANTAS, P.T. & CAVALCANTI, R, B. **Aves comuns do Planalto Central**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

AQUIFERO GUARANI. Disponível em <http://www.oaquifero guarani.com.br/>. Acesso em 04 jul 2008.

ARAÚJO, H. R. C. **Especificidades da Literatura Infantil**. Belo Horizonte: Centro de Educação Permanente Prof. Luiz de Bessa / Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1980.

ARRUDA, R. S. V. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. In: **Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**, 1: 1997: Curitiba. Anais. Curitiba:IAP:UNILIVRE:Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, 1997.

ATLAN, H. **Entre o cristal e a fumaça**: ensaio sobre a organização do ser vivo. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

AULETE DIGITAL. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Software, 2008.

AZZI, R. **As romarias no Brasil**. Revista de Cultura Vozes, nº 4, vol. 73, 1979.

BACHELARD, G. **A Filosofia do Não: Filosofia do Novo Espírito Científico**. Lisboa: Presença, 1984.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARREIRAS, C. C. M. A. **Vão Paranã: estruturação de uma região**. Goiânia: UFG, 2002.

BBC BRASIL, disponível em: <http://www.bbc.co.uk>. Acesso em 28 set. 2008.

BERVIAN, P. A. & CERVO, A. A. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Makron, 2002.

BIBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus e Sociedade Bíblica, 2003.

BOLIN, L. **Prodígios da Natureza**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

BORTOLOTTI, M. Rio Abriga Homens da Caverna no Século 21. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 de jun 2004. Caderno Cotidiano, p. 3.

BRAGA, R. **Plantas do Nordeste: especialmente do Ceará**. Mossoró: 3ª Editora, 1976.

BRASIL. Lei n.6938, de 31 de agosto de 1981. Instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente. Diário Oficial da União de 02 de setembro de 1991. Brasília, DF.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2002.

CARDOSO, C. F. **Introdução: uma opinião sobre as representações sociais**, Campinas, Papyrus, 2000.

CARVALHO, P.G.M. de, et al. **Gestão Local e Meio Ambiente. Ambiente & Sociedade**. Campinas, vol.VIII, n.1, jan/jun 2005.

CLAVAL, P. Campo e perspectivas da geografia cultural. In CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z., **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

COELHO, J. do P. **Dicionário de Literatura**, 3 ed., 4.º vol., Porto, 1979.

COELHO, N. N. **O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo, DCL, 1989.

COLEÇÃO **Os Pensadores**. Platão, vol. III, São Paulo. Editora Abril Cultural, 1973.

COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**, São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CPRM Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais. Projeto Vida, V.1 - **Espeleologia, inventário de cavidades naturais, região de Matozinhos-Mocambo**. 1991.

DE PAULA, W. M. **Múltiplas Manifestações Festivas e Religiosas do Povo de Goiás**. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/rev/Revista18/cap14.pdf>. Em 24/07/2008.

DIEGUES, A. C. S. As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais. In: SERRANO, C.M.T. e BRUHNS, H.T., (Orgs). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**, ed.2.São Paulo: Papirus, 1996.

DOUROJEANNI, M. J, Conflitos Socio-ambientais em Unidades de Conservación de América Latina. In: **II Crongesso Brasileiro de Unidades de Conservação**, 1: Anais. Campo Grande: Rede Nacional Pró Unidades de Conservação: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, 2000.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: Introdução à arquetipologia geral . São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, M. Introdução: O Espaço Sagrado e a sacralização do mundo. In: **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EMBRATUR. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília, 1994.

EMBRAPA. Disponível em:

<http://www.cenargen.embrapa.br/cenargenda/pdf/gforum0303.pdf>. Acesso em 15 out. 2008.

ESPELEOPATY, **Caverna do Diabo**. Disponível em:

www.espeleopaty.vilabol.uol.com.br. Acesso em 29 out. 2008.

FENAE AGORA, **Realidade e Fantasia**, Pegada, nov/dez 2006. Disponível em:

web.fenae.org.br/lumis/portal. Acesso em 28 jul 2008.

FERREIRA, M.M. e AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FERREIRA, M.M. e AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FIGUEIREDO, S. L. Turismo e Cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico. In: Lemos, A. I.G. de, org., **Turismo - Impactos Socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

FONSECA, I. F. da, BURSZTYN, M. **Mercadores de moralidade: a retórica ambientalista e a prática do desenvolvimento sustentável**. Ambiente e Sociedade. Campinas, vol. X, n.2, jul/dez 2007.

FREITAS, M. Natureza, Cultura, Ambiente e Desenvolvimento: um ensaio sobre a viabilidade de uma cultura (comum) da sustentabilidade. In: PARENTE, T. G. e MAGALHÃES, H. G. D. (Orgs.). **Linguagens Plurais: cultura e meio ambiente**. São Paulo: EUDSC, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Disponível em:
<http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default> . Acesso em 4 maio 2008.

GRABIANOWSK, E. D. - traduzido por HowStuffWorks Brasil. Disponível em: <http://ciencia.hsw.uol.com.br/homem-das-cavernas3.htm>. Acesso em 15 out. 2008.

GRELE, R. J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

GUARINELLO N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano In: JANCSO, I. e KANTOR, I. (Orgs.). **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 2001, v. 2.

GUIDON, N. Patrimônio cultural e unidades de conservação no Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**, 1: 1997: Curitiba. Anais. Curitiba: IAP:UNILIVRE: Rede Nacional Pró Unidades de Conservação, 1997.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**, Biblioteca Vértice, São Paulo, 1990.

HARK, H. **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**: a partir dos originais de C. G. Jung. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

HOSTDIME. Dicionário on-line. Disponível em:

www.hostdime.com.br/dicionario/antropico.html. Acesso: 7 abr. 2008.

IBGE 2008 - Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 22 março de 2008.

IBGE CIDADES 2008. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Em 12/09/2008.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 1991**; características gerais da população e instrução; resultados de amostras; Goiás, nº 27. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1991.

_____. **Censo demográfico de 1991**: resultados do universo relativo às características da população e dos domicílios; resultados de amostras; Goiás, nº 27. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1991

_____. **Contagem da População-1996**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vol. 2, 1997.

_____. Delegacia do IBGE no Estado de Goiás: Agência de São Domingos. **O**

município de São Domingos. SEDIBI.

_____. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**; Goiás. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Vol. XXXVI. 1958.

_____. Séries Estudos e Pesquisas em Geociências. In: **Zoneamento Geoambiental e Agroecológico-Goiás/Região nordeste**. Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de 1991**. nº 25, Goiás e Distrito Federal. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1991.

IPHAN. Pagina Web. Acesso em 23/09/2008.

ISTOCKPHOTOS. Pagina Web. Acesso em 29/09/2008.

JODELET, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

JORNAL HORA DO POVO, matéria **A Grande Marcha**, São Paulo, edição de 17/08/2008.

JURISPELEO. **Ação civil do Ministério Público contra o PETeR**. Disponível em: www.jurispeleo.com . Acesso em 23 mar 2008.

LAPLANTINE, F. TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, J. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, C. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

LEI nº 10.879 de 07 de julho. **Criação do Parque Estadual de Terra Ronca**. Diário Oficial do Estado de Goiás, Goiânia, 19 de julho de 1989.

LEMOS, A. I. G. **Turismo: Impactos Socioambientais**, São Paulo, Hucitec, 1996.

LINO, C.F. **Cavernas**: O Fascinante Brasil Subterrâneo. São Paulo: Gaia, 2001.

LIVRO casamento e batizado da paróquia de São Domingos, São Domingos-GO, 1928.

LIVRO tombo da paróquia de São Domingos, São Domingos-GO, 1928.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1999.

MARCIA, B. Homem sem Caverna. Poema publicado na Antologia **Poetas do Café Vol.3'** - XV Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves, RS, Brasil, 2007.

MATEUCCI, M. B. A. **Hóspedes de Si Mesmos: Um Estudo Sócio-ambiental sobre a Unidade de Conservação Parque Estadual de Terra Ronca, GO**. Brasília, 2003. 209 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável-CDS), Universidade de Brasília, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Bom Manual de História Oral**. São Paulo, Loyola, 1996.

MENDONÇA, S. A. **Papel da Modernidade no Rompimento da Tradição**: As Políticas da Seap como Dissolução do Modo de Vida da Pesca Artesanal, São Paulo: Boletim do Instituto de Pesca, 2007.

MIRANDA, A. F., **Tradicionalismo e Modernização em Correntina, no Contexto do Além São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1994.

NASCIMENTO, E. P. Os Conflitos na Sociedade Moderna: uma Introdução Conceitual. In: BURSZTYN. M., org. **A Difícil Sustentabilidade**: Política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro: Garamondb, 2001.

NOGUEIRA, C. R. F. **O Diabo no imaginário cristão**. São Paulo: Edusc, 2000.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História, nº 10, São Paulo, 1993.

MOREIRA, G. A. IV Romaria Diocesana. **O Verbo**, nº 256. Jundiaí, São Paulo, 2007.

ORTIZ, R. **Um outro território: ensaios sobre mundialização**. São Paulo: Ollho d'água, 2000.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786/1888)**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

PALACIN, L. **Goiás 1722-1822 – Estrutura e conjuntura numa capitania de minas**. Goiânia: Ed. Oriente, 1972.

PANISSETE, L. E. **O Meio Cavernícola**. Informativo SBE. São Paulo, vol. 88, 2004.

PELEGRINI, S. C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. São Paulo: Revista Brasileira de História, vol. 26, nº 51, jan/jun 2006.

PESAVENTO, Sandra. Artigo publicado na revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PETARONLINE, **Foto da caverna do Diabo**. Disponível em:
<http://www.petaronline.com.br/cavernadodiabo.htm>. Em 21/09/2008.

PINHEIRO, D. J. **São Domingos**. São Domingos/GO, 1940.

PLATÃO. **A República**. 6.ed. São Paulo, Atena, 1956.

RANDAZZO, S. **A criação de mitos na publicidade**: como os publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

REVISTA JUNGUIANA, edição n. 18, matéria: **A lenda de romãozinho**, São Paulo, 2008.

RIBEIRO, G. **Histórias e Lendas do Brasil**, APEL Editora, São Paulo 1968.

RIBEIRO, L. T. **Mito e poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional de Folclore, 1986.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. São Paulo, Atlas, 1999.

RODRIGUES, A.B. **Turismo e Geografia**: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSENDAHL, Z. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: ROSENDAHL, Z. e CORREIA, R. L. (Orgs.), **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião**: Uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SALES, T. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** n° 25 (9), 1994.

SAMUEL, R. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História** (19). SP: ANPUH/Marco Zero, 1990.

SANCHEZ, C. e CARVALHO, V. S. Práticas alteritárias de educação ambiental: quando a academia vai à comunidade. In: MATA, E. F. et al (Org), **Educação ambiental: compromisso com a sociedade**. Rio de Janeiro: MZ Editora, 1999.

SANTOS, A. C. de Almeida. **Fontes Oraís: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História**. Paraná, 2005.

SBE, **Boletim Eletrônico da Seção de História da Espeleologia**. Ano 1 - Nº 01, de 19/09/2007. Disponível em: www.sbe.com.br. Em 15 de out. 2008.

SCHILLING, V. **História, cultura e pensamento**. Porto Alegre: Só Livros, 1995.

SILVA, T. D. de, O ambiente e o turista: uma abordagem discursiva. In: SERRANO, C. M. T. et al. (Orgs). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. São Paulo, Papyrus, 1997.

SOUZA, H. J. de, **Rompendo os mistérios**, Rio de Janeiro: Aquarius, Fundo Editorial, 1978.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Econômico**. São Paulo. Ed. Atlas. 1993.

SOUZA, M. P.; LIMA, J.E. Intensidade e Dinâmica da Modernização Agrícola no Brasil e nas Unidades da Federação. **Revista Brasileira de Economia**, Vol. 57, n.4, Rio de Janeiro, pág. 2, out/dez. de 2003.

STEIL, C. A. Peregrinações no sertão: viajantes, enfermos e aventureiros cruzam os campos, desertos e sertões em clima de religiosidade, festa e penitência. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, vol. 24, 1998.

SUGUIO, K. **Rochas Sedimentares**. São Paulo: Editora USP, 1980.

TOFLER, A. **O Choque do Futuro**. São Paulo: Editora Record, 1972.

TRAVESSIA ECOTURISMO, **foto excursionistas**. Disponível em:
www.travessia.tur.br. Acesso em 06 out. 2008.

UNESP. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/museudpm/rochas/introducao.htm>.
Acesso em 02 ago. 2008.

VIOLA, E. J. e LEIS, H. R. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: **Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

VILLALTA, L. C. A Igreja, a sociedade e o clero. In: RESENDE, M. E. L. e VILLALTA, L. C. (Org.), **História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas II**. Belo Horizonte: Autêntica/ Companhia do Tempo, 2007.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história**. Ambiente e Sociedade. Campinas, vol. V, 2002.

FONTES ORAIS

ADENILDO Santos, 45 anos, Secretário de Educação do Município de São Domingos – 28/08/2008.

DALVAN Gomes da Silva, 45 anos, Diretor Municipal de Cultura do Município de São Domingos. Ele possui o grande mérito de tentar resgatar a memória das tradições de São Domingos através de registros fotográficos. – 28/08/2008.

DONA HILDA Souza Cruz (Hildinha), 65 anos, proprietária do Hotel Pousada Araújo, em frente a praça central de São Domingos – 05/07/2008.

DONA MARIA Cecília Luz S., 30 anos, nascida em Terra Ronca e residente em São

Domingos – 28/08/2008.

DONA MORENA (Paula Santa Cruz), 60 anos, coordenadora pedagógica e professora do município – ex-Secretária de Educação de São Domingos. É uma das poucas pessoas que conhece com mais detalhes os mitos, lendas e tradições de São Domingos e Terra Ronca – 28/08/2008.

JOSÉ PELEGRINO, 50 anos, ex-Secretário de Turismo e professor do Município de São Domingos. Demonstrou grande conhecimento sobre a história do município. Se auto-intitula “o historiador amador da cidade” – 05/07/2008.

PÁROCO Iron R. da Igreja Matriz de São Domingos – 05/07/2008.

PREFEITURA do Município de São Domingos - 05/07/2008.

RAMIRO Hilário dos Santos, 50 anos, nascido e criado em Terra Ronca, sua casa fica a 100m da entrada da gruta. É considerado o maior conhecedor das cavernas de Terra Ronca, servindo de guia para pesquisadores e turistas desde a década de sessenta – 28/08/2008.

ANEXOS

ANEXO – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

PESQUISA DE MESTRADO EM HISTÓRIA - UCG

DATA DE ENTREVISTA: _____

HORA DE INICIO: _____

HORA TÉRMINO: _____

NOME DO ENTREVISTADO: _____

ENDEREÇO: _____

PROFISSÃO: _____

QUANTO TEMPO MORA NO LOCAL: _____

IDADE: _____

FINALIDADE DA: PESQUISA DE MESTRADO

1 – Tem notícia de alguma pesquisa já realizada sobre a história de São Domingos e Terra Ronca?

2 – Faça um breve relato da sua vida em São Domingos ou Terra Ronca.

3 – Sua família é toda daqui? Filhos, marido, parentes?

4 – Trabalham todos no município de São Domingos ou Terra Ronca?

5 – Vocês tem o hábito de contar histórias da família ou “causos” para os mais novos?

6 – Quais as opções de lazer da cidade ou do campo? Como as pessoas do local se divertem ?

- 7 – Quais as festas que você lembra? Como elas são? Ainda são comemoradas ?
- 8 – Como é a festa do padroeiro da cidade? Qual a origem da festa?
- 9 – As festas são importantes para você? Por que? Qual o significado delas?
- 10 – Você considera as festas muito importantes para a tradição do município?
- 11– O que de mais importante já aconteceu em relação às festas? Quais os principais eventos?
- 12 – Quais os mitos e lendas que você conhece da região de São Domingos e Terra Ronca?
- 13– A festa do Bom Jesus da Lapa de Terra Ronca não causa danos à gruta? Não quebram as coisas lá dentro?
- 14 – Qual a origem do nome “Terra Ronca”? Você já ouviu a terra roncar alguma vez?
- 15 – Por que existe romaria para Terra Ronca? Por que ela existe?
- 16 – Quais as histórias de cura ou milagre associado à caverna?
- 17 – Como foi criado o Parque Estadual de Terra Ronca? Melhorou ou piorou a situação dos moradores? Melhorou a preservação ambiental?
- 18 – Como foi feita a desapropriação das terras?
- 19 – Qual o sentimento que você tem em relação ao PETeR?

20 – Qual a importância que teve no passado e que você dá hoje para a preservação dos mitos, lendas e tradições da região?

21 – Você costuma receber pedidos de turistas que querem ouvir relatos sobre as cavernas? Se sim, : você mesmo relata, ou leva a alguma pessoa mais antiga no lugar?

22 – Você percebe se existem, ou existiram conflitos políticos na região do PETeR, que interferem na vida cultural da população. Afetam suas tradições?

23 – Você observou aumento da conscientização da população do PETeR para a conservação dos recursos naturais? Em que aspecto foi mais relevante?

24 – E quanto aos turistas, você os percebe cuidadosos, ou predadores?

25 – Faça um relato sobre as características históricas das cavernas mais visitadas.

26 – Ficou algum assunto sem ser abordado, ou que você queira falar sobre a administração do Parque, as necessidades ou as carências do lugar ?

27 – Você deseja continuar morando no município?